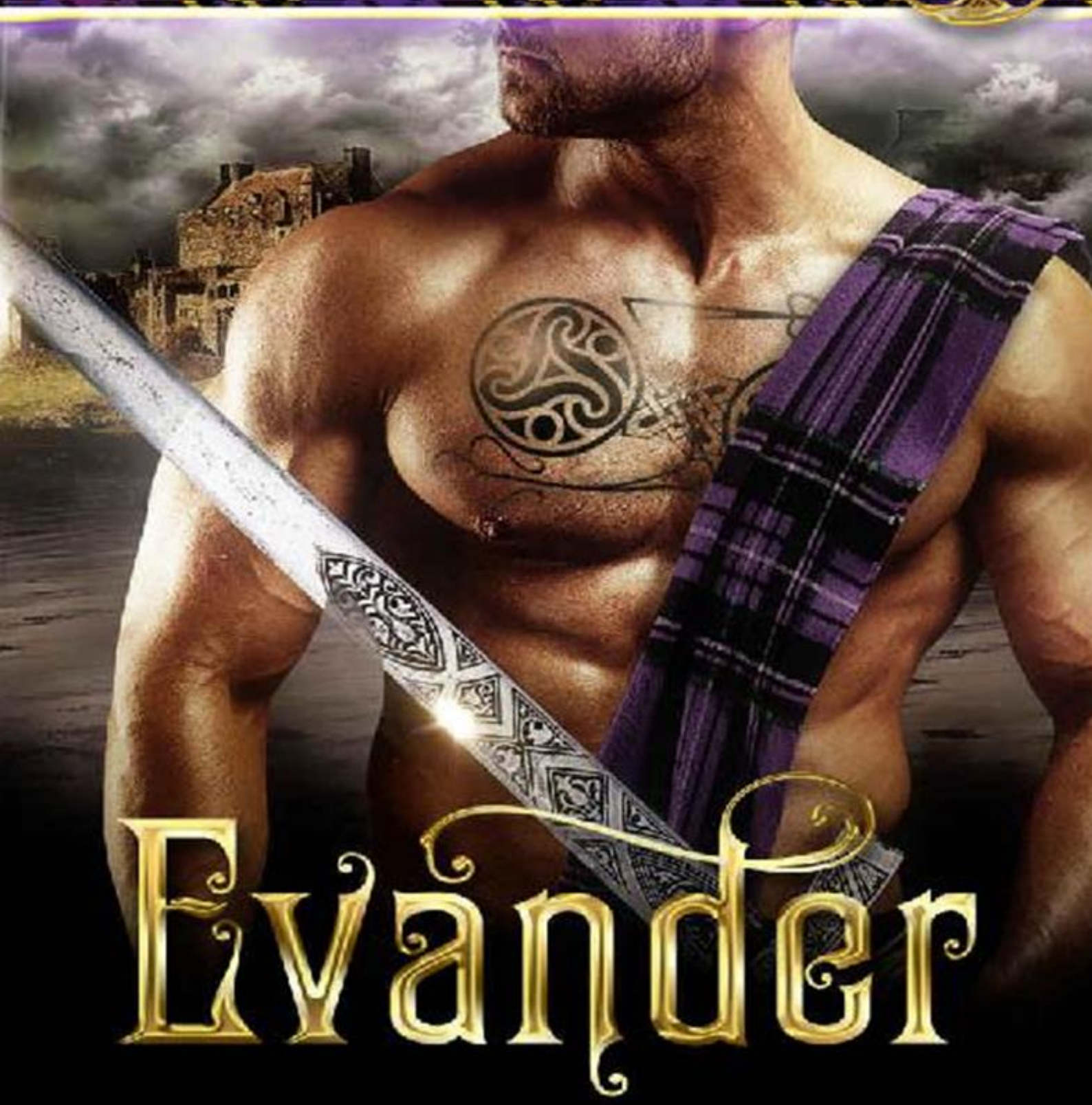
Immortal Highlander Book 3



Evander

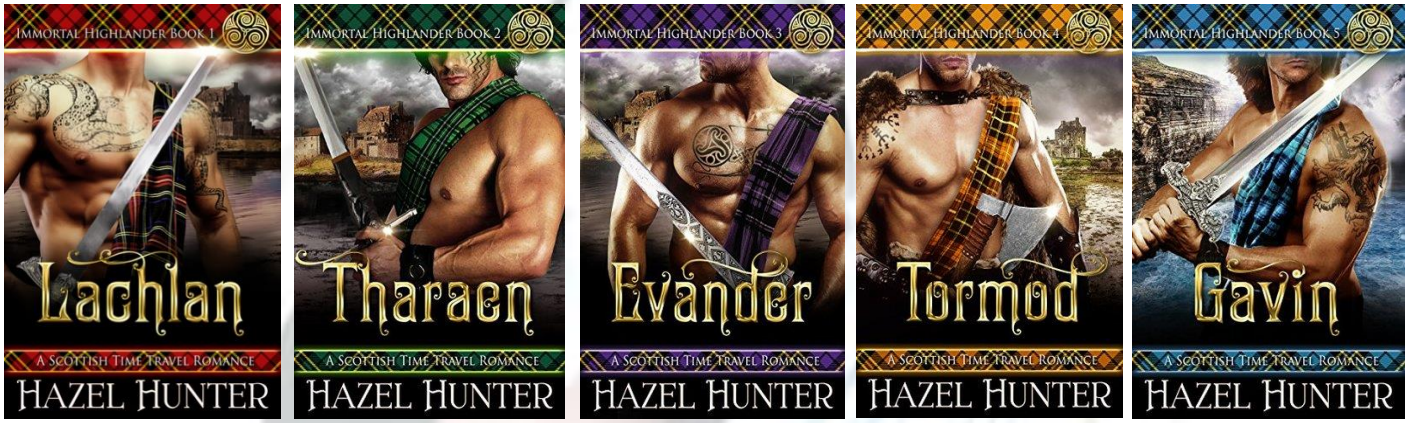
A Scottish Time Travel Romance

Hazel Hunter



EXCLUSIVE STARS BOOKS

Immortal Highlander



Duas almas perdidas forjam algo bonito de algo quebrado.

Rachel Ingram está vivendo o sonho. Herdeira de bilhões, ela está comprometida com o homem perfeito. Mas com a morte súbita de seus pais, seu mundo começa a desmoronar. Quando ela descobre a verdadeira natureza de seu novo marido, sua vida implode.

Evander Talorc está vivendo um pesadelo. Traidor de seu clã de highlanders imortais, ele mora sozinho em um chalé remoto. Mas nem sempre foi assim. Uma vez ele tinha desistido de tudo por causa de seu amante mortal. Então ela morreu da peste. Mas quando ele visita seu túmulo no centro do bosque sagrado, ele encontra o inacreditável.

Abandonada e esquecida, Rachel e Evander se encontram. Mas o resto do mundo não vai deixá-los.

Capítulo Um

Rachel Ingram estava andando pela varanda do jardim com vista para o pavilhão de natação, onde a piscina infinita do pai se espalhava como um lago suspenso no ar. Além dele, seus amados eucaliptos vermelhos de goma escalaram as curvas das colinas verdes da propriedade. Eles forneciam uma ilusão de privacidade, como se todo o mundo pertencesse a Avalon. Às vezes, olhando para o terreno intocado sob o céu azul de porcelana, parecia que sim.

Em Rancho, Santa Fé, uma das cidades mais ricas da América, todos os moradores queriam essa ilusão. No Covenant, o bairro mais exclusivo dentro de seus limites, eles conseguiram.

Uma centena de acres além das árvores antigas e famosas do Ingrams e de sebes altas e esculpidas, ficavam outras imensas casas que pertenciam aos seus bilionários vizinhos. Ninguém foi à mansão inteligente do magnata da tecnologia pedir um carregador extra, ou a opulenta villa de auto-ajuda do guru para pedir uma xícara de açúcar. Isso simplesmente não era feito. Muitos vizinhos sabiam que aqui era o santuário vistoso do medalhista de ouro olímpico, apenas para si e seu esporte, mas também sabiam que ele era um cara sociável.

- Ele está realizando outra festa naquela casa de fraternidade superdimensionada. - Sheldon Ingram freqüentemente reclamou com sua esposa e filha. - Eu posso ouvi-los rolar os barris daqui.

Rachel cheirou a doçura aérea das rosas brancas de sua mãe e olhou para centenas de flores que cobriam a galeria. As espreguiçadeiras dos pais ainda estavam sentadas ao lado da velha mesa de pedra pela qual Beatrice Ingram se apaixonara durante a lua de mel na Europa. Seu pai a enviara

secretamente da Escócia para apresentá-la à sua esposa em seu primeiro aniversário, junto com Avalon.

Algumas pétalas murchas tinham caído sobre a laje maciça de granito com listras verdes, que agora parecia uma lápide tombada, coberta de musgo.

O cheiro de uma colônia de couro familiar passou por ela enquanto passos silenciosos se aproximavam, e ela se apoiou no corrimão.

- Bom dia, Paul.

- Sinto muito incomodar você, Rachel. - O advogado de seus pais veio se juntar a ela, seu terno sóbrio ajustado como se ele tivesse nascido com a seda marinha como uma concha exterior. - Como você está se sentindo?

Ela queria dizer a ele que tinha passado a manhã vomitando, mas ele não precisava ouvir isso.

- Eu estou bem, eu acho.

- Eu pensei em parar e ver se você chegaria a uma decisão sobre a propriedade. - Seu sorriso ficou um pouco desconfortável. - Eu entendo o quão difícil isso deve ser para você, mas o comprador está esperando por uma resposta sobre sua oferta em breve.

Difícil? Rachel franziu a testa. Avalon havia matado seus pais. Ela tinha que vendê-la, só porque ninguém iria deixá-la derrubá-lo no chão. Mas ela não podia dizer isso a Paul Carver. Destruir deliberadamente uma mansão de vários milhões de dólares em vez de vendê-la não era aceitável, e em poucas horas Paul seria seu sogro.

Ninguém queria loucura na família.

- Eu não posso lidar com a venda hoje. - disse ela. - David e eu estamos indo para a cidade para nos casarmos. Então vamos subir e passar o fim de semana na casa de praia. - Ela odiava o quão triste ela soava, falando sobre seu casamento como se fosse um compromisso odontológico. Desde os

funerais, ela se sentia tão exausta e deprimida, e às vezes apenas sair da cama tomava toda a sua força. - Eu sinto muito.

- Manter a simplicidade é provavelmente o melhor. - disse o advogado rapidamente. Ele concordou com tudo o que ela disse, mas, agora que ela herdou a fortuna do Ingram, todos, exceto David, estavam fazendo isso. - Me ligue quando voltar para a cidade e depois conversaremos. - Ele tocou o ombro dela antes de se retirar para dentro da mansão.

Poucos minutos depois, o som ronronante de um Rolls veio da frente da casa, e Rachel observou como o homem que seria seu sogro acelerou a longa curva, parando apenas para que a segurança abrisse os portões.

Pela primeira vez, o comportamento de Paul registrou-se como estranho para ela. Parecia que ele não poderia se afastar dela e de Avalon rápido o suficiente, e ela se perguntou por quê. Seu pai fez de Paul um homem muito rico, e Rachel estava se casando com seu filho. Talvez ele não quisesse, ou simplesmente não gostava dela. No entanto, quando ela disse a ele que eles se casariam, ela sentiu o alívio dele, como se ele tivesse expressado isso.

Rachel sempre se perguntava se deveria contar a seu noivo sobre sua intuição estranha. Mas David poderia pensar que ela estava delirando e, nas últimas semanas, sua sensibilidade tinha sido tão muda que ela raramente sentia suas próprias emoções. Seu pai tinha que estar feliz com o casamento. Se nada mais, Rachel era agora uma das mulheres mais ricas do país.

Foi tudo graças a seu pai, que usou os milhões que herdou de seu pai executivo corporativo para se tornar o investidor iniciante de maior sucesso na história moderna. De telefones inteligentes movidos a energia solar a válvulas cardíacas de substituição de impressão em 3-D, os empreendimentos bancários Sheldon Ingram sempre se mostraram extremamente inovadores e lucrativos ao extremo.

- Eu não sou um gênio. - disse Sheldon a um repórter uma vez. - Eu invisto nas pessoas. Adivinhar quais vão mudar o mundo é o que eu faço de melhor.

Seu pai desacelerou apenas o suficiente para o romance e se casou com Beatrice, a mãe herdeira italiana de Rachel, que trouxera dinheiro do velho mundo, sangue azul e antigas conexões com a realeza européia como dote. Ele construiu este castelo do Mediterrâneo para ela quando engravidou de Rachel, e o chamou de Avalon, e então montou seu reino no Convênio.

Seu pai sempre se imaginou um Merlin em vez de um Rei Arthur. Como tudo o que tocava se transformava em ouro, Midas poderia ter sido mais apropriado. Graças a ele, Rachel nunca teria que trabalhar ou se preocupar, ou fazer qualquer coisa, exceto o que ela queria.

Mas tudo o que ela queria era o que ela nunca mais poderia ter.

Rachel ficaria feliz em dar cada centavo que ela herdou para ouvir mais uma vez a tranquilidade da voz profunda de seu pai e o doce trinado do riso fácil de sua mãe. Eles tinham dado a ela tanto amor que ela nunca considerou como seria se sentir sem ele. Ela não se importaria de trazê-los de volta à vida. Se ao menos ela tivesse pulado a viagem de compras de fim de semana para Los Angeles com David e sua mãe. Ela teria estado aqui quando o fogo começou. Ela sabia que teria acordado a tempo de tirá-los da casa - ou não.

Eu poderia ter morrido com eles.

Quanto tempo Rachel ficou lá desejando o que ela nunca poderia ter, ela não sabia. Ela só saiu de seu transe quando seus dedos começaram a ceder, e olhou para baixo para ver o aperto de dedos brancos que ela tinha no corrimão da varanda. Com cuidado, ela soltou e se virou para encarar Avalon, agora totalmente limpa e restaurada. Os únicos sinais do incêndio elétrico que consumira a suíte principal e que queimou seus pais até a morte eram terra queimada ao redor da ala recém-construída. Em outra semana, a

empresa de paisagismo terminaria de instalar o novo gramado, e mesmo isso desapareceria.

Como seus pais, cremados em sua própria cama.

- Querida?

De dentro do solário, David Carver emergiu suas mãos elegantes segurando duas taças delgadas de champanhe. De seu cabelo curto e loiro até a camisa branca impecável e bermuda, ele parecia imaculado, mas sempre parecia isso. Rachel sabia que ele passara a manhã jogando tênis em um dos arrecadadores de fundos de caridade de sua mãe, e mesmo assim ele ainda parecia engomado e polido, como se tivesse acabado de se vestir.

Rachel admirava a perfeição dele, quem não amava? Mas algo em sua aparência esta manhã a incomodava. Ele parecia quase muito imaculado. Seu noivo ainda tinha a capacidade de suar?

- Estamos brindando a sua vitória? - Ela perguntou.

Uma coisa que a atraiu para David foi que, como muitas outras pessoas, ela nunca poderia lê-lo. Para ela, isso parecia intrigante, bem como muito tranquilo.

- Não, eu perdi meu único jogo para esse ator de Star Wars. - disse David, rolando seus olhos castanhos pálidos quando ele veio para entregar-lhe uma das taças. - Eu fiquei para ver a mãe bater o clube profissional em dois sets. - Seu sorriso brilhou. - Vingança por ele criticando seu *backhand*, eu acho.

Culpa atou o estômago de Rachel. Marianne Carver tinha sido tão gentil com ela desde o incêndio, e ela nem sequer considerou ir ao evento de arrecadação de fundos.

- Seu pai esteve aqui mais cedo. Acho que deveríamos ter convidado seus pais para virem à cerimônia hoje.

Por que ela não tinha pensado nisso antes?

- Rachel, querida, eles entendem. - Seu olhar mudou para a ala reconstruída, e ele enrolou um braço ao redor de seus ombros. - Isso é apenas uma formalidade. Uma vez que você teve tempo de chorar, e você esteja pronta para fazer o grande e bonito casamento que você merece, então teremos nossa família e amigos lá para celebrar conosco.

David queria ser reconfortante, mas só lhe deu a entender que, desde que saíra da faculdade, perdera contato com todos os seus velhos amigos. Ela gostava muito bem dos Carvers, mas era difícil pensar em Paul ou Marianne como sogros ou pais. Eles não pareciam pais de jeito nenhum. Talvez uma vez que ela e David se casassem por um tempo, seus sentimentos mudariam, mas por agora ela se sentia completamente sozinha. Não era autopiedade também. Seus pais eram os últimos membros vivos de ambas as famílias. Rachel não tinha parentes.

Ainda assim, ela sabia que se casar agora era a coisa certa a fazer. Ela tinha tantas decisões a tomar sobre sua herança massiva, e o constante atordoamento em que ela estava desde o funeral só tinha feito aqueles se acumularem. Ela também queria fazer sua própria marca no mundo, da mesma forma que seu pai, fazendo o dinheiro de sua família trabalhar para ajudar as pessoas. David concordou. Ele disse a ela mais de uma vez que a melhor coisa que podiam fazer era continuar o legado de seu pai e realizar sonhos.

- Para o nosso futuro. - disse ele agora, estendendo o copo. - E o dia do nosso casamento.

Rachel tocou seu aro no dele. O casamento deles tinha sido a única coisa que ela teve que esperar, e ela queria desesperadamente ser feliz novamente. David tinha ficado ao lado dela durante os dias mais negros de sua vida, então ela já sabia que ele seria um bom marido. Ela pode não ser capaz de lê-lo, mas tudo o que ele fez lhe disse o quanto ele a amava e queria cuidar dela. A única coisa que a preocupava era algo que ainda não tinham feito.

Eles nunca fizeram amor.

Parecia ridiculamente antiquado, mas David a convenceu a salvar sua primeira vez juntos até depois do casamento. O que ele alegou que seria profundamente romântico sempre fez Rachel se sentir um pouco nervosa. Com apenas dois namorados, não tinha muita experiência com homens, mas gostava de sexo. Sua atração por David não tinha sido exatamente física, mas ela estava ansiosa para ter intimidade com ele. Ela até praticou secretamente algumas coisas.

O que ela faria se eles se revelassem um desastre na cama?

- Você não está bebendo para nós. - disse David, e tomou um gole de seu copo enquanto observava seu rosto. – Segundos pensamentos?

- Parece que eu acabei de enterrar meus pais, e você e eu nunca... Tudo está acontecendo tão rápido. - ela terminou, sentindo-se desconfortável agora. - Eu sei que tenho sido uma bagunça, realmente eu sei. Deus, nem me lembro quando você me propôs.

- Hey. - Ele deu a seu braço uma carícia calmante. - Eu não vou te empurrar para nada, Rache. Mas, por favor, pelo menos beba para o nosso futuro - a menos que você esteja planejando me deixar no Justice of the Peace.

Ela tomou um gole, fazendo uma careta ao sabor amargo do champanhe.

- Eu não vou, eu prometo.

- Pobre querida. - ele arrulhou e deu um beijo suave em sua testa. - Diga-lhe o que, vamos esquecer o casamento e ir até a casa de praia. Podemos passar o fim de semana tomando sol e fazendo amor.

Ela olhou em seus olhos, que a luz do sol se transformou em ouro. Sua súbita mudança de coração a fez se sentir tonta. Ou talvez estivesse bebendo com o estômago vazio.

- Você me disse que queria esperar até a nossa noite de núpcias.

- Eu fiz, não foi? Venha aqui. - David cruzou os braços ao redor dela e apoiou a bochecha no topo da cabeça dela. - Honestamente, querida, eu não acho que posso manter minhas mãos fora de você outro dia.

Rachel ficou tão aliviada que quase chorou. Ele cheirava puro e limpo, e ela só queria envolvê-lo em torno dela e respirá-lo. Mas ela também queria o casamento atrás dela.

- Sinto muito. - ela finalmente disse. - Eu acho que devo estar sofrendo de um caso de nervosismo.

- Você está autorizada, minha linda noiva. - Ele a segurou por alguns minutos antes de ele a colocar no comprimento do braço, e sorriu. - Agora, o que será: um fim de semana muito sexy na praia como novos amantes ou recém-casados?

Quando ela olhou para ele, ela tinha outra de suas intuições. Ele realmente era o futuro dela, e era hora de ela chegar lá.

- Casa comigo. - disse ela.

Capítulo Dois

Casar no centro de administração do condado no centro de San Diego levou apenas uma hora. Rachel usava uma saia simples de cor creme e blazer sobre uma camisa de seda marfim. Embora fosse Chanel, parecia quase muito simples para um casamento, mas ela não tinha mais nada em seu guarda-roupa que fosse branco. Para seu alívio, a cerimônia mostrou-se muito curta e pouco sentimental, pouco mais do que a troca de suas simples alianças de ouro. No momento em que o funcionário entregou a licença de casamento a David, Rachel se sentiu exausta. Ela esperava poder tirar uma soneca no caminho para a casa de praia.

- Gostaria de uma fotografia comemorativa, senhor? - a secretária de meia-idade, que ficou como sua testemunha perguntou. - São dez dólares.

David riu e balançou a cabeça. - Vocês já me tocaram por 80 dólares. Eu tenho que guardar o resto do meu dinheiro para gastar com minha nova esposa. Agora, onde está seu notário público?

- Porta 44 no quarto andar. - disse a secretária.

No caminho para o elevador, Rachel observou seu novo marido pegar um envelope de sua jaqueta. Ele tinha mencionado o notário antes?

- O que você precisa ter autenticado?

- Eu preciso conceder-lhes a procuração. - disse David, e suspirou. - É horrível, eu sei, mas meu pai diz que com todas as viagens que faço, é importante ter uma no lugar. Se algo acontecer comigo, você poderá acessar minhas contas, vender minhas ações e esse tipo de coisa. Naturalmente, minha riqueza não pode ser comparada à de seu pai, mas estou prestes a ter um grande investimento a pagar, então isso me dará alguma paz de espírito.

Que ele confiava nela muito profundamente a tocou. - David, eu não sei o que dizer.

Ele encolheu os ombros. - É o que você faz quando se casa.

No escritório do notário, Rachel procurou em sua bolsa por seus óculos de leitura, apenas para descobrir que os havia deixado na casa.

- Oh, eu esqueci meus óculos.

- Eu posso ler para você, se você quiser. - David ofereceu.

Seu estômago revirou quando uma onda de tontura veio sobre ela. Se ela não saísse logo, ia vomitar em toda a mesa do notário.

- Não, tudo bem. Apenas me mostre onde eu assino.

Depois de apontar para a linha de assinatura para ela, David perguntou ao funcionário: - Você poderia fazer uma cópia extra disso para nós, para que minha esposa possa ler depois?

No momento em que saíram do prédio e chegaram ao carro, Rachel sentiu como se pudesse desmoronar. Ela caiu em seu assento com um grunhido de gratidão.

- Eu não sei por que me sinto assim. - ela disse a David enquanto ele subia atrás do volante. Ela limpou o suor em sua testa e fez uma careta. - Talvez eu deva ver um médico.

- Tire uma soneca enquanto eu dirijo. - ele sugeriu. - Se você ainda se sentir mal quando chegarmos a Monterey ligaremos para o médico da sua família e o mandar vir para casa.

Rachel odiava fazer um barulho, então ela concordou. - Tudo bem. Obrigado pela compreensão.

Ele ligou o motor e sorriu para ela. - Obrigado, minha querida, por não me abater. Você acabou de me tornar um dos homens mais ricos do mundo.

Ela forçou uma risada, mas ele soou quase como se estivesse se regozijando.

- Então a verdade finalmente sai. - disse ela. - Você se casou comigo pelo meu dinheiro.

- Eu casei com *você.* - ele a corrigiu, sacudindo um dedo. - Não sua herança. - Ela notou a luz do sol brilhando de sua aliança de casamento. - Se você quiser, quando voltarmos, você pode doar seus bilhões para os desabrigados. Nós vamos viver da minha renda, o que deve mantê-la na Chanel, contanto que você compre nas lojas.

Sua diversão óbvia a fez se sentir um pouco melhor. - OK.

Rachel se acomodou em seu assento e observou enquanto ele dirigia pela cidade até a interestadual. Quando ele ligou um pouco da música clássica de que gostava, ela fechou os olhos. Pesadelos sobre a queima de Avalon a transformaram em uma insônia, mas agora ela sentia como se o horror estivesse finalmente chegando ao fim. Um momento depois, ela caiu em um sono profundo e sem sonhos.

Algum tempo depois, a sensação do carro parando a acordou. Ela se sentiu um pouco confusa quando olhou para fora e viu o sol poente fluindo através de um bosque de enormes carvalhos.

- Esta não é Monterey. - disse ela sufocando um bocejo.

- Nós estamos em Los Padres. - David disse a ela enquanto desabotoava o cinto de segurança antes de sair do carro e dar a volta para abrir a porta.

Rachel colocou o ombro na bolsa e saiu, mas ficou chocada com o quão instável suas pernas se sentiram.

- Oh, eu ainda não me sinto muito bem.

- Tome meu braço. - disse David e guiou-a para o bosque. - É isso aí. Você só precisa de comida e ar fresco, e é por isso que estamos fazendo um piquenique.

Franziu a testa ao ver o pano xadrez vermelho e branco no chão e o grande piquenique ao lado.

- Quem configurou isso?

- Isso seria eu. - admitiu David. - Eu menti sobre ir ao clube esta manhã. Eu vim aqui para arrumar tudo. Eu tive que fazer isso, Rache. Afinal, este é o melhor dia da minha vida.

Memórias vagas de perseguir borboletas através de um prado voltaram para Rachel. Quando ela e David atravessaram a luz manchada que descia em cascata pelos velhos carvalhos, ela viu um membro torto formando um arco e finalmente reconheceu o lugar.

- Este era o lugar favorito para piquenique dos meus pais quando eu era uma menina. - disse ela, virando-se para o marido. - Como você sabia sobre isso?

- Seu pai me disse. - disse David, e puxou-a para uma parada pouco antes de chegarem à cesta de piquenique. - Ele queria que eu lhe trouxesse aqui quando estivesse pronto para propor, mas decidi salvá-lo para uma surpresa maior. Agora feche seus olhos e não se mova.

Uma repentina e inexplicável apreensão se apoderou dela, mas Rachel ignorou-a e respeitosamente obedeceu-lhe.

- Devo adivinhar qual é a surpresa?

- Você nunca será capaz de fazer isso. - ele assegurou sua voz se afastando dela.

A cabeça de Rachel parecia um pouco mais clara agora, e um pouco do que ele disse a ela não fazia muito sentido. Seu pai não gostava especialmente de David e, mais de uma vez antes de morrer, aconselhou-a

a não se precipitar em nada com ele. Então, por que ele sugeriria que David lhe propusesse, muito menos em um local tão particular de família? E por que sua pele agora estava arrepiada?

- Quando você e meu pai conversaram sobre isso? - Ela perguntou.

- Foi o dia em que pedi permissão para se casar com você. - Os passos de David se arrastaram pela grama quando ele voltou para ficar atrás dela. - Ele não disse sim, se você está se perguntando. Ele nunca gostou muito de mim. Eu tenho que admitir, isso sempre irritou um pouco. Os pais geralmente me amam.

- Ele estava apenas sendo um pai super protetor, eu acho. - Ela balançou um pouco em seus pés. - Então, qual é a grande surpresa?

- Algo que você nunca suspeitou, estou feliz em dizer. - Sua mão correu de sua nuca para um ponto entre as omoplatas, e parou para pressionar contra um espaço em sua espinha. - Ok, aqui está.

Os olhos de Rachel se abriram quando algo longo e afiado bateu em suas costas e a espetou. Ela gritou quando tudo abaixo de suas costelas foi completamente morto. David deu-lhe um duro empurrão no tecido xadrez, que caiu com ela no chão, e então arrancou o tecido de debaixo dela, virando-se para cima no poço raso.

- David, eu não posso me mexer. - Rachel sentiu como se tivesse gritado as palavras, mas elas pareciam arrastadas e sufocadas. Ela não conseguia entender por que ele apenas ficou ali olhando para ela. - Por favor me ajude.

- Você não pode se mover porque a medula espinhal está cortada. - Seu marido dobrou a toalha enquanto olhava para ela, sua expressão serena. - Você ainda não entende, não é? Deus, você é uma completa idiota. Eu te esfaqueei pelas costas, Rachel. Estou *matando* você. - Ele riu, balançou a cabeça e saiu da vista dela.

Quando seu peito engatou, Rachel olhou para os galhos pretos e retorcidos do dossel do bosque. Ele veio aqui esta manhã. Ele planejou

isso. Tudo o que ele disse e fez foi trazê-la aqui e fazer isso. O homem que ela amava nunca a amou. Esta foi a razão pela qual ela nunca foi capaz de captar suas emoções. Ele não tinha nenhum que fosse real.

Ela se casou com um psicopata.

O som de um baú batendo fez com que ela espiasse a beira do poço. David apareceu um minuto depois segurando uma grande pá.

- Você realmente me fez suar quando tentou desistir esta manhã, você sabe. - disse ele, sorrindo. - Estou feliz por ter falado sobre isso. Agora, eu não tenho certeza se você vai sufocar antes que você sangre, mas de qualquer forma, eu não me importo. Eu só preciso de você morta.

Ela não precisava perguntar por quê. Claro que era o dinheiro dela. Um nó de agonia apertou seus pulmões. Era difícil respirar e seu corpo entorpecido esfriava como se ela já estivesse morta. Um monte de sujeira caiu em cima dela quando ele começou a encher o buraco. Rachel arrastou o máximo de ar que pôde.

- Como você pôde fazer isso?

- Jesus, como eu não pude? - Ele respondeu alegremente. - Minhas dívidas de jogo cresceram bastante montanhosas, e a garota que eu estive estragando em Las Vegas engravidou e está me processando por apoio infantil. Meu pai ameaçou me deserdar se eu não encontrasse uma mulher rica para me socorrer. Você sabia que ele me contou tudo sobre você, a doce e tímida herdeira de bilhões? Babe, você estava praticamente implorando para me tornar um viúvo insanamente rico.

- Eles vão saber ... você fez isso. - ela disse a ele, e sufocou quando a próxima pá pousou em seu rosto. - Paul ... vai dizer.

- Papai não vai dizer uma palavra, e eles nunca vão encontrar o seu corpo, sua imbecil idiota.

Ele parou de cavar e se ajoelhou para tirar os sapatos e depois tirou o anel de casamento. Ela não podia sentir o toque dele, pelo qual ela estava grata.

- Por que não?

- Pensei em usar o fogo novamente, mas eles nunca procurarão por você aqui. Hoje à noite vou fazer parecer que você se afogou enquanto estava nadando na casa de praia, e as correntes varreram seu corpo. - Ele se levantou. - Eu sinto muito que eu nunca tenha fodido você, mas tão duro quanto eu estou na cama, eu não poderia arriscar. Mesmo com as drogas que eu tenho te dado, você provavelmente teria me dispensado depois.

Ele parecia tão convencido, mas seu choque e horror diminuíram quando ela percebeu seu erro. Ele removeu o anel dela, mas não o ...

A dor profunda dentro de seu peito inchou, crescendo tão quente quanto uma chama aberta, e seu batimento cardíaco agitou-se como uma mariposa se lançando contra ela.

- Esperto. - ela ofegou. Os sons assobiando vindo do fundo do peito dela. Quando eles terminassem, ela também. - Espero que seja... vale a pena.

- Por favor, cale a boca e morra. - disse David, trabalhando mais rápido com a pá.

O solo que ele amontoou sobre ela logo encheu seus olhos e nariz e boca, e Rachel parou de lutar contra isso. Seus pulmões se arregalaram e seu pulso desacelerou, e a frieza de seu corpo paralisado a fez sentir como se tivesse se transformado em pedra. Dentro de sua cabeça ela podia ver o bosque de carvalhos, que parecia estar rodando na forma de um túnel.

O anseio cintilou em seus pensamentos confusos. Ela veria seus pais novamente? Ela não se importava com David ou o que ele tinha feito mais. Ela estava pronta para ir para o próximo lugar. Ela não sabia se seria como o céu, ou uma nova vida, mas ela esperava que fosse melhor que isso. Qualquer coisa seria.

Uma luz brilhante enchia o túnel rodopiante de folhas e ramos arqueados, delineando a forma de um homem alto parado entre duas luas: uma branca e a outra preta. A lança de aparência letal que ele segurava em sua mão forte curvou-se na forma de uma letra Z virada de lado. Sobre ele seus olhos verdes escuros encontraram os dela, e de alguma forma Rachel sabia o que ele estava pensando.

É a hora. Não tenho mais nada para mim, moça. Eu não posso continuar fingindo que sim.

Imagens de uma mulher de cabelos escuros apareceram na mente de Rachel. Seu corpo apareceu primeiro voluptuoso, e depois lentamente se tornou mais magro. Seu rosto bonito se apertou em uma máscara magra e preocupada, e depois ficou pálido. A última imagem dela estava em uma cama cercada por velas. Seus lábios estavam empolados e seu rosto coberto de feridas abertas, seu peito mal subindo e descendo antes de ficar imóvel.

O homem veio se ajoelhar ao lado da cama e enterrou o rosto no cabelo molhado de suor da mulher morta. Uma inundação de desespero e amor invadiu Rachel, e ela finalmente entendeu. Ele amara a mulher e não queria viver sem ela.

Não. Ela estendeu a mão para ele. *Espere. Não faça isso.*

A mulher de cabelos escuros flutuou por ela, e então o chão se levantou e engoliu Rachel viva.

Capítulo Três

Folhas de carvalho rodipiavam no vento frio enquanto Evander Talorc atravessava o bosque sagrado. A lua estava cheia e brilhante no céu, prateando tudo com sua luz fria, mas ele não se importava mais se alguém o via. Ao se aproximar do local onde enterrara a mulher que amara nada o preocupava.

Ele fez sua escolha. Esta noite seu tormento terminaria.

As antigas pedras pareciam guardar a sepultura sem identificação de Fiona Marphee. Os desenhos Pritani esculpidos em suas superfícies resistidas capturaram o luar e o contornaram com sombra. Como ele, eles vieram ao mundo duro e frio, arrancados do ventre da mãe para serem cortados e gravados por forças poderosas. Ele freqüentemente pensava que se ele ficasse parado o suficiente, ele se tornaria um deles. Que eles vigiariam a sua dama desta noite em diante lhe deu um pouco de consolo.

- Boa noite, amor. - disse Evander, inclinando-se para colocar o buquê de urzes brancas na grama fresca, e depois se endireitou para observar as pequenas pétalas tremerem ao vento. - Já faz semanas que sei, mas o telhado precisava ser consertado. Aquela pequena coruja voltou para as vigas do celeiro. Eu espero que ele vá passar o inverno lá. Deixei o seu cinza com o homem que comprou a fazenda de ovelhas. Ele cuidará dela. Você estava certa sobre o tojo. Eles passaram pela sua urze agora.

Ele ensanguentara suas mãos, tentando arrancar todas as flores amarelas espinhosas dos canteiros de flores que ela havia plantado. Ele sabia que na próxima lua a geada viria para levar tudo, mas ele não suportaria ver a vida sufocada de sua urze. Não quando ele viu seu amor fazer o mesmo com Fiona.

Evander havia arriscado tudo para estar com sua amante mortal, dando as costas ao seu dever e seu clã para fugir com ela. Eles tinham ido tão longe da Ilha de Skye quanto podiam primeiro se escondendo nas terras baixas perto de Aberbrothock antes de viajar para as terras altas do leste perto de Wick. Ele havia vasculhado os lagos e rios até juntar pepitas de ouro

suficientes para comprar um antigo chalé de pastor nas montanhas, a poucos quilômetros de uma pequena aldeia à beira mar. Os mortais locais, a maioria dos quais descendentes de invasores vikings, toleravam suas visitas pouco frequentes para comprar bens necessários. Evander, por sua vez, permaneceu civilizado, mas vigilante.

Eles tinham tomado o nome de Hunter, mas na verdade eles eram caçados.

Apesar de seus esforços para fazer com que Fiona se sentisse segura, ela tinha se preocupado e preocupado todos os dias com o futuro deles. Desde sua fuga, ela estava convencida de que seriam perseguidos, capturados e executados pelo que haviam feito. Todo barulho a fez recuar. Cada visitante enviou-a em pânico. No entanto, no final, seus inimigos nunca os encontraram.

A morte fez.

Não houve aviso de que a doença havia atingido a fazenda do velho pastor. Fiona só ia lá todos os meses para comprar lã para ela tecer, aquela que ela usava para fazer cobertores que Evander levava para a cidade para vender. Ele sempre ia com ela, mas por alguma razão em sua última viagem, ela esperou até que ele fosse caçar antes de ir sozinha. Ele a ouviu gritar, e correu de volta para a casa para encontrá-la imunda e histérica.

- Eles estão todos mortos, até mesmo os filhos. - ela soluçou contra o peito dele. - Eu tropecei e caí na esposa do pastor. A varíola tinha comido o rosto dela... - Ela rasgou a frente de seu vestido. - Tire isso de mim. Ela está superada.

Evander a despira e a limpara, e por mais de uma semana depois, Fiona parecia bem. Sua esperança terminou quando ele acordou uma manhã para encontrá-la se debatendo ao lado dele, e viu as lesões onduladas cobrindo seus braços e rosto. Ele enxugou seu corpo quente e persuadiu-a a engolir um pouco de caldo, e deitou-se com ela até que ela recuperou o juízo.

- Estou farta por agora, rapaz. - disse ela, com seus lindos olhos nublados pela febre.

- Não é sempre tão ruim. - disse Evander. Mas ele sabia que, se ela sobrevivesse, estaria seriamente desfigurada. Não importava para ele. Ela se tornou seu mundo inteiro e sem ela ele não teria mais nada. Ele não *seria* nada. - Você é jovem e forte, querida, e eu cuidarei de você.

- Você ainda não sabe. - ela murmurou, e então descansou uma mão fina contra sua bochecha. - Os deuses estão me levando e libertando você. É assim que deve acabar Evander.

- Agora você está falando tolices. - ele disse e afastou o cabelo da sobrancelha. - Você vai sobreviver a isso. Você passou por pior.

- Quando eu for embora, me coloque no bosque. - disse Fiona e fechou os olhos. - Os deuses vão perdoar o que eu fiz se você me der aos carvalhos. Eu quero dormir com eles.

- Não. - disse ele e apertou a mão à boca. - Fique comigo. Deixe meu amor ser sua força.

Ela balançou a cabeça. - Você sempre foi minha fraqueza.

No final, seu amor e cuidado não fizeram nada por ela. A peste devastou seu corpo antes que ele enchesse seus pulmões e sufocasse a respiração dela três dias depois. Ele a deixou por um momento para buscar água e, quando voltou, ela se foi. Às vezes ele se perguntava se ela tinha esperado que ele saísse para que ela pudesse morrer sem que ele assistisse.

Já fazia quase seis meses e a tristeza não mais o esfaqueou no coração quando ele fez uma visita ao túmulo. No começo, ele vinha toda semana para se sentar com ela e falar sobre o quanto seu jardim estava crescendo e sobre as melhorias que ele havia feito em sua casinha. Às vezes, ele se esticava ao lado dela e simplesmente olhava para as estrelas. Mas cada vez que ele voltava para o bosque, sentia seu coração ficar mais pesado. Fiona não podia ouvi-lo e nunca mais voltaria. Quando ele falou, foram apenas os seus ouvidos que o ouviram. Os dias e as noites que passara no chalé haviam

começado a se confundir, enquanto o mundo à sua volta parecia cinzento e achatado. Tudo o que ele se forçou a comer provou o mesmo. Ele até tentou se embriagar, mas depois de meio jarro de uísque ele só se sentia entorpecido.

Evander não podia mais suportar sua solidão.

Deve parar agora, esta miserável existência imortal dele. A finalidade disso fez uma escuridão inchar em seu coração. Ele estava com raiva e tolo, e ele havia traído os homens que lhe haviam dado uma casa e um propósito. Fiona se foi, e os deuses nunca lhe ofereceriam outra chance de felicidade. Quaisquer que sejam as recompensas esperadas na vida após a morte, nenhuma foi salva por ele. Ele esperava ser condenado ao esquecimento.

- É hora - ele murmurou. - Eu não tenho nada para mim, moça. Eu não posso continuar fingindo que sim. Eu quero caçar os mortos-vivos e matar quantos puder antes que eles me levem. - Morrer dessa maneira, em batalha, era a única maneira honrosa de acabar com sua vida. Também lhe daria a chance de fazer um pouco de bom antes de ir. - Eu não sou desculpa, eu te amei. Você me fez um homem melhor, Fiona. Fique em paz agora, moça.

Sob sua túnica, a tinta de seu espírito de guerra despertou, mas pela primeira vez desde que ele foi coberto, não o encheu de raiva e desejo de sangue. Em vez disso, puxou-o, como se quisesse arrastá-lo ao chão. Ele olhou para baixo.

Sujeira caiu de uma mão esbelta empurrando para fora do chão, os dedos arranhando o ar.

- *Fiona.*

Evander caiu de joelhos, arranhando a terra ao redor da mão até que expôs um braço, depois um ombro e descobriu um rosto. Freneticamente ele enxugou a terra, acalmando-se ao perceber que as feições não eram de

Fiona. Aquela mulher tinha um rosto anguloso e uma mandíbula quadrada, e as sobrancelhas arqueavam sobre os grandes e grossos olhos de cílios.

Um uivo de raiva subiu em sua garganta, que os deuses seriam tão cruéis para lhe dar tal esperança, e então tal desolação esmagadora.

- Por favor. - ela engasgou.

Olhos tão escuros que pareciam pérolas negras abertas olhavam para ele, refletindo tudo o que ele sentia. A terra sujava cada centímetro dela e cheirava a podridão. No entanto, quando sua mão enegrecida agarrou a dele, rasgou seu coração. Alguém havia feito essa coisa doentia com ela, e não eram os deuses.

- Eu tenho você. - disse ele.

Ele trabalhou seus braços debaixo dela, e a arrastou para cima, libertando-a de seu túmulo. Ele fez o que pôde para afastar o solo de suas estranhas vestes brancas. Sua saia deve ter sido arrancada dela, expondo as pernas vestidas com um tecido tão fino que parecia ser feita de teia de aranha. Ela não usava sapatos, mas cheirava a rosas e terra agora.

Quando ele a colocou de pé, ela se virou, revelando que as costas de suas roupas tinham sido encharcadas com sangue fresco - tanto que ele mal podia acreditar que ela ainda vivia.

- Fique quieta. - ele disse. - Voce esta machucada.

- Eu não estou. - disse ela, mas olhou para as pernas e depois para Evander. - Eu posso me mover. Eu não estou morta. - As sobrancelhas dela se juntaram. - Eu deveria estar morta.

Evander fez uma careta, pois sua voz estranhamente acentuada soava exatamente como Kinley Chandler, a mulher do futuro. Dois anos depois, Kinley passara por este portal á muito tempo para salvar a vida de seu Laird, Lachlan McDonnel. E naquela noite, Evander tinha vindo aqui para dizer adeus a sua amante antes de procurar seu próprio fim. Ele olhou para o

túmulo que ele havia cavado para Fiona, mas permaneceu vazio. Apenas o escudo que ele havia colocado sob a cabeça de sua amante permaneceu.

Evander agarrou seus braços. - Você foi enviada? Os deuses querem me atormentar? Por que você vem aqui? - Quando seus olhos se arregalaram, ele a sacudiu. - *Conte-me.*

Seus olhos reviraram em sua cabeça e ela caiu.

Evander a impediu de cair, segurando-a contra ele quando ele caiu de joelhos e praguejou sobre a cabeça caída. O calor de suas roupas ensangüentadas deixou claro que ela tinha se machucado momentos antes em seu tempo, mas quando ele sentiu cuidadosamente ao longo de suas costas, ele não encontrou feridas. Ela tinha uma lágrima na parte de trás de seu curto casaco branco que parecia ser a fonte do sangue, mas seus dedos encontraram apenas uma pele macia e intacta por baixo. Para ter certeza, ele arrastou o casaco e a fina roupa por baixo, expondo a longa linha de sua espinha. Ele não conseguia encontrar uma marca nela.

O que a curou? Evander olhou para os antigos carvalhos e sentiu o sangue gelar. Fiona contara-lhe histórias sobre a magia dos bosques, histórias que ele descartara como superstições. Este lugar poderia ter curado a mulher? Ou foram os próprios deuses?

Enquanto Evander procurava por seu batimento cardíaco, ele sentiu a pele em seu peito vibrando. Sob sua túnica, seu espírito de guerra pulsava faminto por violência e vingança.

Um som baixo veio da mulher, e seus cílios negros tremeram quando ela saiu do desmaio. Ela ficou rígida contra ele, e o medo fez sua boca apertar, mas ela não se esforçou.

- Eu não deveria ter gritado. - disse ele, sua voz mais baixa. - Você não fez nada de errado. - Fazia tanto tempo desde que ele falou com outra pessoa que ele mal sabia o que dizer. - Me diga seu nome.

- Rachel Ingram. - disse ela e olhou ao redor deles. - Onde estou?

Evander queria amaldiçoar os deuses por trazer a mulher para ele, se eles realmente a tivessem enviado.

- Você chegou às terras altas da Escócia, Senhora Ingram. - Ele esperou que ela reagisse e, quando ela não o fez, ele se perguntou se deveria lhe contar o resto. - Você não quer saber o resto?

Rachel virou a cabeça para as colinas e sua boca se apertou. - Alguém está vindo.

Evander olhou e, ao longe, viu uma patrulha morta-viva em direção a eles. Eles devem ter pegado o cheiro do sangue de Rachel no vento. Seu desejo de combatê-los até que ele foi morto inchou e, em seguida, diminuiu abruptamente. O cheiro do sangue enviaria os mortos-vivos em um frenesi. Eles o despedaçariam para chegar até ela. Sua vida não importava, mas ela era uma mortal e totalmente indefesa.

- Nós devemos sair daqui. - ela sussurrou.

- Sim. - Ele a ergueu em seus braços, e correu com ela para as árvores onde ele havia amarrado seu garanhão roan vermelho. Ele a sentou de costas na frente da sela antes de se levantar e pegar as rédeas. Ele podia ver sua confusão. - Você deve se segurar em mim e não deixar, nem por um instante. Você pode fazer isso?

Rachel assentiu e colocou os braços ao redor dele, encostando-se contra o peito dele.

A sensação de seu corpo contra ele acalmou a fúria selvagem que seu espírito tinha derramado em suas veias, deixando Evander preplexo. Nada além de enterrar uma lança no coração do inimigo já o acalmou quando seu espírito foi despertado, mas não havia tempo para sondá-lo agora. Ele tocou os calcanhares nas laterais da montaria e guiou o cavalo pela floresta até a margem do riacho.

- Feche os olhos. - disse ele - E prenda a respiração.

Desde que deixara o clã, Evander havia treinado o roan da maneira antiga, para acompanhá-lo quando usasse sua habilidade de se unir à água e viajar através dele. Antes de terem crescido o suficiente para manter cavalos no continente, o clã sempre treinou e levou suas montarias para as águas com eles. Como ele não tinha mais acesso aos estábulos do clã no continente, Evander não tinha escolha senão levar suas montarias com ele. Sentiu Rachel sacudir enquanto ele mudava e levou a ela e ao cavalo abaixo da superfície com ele, onde os puxou pelas correntes enquanto pensava no pequeno lago perto de sua cabana no norte. Um momento depois, saíram das ondas agitadas e borbulhantes e entraram no banco. Rachel não se moveu, e quando ele inclinou o queixo, viu que ela ainda tinha os olhos bem fechados.

- Você pode olhar agora. - disse ele.

Evander guiou o Roan até o jardim da cabana, onde ele abaixou Rachel até o chão antes de desmontar. Ela ficou esperando, com os cabelos grudados na cabeça e as roupas molhadas. A jornada através da água tinha lavado o solo de sua pele, que parecia impecável. A maior parte do sangue também estava encharcada de suas roupas, mas ele não podia permitir que qualquer mortal a visse vestida assim. Ela seria marcada como uma bruxa.

- Entre. - ele disse enquanto abria o portão.

Ela caminhou ao longo das pedras de ardósia que ele usara para fazer um caminho pelo jardim, e quando ele abriu a porta, entrou no chalé escuro. Ele rapidamente acendeu um fogo na lareira, e levou-a até ele antes de recuperar seu manto.

- Tire suas roupas. - ele disse sem pensar, e depois acrescentou. - Então você não fica fria e doente. - Ele estendeu o roupão. - Coloque isso encima de você.

Ele odiava o som baixo e áspero de sua voz na quietude. Por que ela estava tão silenciosa? Ele a assustou tanto?

Rachel tirou silenciosamente suas roupas externas, sob as quais usava calças pequenas e algum tipo de faixa em forma de peito. Quando Evander percebeu que ele estava olhando, ele desviou o olhar. Depois de embrulhar o roupão em torno de si, ela balançou em pé, como se quisesse desmaiar de novo. Ele pegou o braço dela e guiou-a para sua grande cadeira.

- Sente-se e descanse. - disse ele.

Uma vez que ela fez, ele reuniu suas roupas e espremeu a água deles antes que ele os jogasse nas chamas. Ele olhou para ela, esperando um protesto irritado, mas ela simplesmente o observou com seus grandes olhos escuros. Sua quietude o enervou, até que ele se lembrou de que Rachel provavelmente não entendia onde ela estava ou o que havia acontecido com ela.

- Meu nome é Evander Talorc, e eu vou dizer o que sei. - Ele puxou um banquinho e sentou-se diante dela. - O bosque onde eu te encontrei é um portal através dos tempos e te trouxe aqui do seu tempo para o meu. Estamos nas terras altas da Escócia, e você chegou ao ano de 1316. - Ele esperou um momento para ela reagir, e quando ela não disse nada. - Você não é a primeira a viajar aqui do futuro. Que você possa atravessar significa que você é um tipo druida, pois somente eles podem usar os bosques para tais jornadas. Você conhece o povo da magia?

Rachel não disse nada, mas fechou as mãos em punhos.

Evander silenciosamente se amaldiçoou por dizer demais. - Não vou te machucar, senhora. Meu clã, meu povo, proteje o seu. Tudo vai ficar bem. - Ele se levantou e pegou uma garrafa de vinho, uma taça e um pedaço de pão da despensa, e trouxe ambos para ela. - Aqui. - No entanto, quando ele derramou o vinho para ela, e quebrou um pedaço do pão, ela não se moveu para pegar qualquer um dele. - Não é do seu agrado? Você quer água? Fruta? Há maçãs e peras, eu acho.

Ela olhou através dele para as chamas como se ela já não o ouvisse, seu lábio inferior preso na borda de seus dentes.

O que ela disse no bosque? *Eu posso me mover. Eu não estou morta. Eu deveria estar morta.*

Evander recuou e, de repente, todas as esquisitices sobre ela se juntaram para pintar um retrato sombrio. Talvez ela estivesse ferida e viva quando foi colocada no chão, e seu sangue de druida ativou o portal do tempo. Assim ela foi transportada para cá, ainda presa na terra. O horror que ela deve ter sentido acordar assim foi o que a fez tão complacente. Rachel não tinha medo dele. Ela já não o ouvia. Seu próprio terror a segurou rapidamente em seu aperto. Ele estendeu a mão para tocá-la e depois pensou melhor.

- Você foi curada e está bem, senhora Ingram. Eu não posso te dizer como, e isso não parece para você agora, mas os deuses sorriram para você. - E o amaldiçoou com seus cuidados, parecia.

Quando ela não disse nada, ele foi encher a taça com água da urna da cozinha. Ele deveria levá-la até a aldeia e mandar chamar um druida do assentamento mais próximo. O povo da magia saberia o que fazer com ela. No entanto, ele lhe dissera seu nome e ela poderia repeti-lo.

Evander viu a água transbordar da taça para o balcão e derrubou a urna. Ele nunca teve qualquer paciência com as moças, nem teve a barriga para amamentar alguém que tinha ficado louca. Ainda assim, a moça pequenina estava presa na terra. Isso enlouqueceria até o mais forte dos homens.

Assim que ele voltou para Rachel, ele sentiu o cheiro de sangue fresco e viu gotas nas tábuas logo antes dela. Em uma inspeção mais próxima, viu que ela havia apertado as mãos com tanta força que as unhas haviam cortado as palmas das mãos.

- Mostre-me suas mãos.

Quando ela não o fez, ele gentilmente abriu os dedos e usou a água para lavar o sangue, virando as palmas das mãos na direção da luz do fogo para ver quão profundas eram as fissuras. Ele sentiu algo quente e úmido

cair nas costas de sua própria mão, e olhou para cima para ver as lágrimas transbordando de seus olhos cheios de lágrimas. Ele não tinha palavras para consolá-la, e ainda assim tentou.

- O que foi feito para você foi curado, moça. Ninguém mais tocará em você. Eu juro.

Os lábios de Rachel pressionaram juntos, e então ela começou a chorar, sua leve estrutura tremendo com a força de seus soluços.

Evander levantou-a da cadeira e sentou-se para segurá-la em seu colo. Ele não sabia nada dela, então deveria parecer estranho ser tão familiar. Em vez disso, seu calor e seu leve peso se ajustaram a ele como se ela tivesse sido formada apenas por tal abraço, e fez um calor de resposta subir em seu peito. Ele enfiou a cabeça sob o queixo e esfregou o ombro e o braço com a mão, desejando saber o que mais fazer para aliviar sua angústia.

Seu toque só parecia acalmar Rachel, pois ela logo se acalmou e só estremeceu de vez em quando enquanto se deitava contra ele. Para ver seu rosto, ele teve que escovar o cabelo úmido e emaranhado para trás, e a desolação que ele viu em sua expressão o arrepiou.

- Você tem minha palavra. Eu vou manter você segura.

- Eu sei que você vai. - ela sussurrou, e tocou a mão dele. - Obrigado por salvar minha vida.

Ele teria que explicar a ela que sua cura não tinha sido dele, mas seus olhos se fecharam, e ele ouviu sua respiração lenta e sentiu seu corpo relaxar. Ela dormira em seus braços com absoluta confiança, como se sempre tivesse feito isso. Ele sabia que deveria levá-la para sua cama, mas depois de tantos meses de solidão, segurá-la e observá-la deu-lhe um prazer genuíno.

Evander se perguntou por que alguém machucaria tal mulher, pois ela devia ser uma beleza apreciada em seu tempo. A luz do fogo brilhava sobre ela, captando reflexos azuis e violetas em seus cabelos negros, que haviam secado agora. Uma vez penteado, imaginou que pareceria um jato

polido. Ele gostava da linha reta real de seu nariz e das largas e generosas curvas de seus lábios. Ela tinha maçãs do rosto cinzeladas que equilibravam sua mandíbula forte e pele tão luxuriosa quanto a carne de uma pêra dourada.

Rachel se moveu contra ele enquanto dormia, e seu manto se abriu para revelar seu corpo pequeno e perfeito.

Ele estendeu a mão para cobri-la novamente, mas não pôde deixar de olhar para ela por um longo momento antes de fazê-lo. Como nas costas dela, ele não viu nenhum sinal de ferimento. Ela tinha seios ligeiros e quadris esbeltos, mas a barriga lisa não apresentava nenhuma das marcas do parto. As frágeis curvas de sua delicada figura faziam-no pensar em porcelana fina trazida por navios do leste, tão raros e requintados que só os mais ricos dos nobres podiam pagar por eles. No entanto, mesmo quando ele admirava a elegância dela, vê-la fez seu pulso de sangue quente e grosso.

Evander não sentiu nem pensou em seus próprios desejos desde que Fiona morreu. Sentindo seu pau inchar para Rachel encheu-o com tal auto aversão que ele quase jurou em voz alta.

Ela está chocada e assustada e precisa de cuidados. O que você quer não importa nada. Proteja-a.

Ele a reuniu contra ele e se levantou, carregando-a para o quarto da cama que ele tinha compartilhado com Fiona. Depois que a varíola tomou seu amante, ele queimou a roupa de cama e o colchão, o que o lembrou muito de sua morte miserável. Para seu próprio conforto, ele fizera um novo colchão com palha limpa e lã macia, e comprou novas roupas de cama da aldeia. Com cuidado, colocou Rachel na cama, cobrindo-a com seu velho tartan antes de ficar de pé sobre ela.

Ela parecia tão frágil e indefesa que ele não queria nada mais do que deitar com ela e abraçá-la durante a noite. Que ele queria fazer mais do que isso fez seu nó no estômago. Que tipo de homem ele era para desejar uma mulher que tivesse sido atacada e enterrada viva e arremessada através do tempo?

Afaste-se dela.

Evander precisava recuperar o cinza de Fiona do fazendeiro mantendo-a para ele, e então ele poderia dormir no celeiro. Ele também sabia que ele não poderia fazer a menos que ele soubesse que Rachel estava segura.

- Eu sinto muito por isso, moça. - Ele pegou as pedras de cunha que ele usou para bloquear a janela estreita quando nevava, e depois saiu para fechar a porta para o quarto da cama. Apoiar o pesado tear de Fiona contra ele garantiu que Rachel não seria capaz de abri-la. - Será apenas para a noite.

***

Calor acolhedor cercou Rachel quando ela abriu os olhos para ver um teto de aparência estranha acima dela. Parecia ser uma espécie de palha densamente tecida, feita de galhos finos, compridos e gramíneas agrupadas. Uma pequena teia de aranha ocupado um canto, e brilhava como rendas de prata fina em um feixe luminoso, estreita de luz solar. Parecia manhã, mas o ar ao redor dela parecia muito frio, e ela podia sentir o cheiro de madeira queimando.

A cama em que ela estava parecia exatamente igual àquela de sua visão do homem de olhos verdes e da mulher agonizante. Ela tocou uma borda da folha limpa, finamente tecida, surpresa ao descobrir que ele tinha a sensação de roupa orgânica cara. Ela levou-o ao nariz e cheirou a lavanda e a luz do sol, e de repente sua cabeça se encheu com flashes de memória.

Por favor, cale a boca e morra.

Bile queimava na garganta de Rachel. Ela ainda podia sentir o gosto da terra que David despejara sobre ela, e sentir o calor de seu próprio sangue se espalhando por suas costas. Ela não poderia ter sobrevivido ao que ele tinha feito com ela. Freneticamente ela olhou ao redor da sala. Por que ela

estava aqui? Depois do que seu marido fez com ela, ela deveria estar morta. Ela estava morta agora?

Uma voz profunda e dura cortou aqueles pensamentos terríveis.

Eu tenho você.

O guerreiro que ela tinha visto em sua mente tinha dito seu nome na noite passada - Evander Talorc. Ele estava com raiva dela por não ser Fiona. Ainda assim, ele a trouxe para a segurança, e alegou que ela veio para as terras altas da Escócia no século XIV. Tudo parecia tão bizarro. No entanto, ele disse a ela o que ele considerava a verdade. Nada que Evander pensava contradiz uma palavra que ele disse a ela.

Nada que ele pensou? Como ela poderia saber o que ele estava pensando?

Rachel se levantou na posição sentada, esperando sentir a náusea habitual. Sua cabeça não girou e sua barriga permaneceu calma.

Claro que me sinto bem. David não está mais por perto para me drogar.

Para evitar pensar sobre ele e todas as coisas horríveis que ele tinha feito com ela, o que a *faria* vomitar, ela inspecionou seus arredores. O quarto que ela ocupava tinha paredes de gesso ásperas e manchadas, um chão coberto por vários tapetes de tecido e alguns móveis velhos e crus. A única janela, que parecia nada mais do que uma longa e estreita fenda na parede espessa, fora preenchida com duas rochas de aspecto cuneiforme e de aparência pesada. O colchão grosso sob ela fazia ruídos enquanto ela se movia e cheirava a feno. Sobre a folha de linho havia um cobertor de lã xadrez desbotado com faixas pretas e douradas sobre um fundo de ameixa.

Tudo gritava silenciosamente a Escócia do século XIV também.

- Olá? - Quando ninguém respondeu, Rachel ouviu por um momento, mas não ouviu nada. - Tem alguém aí?

Uma voz baixa e masculina chegou até ela, mas não era nada que ela pudesse ouvir. Em vez disso, ele falou dentro da cabeça dela, como se alguém tivesse colocado um pequeno alto-falante atrás dos olhos.

Eu devo ser gentil. Ela não vai saber nada desse tempo e pode lutar comigo como Kinley fez com o Laird quando ela veio. Eu não posso levá-la de volta ao bosque. Se ela retornar, a farsa covarde que a prejudicou pode tentar novamente. Devo levá-la ao povo da magia e pedir-lhe que cuide de Caileana, ou manda-la para Dun Aran e para o clã? Aber me matará no momento em que ele me ver. E se ela foi enviada para mim? Por que ela estava no bosque onde enterrei Fiona?

Com a voz vieram imagens de botas andando e chutando palha. Um cavalo a observou cautelosamente de sua baia, o grande roan branco-avermelhado de que ela se lembrava vagamente da noite anterior. Outro cinza menor e manchado, com uma juba negra e sedosa, estava esperando para ser desmontado. Ela captou vislumbres de sacos de grãos, pendurados ordenadamente em ganchos e escovas de mão para curry, mas tudo parecia áspero e grosseiro. Ele também mudou estranhamente, até que ela percebeu que estava vendo o celeiro através dos olhos de outra pessoa.

Os olhos de Evander.

Rachel sabia que ela estava dentro de sua cabeça, ouvindo seus pensamentos e vendo o que ele viu. Não podia ser sua imaginação, não com todas as palavras e nomes desconhecidos que fluíam em sua mente. Ela fechou os olhos para se concentrar, e vasculhou suas memórias nebulosas para recordar tudo o que ele lhe dissera.

Nada disso fez sentido. Seu sangue permitiu que ela viajasse no tempo? De alguma forma, ela saltou da Califórnia do século XXI para a Escócia do século XIV? Quem eram os druidas e o clã? Por que ele assumiu que ela tinha sido enviada para ele?

Um som arrastado veio do outro lado da porta, que se abriu.

Rachel observou quando uma forma alta e esbelta apareceu no limiar. Ela reconheceu seus olhos verdes escuros e expressão sombria, mas não o cabelo vermelho-acobreado. Equilibrava características demasiado ousadas e ferozes para ser bonito e dava-lhe a aparência de um grande felino predador.

Evander.

Capítulo Quatro

A roupa de Higlander não parecia com nada que Rachel já tinha visto. Suas calças de couro escuras e camisa de tecido claro tinham sido costuradas à mão e não muito bem. Ela notou manchas em vários lugares que eram definitivamente funcionais em vez de decorativas. Sua longa capa com capuz tinha vários aluguéis na lã e suas botas pareciam gastas. Suas armas estavam em melhor forma que suas roupas. Ele carregava dois punhais polidos e de aparência afiada enfiados no cinto, e um arreio de couro bem feito sobre o peito. Ela nunca tinha visto um homem parecer mais feroz ou perigoso, mas ele não a assustou. Tudo nele fazia com que ela se sentisse confortada e segura.

- Você está acordada. - ele disse e não soou como se estivesse feliz com isso. Ele também não parecia.

Ela olhou para ele e viu uma alta estrutura de madeira que ele devia ter mantido a porta fechada. Fios de lã haviam sido esticados da barra superior até o fundo. Parecia ser algum tipo de tear.

- Você não tem que me barricar aqui dentro. - disse ela, e limpou a garganta enquanto sua voz raspava nas palavras. - Eu não vou tentar escapar.

- Você não é meu prisioneiro. Eu precisava dormir sem me preocupar se você se afastaria da casa. - Ele hesitou antes de acrescentar: - Você vai querer algo para vestir.

Ela tinha uma vaga lembrança de vê-lo jogar suas roupas arruinadas em uma lareira.

- Obrigado. Isso seria legal.

Evander franziu a testa e foi abrir um velho baú. Ele separou seu conteúdo antes de tirar uma saia marrom-escura, uma blusa azul de renda e uma longa faixa. Ele olhou para eles por um longo momento antes de se endireitar.

Fiona me perdoe Rachel o ouviu dizer em sua mente.

- Você pode usar essas coisas. - Ele trouxe a roupa para ela. - Eu vou fazer comida enquanto você se veste.

Depois que ele saiu, Rachel examinou as roupas, que foram todas costuradas à mão, mas haviam sido feitas para Fiona, que obviamente era mais curvilínea e alguns centímetros mais alta. Ela conseguiu pegá-los e descobrir os fixadores crus, mas a blusa se elevou sobre a saia, que arrastava no chão. Ela dobrou e dobrou os tecidos onde podia, prendendo-os com a faixa, que ela teve que dobrar em torno de si mesma antes de amarrá-lo. Rachel olhou para si mesma. Deus, ela parecia uma criança brincando de se arrumar com as roupas da bisavó.

Outras coisas ao redor da sala sugeriam a presença de uma mulher: um pote de hastes de flores secas, duas almofadas artesanais bordadas com pontos espirais, longas fitas desbotadas cuidadosamente enroladas em torno de longos fusos de madeira e vários pares de chinelos de pano alinhados sob a borda de um armário alto. Um pente de madeira com dentes surpreendentemente finos estava ao lado de uma placa de prata que estava marrom com manchas.

Fiona não tinha acabado por morrer neste quarto. Ela morou aqui.

Sem um espelho ou pente, Rachel não podia fazer nada a respeito do cabelo, exceto passar os dedos pelos emaranhados. Foi quando ela descobriu que o cabelo dela tinha inexplicavelmente crescido quase até a cintura, e enquanto ainda estava empertigado, parecia muito mais grosso e forte agora. Completamente confusa, ela enfiou o comprimento pesado em uma trança desalinhada e prendeu a ponta para segurá-la.

A sala adjacente parecia ser a área principal da cabana, e a primeira coisa que viu foi a grande cadeira junto à lareira de pedra onde ela imaginou ter adormecido no colo de Evander. À esquerda da lareira havia duas cadeiras feitas de galhos de árvores e fatias de madeira de cada lado de uma mesa de pedra. Rachel sentiu-se entorpecida quando se aproximou e estendeu a mão para tocar o granito verde-riscado. O padrão da pedra

combinava exatamente com a mesa de lua de mel de sua mãe, mas parecia muito mais nova e sustentada por dois enormes troncos de árvores. Se o que Evander lhe contara fosse verdade, então, em oitocentos anos, a mãe de Rachel encontraria essa mesa, e seu pai a compraria, e ela seria embarcada para a Califórnia para se tornar parte de Avalon.

Rachel sabia que poderia ser apenas uma enorme coincidência, mas não parecia uma.

Evander veio se juntar a ela e colocou um pequeno pote de farinha de aveia na mesa.

- Não tenho leite para o mingau. - disse ele.

- Está tudo bem. - ela assegurou, e viu algumas tigelas de madeira, pratos e colheres em uma prateleira próxima. - Posso ajudar e arrumar a mesa?

Ele olhou para ela. - Você não pode levantá-la.

- Eu quero dizer fazer isso. - Ela pegou duas tigelas e colheres e colocou-os pela aveia.

Evander não disse nada enquanto distribuía a refeição, dando-lhe o dobro do que ela podia comer antes de encher sua própria tigela. Ele então entrou no quarto dos fundos e voltou com um jarro de rolha e dois copos de cerâmica, um dos quais ele encheu com uma sidra de cheiro doce do jarro.

- Chama-se perry. - disse ele e ofereceu-lhe a taça.

Rachel cautelosamente provou a sidra, que tinha gosto de pêra em vez de maçã, e tinha um sabo para dizer que ela havia sido fermentada. Ela entregou a taça de volta para ele.

- É um pouco forte demais para mim.

Ele pegou uma xícara de água e, finalmente, sentou-se para comer.

A aveia tinha sido adoçada com mel, o que Rachel achou delicioso, mas ela comeu com moderação enquanto esperava que seu estômago protestasse. No último mês, ela se sentia enjoada quase toda vez que comia. David insistiu em levar suas refeições em uma bandeja para o quarto dela. Ele também lhe dera um copo de vinho todas as noites, assegurando-lhe que isso a ajudaria a dormir. Deve ter sido como ele a estava administrando. Drogas na comida, nas bebidas, provavelmente até na pasta de dente.

Rachel olhou através da mesa para Evander, que a observava atentamente. - Algo está errado?

Ele estendeu a mão para apertar a ponta do dedo sobre a bochecha dela, e mostrou a ela a lágrima que ele pegou.

- A aveia não é tão ruim, é?

- É realmente muito boa. - ela conseguiu dizer antes de sua garganta se apertar. Ela largou a colher. - Posso te perguntar uma coisa? - Uma vez que ele assentiu, ela disse: - Por que você estava no bosque de carvalho na noite passada, Evander?

- Foi onde enterrei Fiona. Ela era minha dama. - Ele acenou para a blusa dela. - As roupas são - eram - dela.

Rachel tomou um gole de água antes de continuar.

- Eu estava ... Como você sabia que eu estaria lá?

- Eu não sabia. - Ele se levantou e saiu para o jardim.

Rachel olhou para a porta que Evander havia deixado aberta. Ela esperava que ele lhe dissesse algo que explicaria por que ela tinha sido trazida para cá, e a razão pela qual ele planejava se matar antes de salvá-la. Ela lhe devia a verdade sobre sua nova e poderosa habilidade também, mas ele acreditaria que ela pudesse ler sua mente?

Ela não tinha certeza se acreditava.

Rachel saiu para o jardim, onde encontrou Evander sentado em um banco, olhando para uma mancha de flores brancas murchas sendo espremida por flores amarelas maiores e espinhosas. Ele parecia tão grande e duro e de olhos duros como quando ela o viu pela primeira vez, mas ela sentiu uma onda de emoção sem palavras saindo dele que a inundou de pesar e tristeza.

Ele estava pensando em Fiona sem palavras, mas com lembranças. Fiona caminhando por algum tipo de mercado ao ar livre com uma grande cesta no braço. Fiona, banhada pela luz do sol, sentada em um banquinho e movendo uma colcha através de um tear. Fiona trabalhando no jardim enquanto zangões gordos zumbiam ao redor dela. Seu nome, ecoando dentro de sua mente como um mantra: Fiona, Fiona, Fiona.

Ele a amava tanto que nada que Rachel dissesse jamais aliviaria sua dor. Isso a fez sentir uma pontada de inveja. Ela nunca tinha sido amada assim.

- Minha mãe criava rosas. - disse ela quando se sentou ao lado dele. O jardim parecia ter sido bem cuidado, mas havia sido deixado crescer por algum tempo. - Ela as criou em todas as cores, mas ela gostava mais do branco. Ela me disse uma vez que elas eram o símbolo do amor verdadeiro. Sinto muito que sua esposa tenha morrido.

- Nós nunca tivemos a chance de casar. - disse ele e encontrou seu olhar, seu próprio afiado com raiva. - Os deuses mandaram você para mim, minha senhora? Ou ela fez?

- Eu acho que você me trouxe aqui. - disse ela enquanto ela colocou os braços em volta da cintura em uma tentativa de esconder o quanto suas mãos estavam tremendo. - Eu vi você logo depois que aconteceu.

- Depois que você atravessou? - Ele perguntou.

Rachel sacudiu a cabeça. - Depois que meu marido David me apunhalou pelas costas e me enterrou viva.

***

Evander viu a borda do sol da manhã aparecer acima do cume. Embora dourasse Rachel com luz âmbar pálida, seu calor distante não fez nada para acabar com a tremedeira dela. Evander tirou a capa e colocou-a em volta dela, puxando o capuz sobre a cabeça. No momento em que ele a tocou, sentiu a pele se mover sob a túnica e rapidamente tirou as mãos.

- Eu não poderia trazê-la aqui, minha senhora. - disse ele. - Eu não tenho tais poderes. Você só me viu depois que eu te tirei do chão.

- Então quem faria isso? - Ela perguntou. - Eu não conheço ninguém aqui. Meu marido acabou de me querer morta.

- Você passou na mesma noite em que cheguei ao bosque e não fiz nada por semanas. Não é por acaso, eu acho. - Evander a olhou. - Por que seu marido tentou te matar? Ele está louco?

- Apenas ganancioso. Ele queria minha herança. - Sua expressão se tornou amarga. - Meu pai era um empresário muito rico, tipo, ah...

- Nobreza? - Evander sugeriu.

Ela assentiu. - Algo parecido. O pai de David trabalhou para o meu e nos apresentou. Eu perdi meus pais em um incêndio há alguns meses atrás, e eu... - Ela deu a ele um olhar ferido. - Oh Deus. Enquanto ele estava me enterrando, ele disse que pensou em usar o fogo novamente para se livrar do meu corpo. Eu acho que David os assassinou.

Ele pegou sua mão fria na dele. - Diga-me tudo, moça.

Evander teve que reprimir seu temperamento enquanto ouvia Rachel descrever como o marido a havia usado e enganado. Ele podia ver que a morte de seus pais a deixara vulnerável ao fulano assassino, que obviamente usara sua dor para manipulá-la para se casar com ele. Isso fez com que ele desejasse ter o poder de usar o portal do bosque, para poder viajar para o

futuro, encontrar David Carver e estripar o covarde lentamente. Ele iria ensiná-lo que justiça era trazida para os homens que destruíram vidas para servir sua própria ganância.

Como nunca foi feito comigo.

A vergonha queimou dentro dele quando ele pensou em Tharaen Aber, guarda-costas do Laird, que tentou impedi-lo de fugir com Fiona. Ele pretendia apenas ferir Aber, mas quando sua lança perfurou a garganta do outro homem, ele pegou Fiona e deixou Aber para morrer. O fato de que eles tinham sido velhos inimigos amargos, ou que o clã teria matado Fiona por servir como espiã para os mortos-vivos, não justificava o que Evander havia feito.

Quando Rachel terminou, ele sabia que ela tinha todo o direito de ir antes ao conclave druida e exigir justiça.

- Você quer se vingar do seu marido? Pode ser tido, se você for ao seu povo. Eu posso levar você até eles.

- Não vai mudar o que David fez. - disse ela, e encolheu os ombros. - O homem que eu amei não existe. Meus pais se foram para sempre. Perdi tudo, até o mundo em que vivi. Só queria saber o que fazer agora.

Evander não entendia sua misericórdia, mas ele se desesperou. Desde a perda de Fiona, ele vagava sem rumo a cada dia, desesperado para encontrar propósito e significado em uma existência vazia. Ele teria lutado alegremente até a morte para matar tantos dos bastardos que haviam violado e forçado Fiona a espionar por eles. Ele pode não ter tido grande afeição pelas fêmeas, mas detestava homens que usavam sua fraqueza como arma contra eles. Se ele pudesse usar o portal para ir a San Diego e encontrar o marido de Rachel, ele o esfolaria vivo e aproveitaria cada momento.

- Eu estou bem, Evander. - Rachel disse de repente. - Não se preocupe, eu vou descobrir o que fazer.

A moça não tinha noção do mundo a que ela tinha chegado. Ele teria que cuidar dela, pelo menos no começo. Talvez por isso tenha sido atraído para o bosque na mesma noite em que Rachel foi enviada pelo portal. Os deuses desejavam que ele a protegesse. Mas por que eles o escolheram? Com certeza eles sabiam que ele não tinha amor pelas mulheres, e menos ainda desde que Fiona morrera.

Rachel parecia tão miserável que ele temia que ela começasse a chorar novamente. Ele não se importava com as mulheres, mas assistir a um único grito era o pior tipo de tortura. Para evitar isso, ele se levantou e a pôs de pé.

- Venha e ande comigo.

Evander levou-a do jardim para a antiga trilha sinuosa que levava à floresta. O musgo e o líquen corriam pelo caminho, e as últimas flores silvestres de verão pintavam as encostas gramadas com flores azuis, roxas e brancas. Cardo flutuava no ar, pegando suas roupas antes que seus movimentos desalojassem as sementes flutuantes.

Quando Evander a guiou para fora das árvores e para a prateleira de pedra com vista para o vale, Rachel inalou rapidamente e pressionou as pontas dos dedos na boca.

- Fiona nomeou Splang, pela forma como a luz pisca na água. - disse ele enquanto olhava para a superfície brilhante da piscina de fadas. - As pequenas cachoeiras congelam no inverno e depois trazem água derretida fresca quando o degelo acontece.

Um veado vermelho de rosto cinzento saiu das árvores e delicadamente atravessou a samambaia para beber da beira da água, seguido por um fulvo menor, manchado de branco. Eles se juntaram ao resto de seu rebanho e começaram a pastar nas exuberantes ervas que cobriam as margens.

Evander olhou para Rachel, que estava olhando de olhos arregalados para o cervo. - O que você acha disso?

- Eu nunca vi nada tão bonito. - ela sussurrou.

- A água está fria, mas em dias ensolarados você pode nadar, se você não se importa com a companhia de trutas e greylings. - ele disse a ela. - O cervo pode ser ousado, mas eu não os 'caçava'. Fiona não comia muito depois que viemos para cá.

Rachel estava em uma das rochas de topo plano. - Ela estava doente?

- A praga a tirou de mim. - As palavras saíram dele ásperas e dura, e ele se virou.

- Eu não queria me intrometer. - ela disse rapidamente.

Claro que ela queria. Todas as mulheres queriam.

- Eu não me importo com isso. O que mais você saberia? Quão fina ela ficou, como qualquer som a fez estremecer, como ela olhava para mim quando eu queria consolá-la? Ou talvez como ela morreu. Como a varíola açoitava sua linda pele. Como ela queimava com febre depois de febre até encher o peito e cortar o ar?

- Eu não deveria ter perguntado. - disse ela, com os olhos cheios de simpatia. - Eu sinto muito.

Evander não queria sua compaixão. - Não seja. Fiona era minha amante. Antes de virmos aqui, eu a visitava em segredo. Homens do meu clã não têm permissão para ter essas moças. - Ele olhou para ela. - Mas eu não me importei.

A dor cintilou em seu rosto. - Você não pode escolher quem você ama.

- Ama? Eu a enlouqueci, Rachel. Eu a tratei como uma idiota e ela adorou isso. Ela me fez pensar que ela me amava. - Ele lhe deu as costas novamente. - Foi tudo mentira. Ela espiou nossos inimigos e se tornou minha amante para que ela pudesse me usar para encontrar a fortaleza escondida do meu clã.

Seus passos se aproximaram. - Evander...

Ele estendeu a mão para impedi-la de se aproximar. - Seus mestres ordenaram que ela me capturasse e me matasse, mas ela se expôs e eu a fiz prisioneira. - Ele se virou para encará-la. - Eu não sou um homem que perdoa. Eu a odiei por sua traição. Eu queria que ela sofresse pelas minhas mãos. Eu queria espancá-la até a morte, naquele mesmo dia.

Em vez de parecer indignada ou assustada, Rachel simplesmente observou-o com seus olhos escuros de veludo.

- E então ela contou a verdade sobre o que ela era. - continuou ele. - Seus mestres assassinaram o pai dela e a levaram quando ela era apenas uma menina de quatorze anos. Eles a violaram, e então usaram seu medo de mais para fazê-la espionar por eles. Era isso ou uma morte feia. - Ele olhou para o rebanho pastando. - Quando ela foi ordenada a me matar, ela não poderia fazer isso, então planejou uma fuga. Ela queria me levar para Britannia e me manter como marido.

- Ela realmente amava você. - Rachel disse suavemente.

- Sim. - disse Evander e terminou o conto sórdido contando a Rachel o que ele fizera para libertar Fiona e como ele deixara Tharaen Aber para morrer. - Eu sabia que não poderia salvar sua vida. - acrescentou, - E ficar teria terminado com a nossa. Então peguei a Fiona e fugi. Ficamos escondidos por algum tempo e depois chegamos aqui. Um ano depois, enterrei-a no bosque.

Rachel deu um passo mais perto. - Evander, por favor, olhe para mim.

- Eu sou um traidor e um assassino. - Ele não queria ver o desgosto em seu rosto.

- Você a amava. - Ela veio ao redor dele, o capuz caindo para trás de seu rosto enquanto ela olhava para ele. - Meus pais ainda poderiam estar vivos se eu não tivesse me apaixonado por David. Isso faz de mim um assassino também?

- Não seja idiota. - Ele sentiu um puxão e olhou para baixo para ver a túnica em seu punho.

- Você acha que eu não poderia matar? - A suavidade desapareceu do rosto de Rachel. - Meu marido fez coisas indescritíveis para mim, mas isso não é nada comparado ao que ele fez com meus pais. As duas pessoas que eu mais amava no mundo morreram horrivelmente. David encontrou um jeito de atear fogo no quarto enquanto dormiam. Ele os queimou vivos, Evander.

Ele cobriu a mão dela com a dele. - Moça, não se atormente.

Rachel soltou sua túnica. - Eu não posso voltar para o meu tempo, porque se eu fizer isso, ele está morto. Eu vou matá-lo. Vou pegar uma faca e apunhalá-lo no coração. - Seu queixo começou a tremer. - Eu nunca quis magoar ninguém em minha vida. Isso é o que ele fez comigo.

Puxá-la em seus braços deveria ter parecido estranho, mas mais uma vez segura-la parecia tão natural quanto respirar. Evander sentiu a tensão diminuir, e sua própria raiva e vergonha diminuíram. Que ela entendesse seu arrependimento e mostrasse bondade em vez de desprezo, deixara-o perplexo. Ele entendeu o frio fervor de seu ódio por seu covarde marido, e até o segurou para que ela pudesse espancá-lo.

- Você não vai me dizer que com o tempo eu vou superar isso, e perdoá-lo? - Ela murmurou.

- Por que eu deveria fazer isso? - Ele respondeu. - Uma faca no coração é mais sábio. Se você fizer isso, então ele não prejudicará outra mulher.

O prazer de tê-la tão perto se espalhou por Evander. Ele podia culpar os muitos meses de solidão que ele passou aqui, mas parecia mais do que isso. Simplesmente tocar Rachel fez com que ele se sentisse mais forte e mais seguro, como se ela estivesse de alguma forma estabilizando-o.

Os deuses desejam o equilíbrio em todas as coisas, mas os espíritos não podem, o xamã de sua tribo disse a ele em seu dia de escolha. *Se você se oferecer ao espírito de guerra, e isso te levar, você nunca mais conhecerá a paz.*

Ele é o melhor lutador da tribo, o pai de Evander atirou no velho curandeiro. *Faça o trabalho e deixe a tranquilidade para as mulheres.*

- Obrigado. - disse Rachel, suspirando em sua túnica.

Um naufrágio de um homem como ele só lhe traria mais dor, pensou Evander, abruptamente libertando-a.

- Estarei bem, minha senhora. Quando você tiver descansada, vou levá-la a um assentamento druida.

- Espere. - disse ela, com medo gravando suas feições pálidas. - Por que eu não posso ficar com você?

Agora que ela sabia o que ele tinha feito, ela deveria estar ansiosa para deixá-lo, não com medo.

- Eu não estou apto para estar com você, minha senhora. Os druidas são o seu povo. Você pertence a eles.

- Eu não os conheço, e eu não quero ir para eles. - Seus cílios escuros varreram. - Se fôssemos reunidos para algum propósito, não deveríamos descobrir o que é primeiro?

Ele sentiu um curioso prazer em saber que ela o preferia sobre o povo da magia, como se ela tivesse lhe dado uma benção. Ainda assim, ele não podia cuidar dela, não tão magoada quanto ela estaria. Ela precisava de cuidados.

- Os druidas não vão te machucar. Eles podem mostrar a você como viver neste tempo, ensinar o que você é e o que você pode fazer. Eu não posso te ajudar com isso, moça. Eu sou Pritani, não 'tipo druida'.

- Eu não tenho nada para voltar, mas uma acusação de homicídio em primeiro grau, então eu prefiro ficar aqui. Eu não sou completamente indefesa, você sabe. Eu ficaria feliz em limpar, e cuidar do jardim, e cozinhar para você. - Suas bochechas ficaram rosadas. - Se você me ensinar como. Eu sou uma aprendiz muito rápida, então não demorará muito. Por favor?

Naquele momento, Evander queria beijar sua linda boca e levá-la de volta para sua cama, mostrando-lhe exatamente como ela poderia agradá-lo. Tão jovem e sensível quanto ela, ele sabia que poderia deixá-la louca de prazer. Ele também sabia que, se ele a mantivesse no chalé, com o tempo eles provavelmente se tornariam amantes.

No entanto, ela havia sido cruelmente usada pelo marido, enquanto ele enterrava seu coração despedaçado com Fiona. Mas e se ele perdesse a paciência com ela, como fizera com Kinley Chandler? A dama do Lairde tinha sido uma soldado. Rachel era nobreza. Ele não sabia nada do mundo dela, nem ela dele.

- Você não deveria estar aqui comigo. - disse ele finalmente. - Nem eu com você.

- Eu não vou tentar tomar o lugar de Fiona. - disse Rachel e tocou sua manga. - Eu sei que não posso. Mas podemos ser amigos e manter a companhia um do outro. Tem que ser melhor do que você morar sozinho, ou eu com um monte de gente que não conheço.

- Você não me conhece. - ele lembrou a ela.

Ela sorriu pela primeira vez e transformou suas feições de amáveis a deslumbrantes. - Então me dê uma chance para conhecer.

Naquele momento, Evander não poderia ter negado nada a ela. Nem ele queria deixá-la ir e retornar à sua solidão miserável.

- Sim, então eu devo. Só você não deve sair da casa a menos que eu esteja com você.

Abaixo deles, um grande cervo vermelho soltou um grito e o resto do grupo de veados o seguiu enquanto ele fugia para as árvores. Evander viu a causa da rápida retirada deles quando uma pequena marta de pêlo escuro subiu até a borda da piscina. Ele bebeu até encharcar o babador de pele de âmbar sob o rosto pontudo. Com um movimento de sua cauda longa e peluda, saltou para um pinheiro e subiu nos galhos.

Rachel assistiu até que desapareceu. - Isso foi adorável, o que quer que fosse.

Ele podia dizer a ela que o sinuoso e peludo assassino havia sido reverenciado pela tribo Talorc, que imitava sua graça suave e ataques rápidos e letais em seus estilos de luta. *Martens* eram caçadores noturnos, e seu povo acreditava que ver um à luz do dia significava que os deuses haviam concedido proteção especial aos *beholders*. Mas Rachel não era Pritani, nem sabia que ele era um imortal que perdera sua tribo há mil anos.

A realização o atingiu como um martelo no peito. Ao longo de sua longa existência, Evander sempre foi considerado um guerreiro incomparável, mas isso nunca o havia agradado a ninguém. Durante sua primeira vida mortal, sua tribo o usou como a terrível arma que ele era. A vida do guerreiro o endureceu a um ser tão sombrio e sem alegria que sua noiva fugiu com outro. Depois de renascer como um imortal, Evander foi respeitado pelos do clã McDonnel por seus talentos, mas nunca foi bem-amado. Ele imaginou que até Fiona o amara apesar de quem e o que ele era. Ele nunca conheceu o prazer de ser comum, e aceito, ou apreciado por qualquer coisa que não seja sua capacidade de matar.

No entanto, Rachel não sabia nada dele. Com ela, Evander poderia simplesmente ser um homem.

- Era uma Marters. - ele disse, sorrindo um pouco. - Eles são os melhores caçadores da floresta.

Capítulo Cinco

Igual a uma estátua lavada em terra depois de um desastroso naufrágio, Quintus Seneca ficou no platô no topo da Ilha de Staffa, e viu como um navio da Nona Legião ancorou à distância. Ele podia ver a aspereza das ondas batendo contra o casco, agora tão fortemente asfaltado que as longas tábuas escalonadas pareciam meras ondulações. O esqueleto reforçado era volumoso e sem graça de proa a popa, mas facilmente transportava trezentos de seus homens. Ele havia pessoalmente orientado a reforma das cabines e dos decks inferiores para proteger os tripulantes de patrulha mortos-vivos dos raios letais de luz do dia.

- É o *corvo.* - disse Ermindale. O marquês de cabelos prateados ao lado dele estalou os dedos. Um de seus acompanhantes correu até ele. - Mande os pequenos barcos para a patrulha e prepare-os para eles.

O centurião bateu com o antebraço no peito e curvou-se sobre ele. - De uma vez, *Praefectus.*

Quintus não poderia culpar Ermindale como seu segundo em comando. O marquês assumira seus deveres com tanto prazer quanto renunciara à sua mortalidade para se tornar eterno bebedor de sangue. Enquanto ele era escocês, o homem tinha uma aura de autoridade inegável. Ele também presidiu a Legião sem sentimento ou malícia, o que era raro até mesmo entre os romanos. Se não fosse pelo transporte e santuário fornecido por seus navios negreiros e vastas propriedades no norte e no sul, a Nona Legião poderia ter sido exterminada até agora. Quintus não confiava em Ermindale, mas contanto que ele continuasse a provar recursos, ele o manteria como seu segundo.

Ao voltarem para a entrada de seu covil cavernoso, Quintus viu que as sentinelas observavam Ermindale de perto.

- Você está deixando os guardas nervosos, *Praefectus*.

O marquês sorriu. - Eu tenho desde que Ficini partiu desta terra.

O fato de que Ermindale matou seu antecessor para alcançar sua posição não o manchou aos olhos dos homens. Essa ambição mortal sempre foi uma marca da nobreza romana. O fato de o marquês ter feito isso sem permissão, no entanto, permaneceu um ponto de discórdia silencioso.

- Tente não matar mais ninguém. - disse Quintus suavemente. - Ainda nos mantemos a meia força.

Debaixo da planície gramada da ilha, a Legião havia estendido os túneis e cavernas para criar uma nova fortaleza. Em outro mês estaria pronto para abrigar o restante da Legião. Nas propriedades do sul de Ermindale, seus ex-escravos estavam em processo de serem transformados em mortos-vivos e treinados como substitutos para os romanos que haviam caído durante o cerco setentrional. Uma vez que as novas tropas foram trazidas para a Ilha de Staffa, Quintus poderia iniciar a fase final de seu plano para

remover o único obstáculo entre a Legião e o governo da Escócia: o Clã McDonnel.

Dentro do covil Quintus percorreu as passagens alinhadas com colunas de basalto naturalmente formadas que emprestavam o ar de um templo para o complexo subterrâneo. Thralls mortais, ocupados com o trabalho diário de cuidar de seus mestres mortos-vivos, sorriam e acenavam com a cabeça quando eles passavam. Uma dúzia de ferreiros que eles haviam raptado de suas aldeias agora alegremente forjavam novas lâminas no arsenal. Uma fila de empregadas arrancadas de seus nobres riam enquanto carregavam montes de roupa na lavanderia. Os odores da cozinha vinham da enorme cozinha que preparava refeições diárias para os escravos da ilha, todos convertidos com o novo método de encantamento que Quintus havia descoberto.

Bebendo apenas uma pequena quantidade das veias dos mortos-vivos, e tendo suas feridas curadas com uma mancha de sangue de mortos-vivos, transformou os mortais comuns em escravos absolutamente dedicados e dispostos.

- Vou me juntar a você e aos homens em breve. - disse Quintus ao marquês, deixando-o entrar em seus aposentos particulares.

Baus de livros tirados de mosteiros e grandes propriedades cobriam as paredes de pedra. Tapetes finamente cobertos cobriam o chão áspero. Algumas velas iluminavam a escuridão, o suficiente para ver o corpo voluptuoso reclinado na cama com cortinas. Uma queda sedosa de longos e brilhantes cabelos dourados era tudo o que adornava a pele translúcida de Fenella Ivar. Quando Quintus ficou sobre ela, ela abriu os olhos azuis claros e sorriu.

- Você precisa de mim, milord? - ela perguntou em sua voz doce.

Sentou-se ao lado dela e pegou uma de suas mãos fortes e quadradas na sua. A palma da mão e os dedos dela ainda pareciam duros pelos anos que passara trabalhando como empregada de leite, mas gostava de como se sentiam em sua carne fria.

- Agora não, minha querida. - disse ele. Ele estava se tornando extremamente apaixonado pela empregada, e isso parecia uma fraqueza perigosa, especialmente quando ele viu como ela estava pálida. - Você deve se vestir e ir fazer uma refeição.

- Se esse é o seu desejo, milord. - disse ela. Mas ela se levantou, pressionando os seios grandes contra ele. - Você sabe do que eu tenho fome.

Quintus sentiu o frio e pegajoso de sua pele e beijou sua testa. - Coma alguma coisa e eu me juntarei a você novamente mais tarde.

Ele deixou Fenella para encontrar a patrulha do navio na grande caverna servindo como seu centro de comando. Ele os encontrou e o marquês reuniu-se em torno de uma ampla mesa de mapas.

- Nós trazemos notícias, Tribune. - disse Cicarus, o optio que comanda a patrulha. - Quando voltamos para o navio, pegamos o cheiro de sangue de uma fêmea mortal ferida. Nós a vimos nos braços de um highlander, aqui. - Ele apontou para um ponto no mapa. - Mas eles escaparam antes que pudéssemos capturá-los. Encontramos um poço meio cavado no bosque que continha o sangue dela, mas perdemos o cheiro da mulher em um riacho próximo.

- Talvez você tenha interrompido um assassinato. - sugeriu Ermindale com amargura.

- Aquele bosque era onde a bruxa atiradora de fogo assassinou Tribune Lucinius. - disse Quintus e franziu a testa para o optio. - Descreva o highlander para mim.

- Alto ruivo e vestido com roupas escuras. Ele não usava tartan. - Cicarus pensou por um momento. - Ele carregava um pacote de lanças atreladas às suas costas.

- Esse era o traidor dos McDonnel, Evander Talorc. - Quintus disse suavemente. - O quê mais?

- Nós recuperamos isso do túmulo.

O optio entregou-lhe uma bolsa branca pequena e suja, pendurada em uma corrente finamente trabalhada.

Quintus mexeu no fecho até abrir e retirou um pequeno objeto dobrado cheio de estranhos cartões coloridos feitos de algum material liso. Um deles tinha um retrato em miniatura de uma beleza morena e pequenas palavras impressas em todo o cartão.

- Carteira de motorista da Califórnia. - Ele tocou a letra em relevo da assinatura sob o retrato. - Rachel Ingram. - Os números e letras não faziam sentido para ele, então ele mostrou o cartão para Cicarus. - Esta é a mulher?

- Eu acredito que é, Tribune. - O optio cheirou o cartão. - E cheira a ela.

Talorc havia desaparecido junto com Fiona Marphee, a espiã mortal mais valiosa de Quintus, mais de dois anos atrás. Os rumores de que o ex-Seneschal McDonnel havia traído seu clã por sua amante se espalharam lentamente ao longo do tempo, mas ninguém os via desde a destruição do covil original da Nona.

- Quero que todos os homens vejam isso. - disse Ermindale, pegando o cartão de retratos de Quintus e entregando-o a Cicarus. - Toda patrulha deve procurar por essa mulher e levá-la viva.

O optio se curvou. - Como você comanda Praefectus.

Quintus esperou até que Cicarus partisse antes de dizer: - Precisamos de Talorc, não uma fêmea.

- Se ele quisesse que ela morresse, ele a teria deixado por nossos homens - disse o marquês. - Que ele a levou embora mostra que ela tem algum valor para ele. Talvez ela seja sua nova amante. Se ele traiu seu clã pela última moça que ele enganou, ele o fará novamente. Um traidor de marca como o Talorc pode até optar por se aliar a nós contra eles.

Agora ele podia ver o raciocínio do marquês, e ainda assim sentiu uma onda de raiva. Ermindale não se importava com as mulheres e, se

conseguissem capturar Rachel Ingram, provavelmente a cativaria para servir como sua prostituta pessoal.

- Talorc sabe onde Dun Aran está. - disse Ermindale. Ele sorriu como se tivesse recebido um presente. - Vamos dobrar as patrulhas e alertar nossos espiões mortais. E nós vamos querer mais desses, a propósito.

- Tente cativar alguns homens, assim como mulheres. - O *Tribune* aconselhou seu *Praefectus.*

Quintus discutiu as áreas de busca com os homens e, em seguida, deixou Ermindale para organizar as novas patrulhas, enquanto ele voltava para seus aposentos. Ele viu que sua cama estava vazia, mas quando ele se aproximou encontrou Fenella deitada nua e inconsciente no tapete. Ele pressionou os dedos na garganta dela, e encontrou o pulso fraco e vibrante. Seus lábios e unhas pareciam azulados, e sua carne estava fria como gelo.

- Milord. - ela engasgou. - Eu não posso... respirar.

Ele matou mortais suficientes para saber que ela estava morrendo, mas ele tinha sido tão cuidadoso para não tomar muito do seu sangue. Este foi o trabalho de outro. Sua vida terminaria em minutos, a menos que ele lhe desse imortalidade. Mas nenhuma fêmea ainda havia sido transformada e feita morta-viva. Ele havia prometido evitá-lo a todo custo.

Quando ele a levantou para a cama, ele viu marcas frescas de mordida em sua garganta, marcas que não podiam ser dele. Uma raiva surda surgiu dentro dele.

- Quem fez isto para voce?

Ela murmurou algo ininteligível e ficou mole.

Quem quer que tenha feito isso sofreria por isso, mas nesse momento ele tinha que salvá-la, o que significava dar-lhe o sangue antes de seu coração parar e começar o processo de transformá-la. Ele levantou o pulso contra a boca, mordendo sua própria carne para se fazer sangrar.

Ele pressionou a ferida contra os lábios dela. – Beba. - ele disse suavemente. - Sim, meu amor. Assim, meu amor.

Capítulo Seis

Laird Lachlan McDonnel observava o pesado banco de nuvens avançando sobre as cordilheiras das montanhas de Black Cuillin. A densidade da tempestade que se aproximava fraturou o sol em enormes pedaços de luz branca que perfuraram as profundezas sombrias do Loch Sìorraidh, enquanto relâmpagos longínquos brilhavam ainda mais. Essas tempestades não eram nada de novo na ilha de Skye, ou a seu clã de imortais highlanders, mas hoje o Laird sentiu uma ameaça peculiar no ar. Seu espírito de serpente também sentiu, pois ele podia sentir a tinta de sua pele se contorcendo sob suas roupas.

Algo estava chegando e não tinha nada a ver com o clima.

- Aqui está. - disse uma voz doce e familiar. A figura alta e esbelta de sua esposa, Kinley, emergiu do arco do corredor superior e ficou de pé ao lado dele na beira da calçada da parede. - Ovate Lusk acabou de chegar e está pedindo para falar com você. Ele parece preocupado, então provavelmente não é uma boa notícia, mas ele não trouxe Bhaltair Flen, então provavelmente não é tão horrível. - Ela deslizou o braço ao redor de sua cintura. - Algo errado?

- Talvez, mas eu não posso colocar nome nele. - Ele olhou para a condição encardida de suas roupas de treino. - Você tem brigado com Diana novamente.

- Não, ela chutou minha bunda novamente. - Kinley corrigiu, e suspirou. - Eu sou um oficial da Força Aérea treinado em combate que fez três turnês no poço de areia, e eu continuo sendo pega por uma policial que trabalhava procurando pessoas desaparecidas. - Ela rolou a parte superior do braço direito como se estivesse dolorido. - É embaraçoso.

Lachlan esfregou o ombro por ela. - Diana Burke é a mulher mais alta e mais forte que já vi, e é casada com o maior e mais forte guerreiro do clã.

- Oh, agora eu entendi. - disse ela. Pequenos traços de branco nos vívidos olhos azuis de sua esposa brilhavam como a tempestade distante. - Você está fazendo Raen treiná-la.

- Sim, meu amor, mas não para derrotá-la. - ele disse rapidamente enquanto ela batia nele com o punho. - Eu encarreguei os dois líderes de guerra de procurar pelos mortos-vivos no continente. Diana pode ser a melhor rastreadora que já tivemos, mas ela está parecendo em outras áreas.

- Então nosso policial precisava aprender a lutar como um highlander. - O olhar de Kinley se suavizou. - Bem, ela faz agora, então você pode dizer a Raen para me ensinar todos esses diabólicos movimentos de Pritani.

- Ah, mas ele tem muitos deveres como nosso Seneschal. - Ele puxou-a para mais perto. - E meus movimentos Pritani são mais perversos.

Quando ele inclinou a cabeça para beijar seus lábios sorridentes, Lachlan uma vez mais silenciosamente agradeceu aos deuses pelo presente de sua esposa. Trazida para trás oitocentos anos do futuro, a primeira coisa que Kinley Chandler fez foi salvar sua vida durante uma batalha com os mortos-vivos. Daquela noite ela lutou contra ele, tentou-o e enfeitiçou-o com sua mente afiada e beleza incomum. No entanto, foi o espírito ferido nela que chamou a sua. Paixão e amor os uniram e os ajudaram a curar um ao outro.

Quando o beijo terminou, ela arrastou as pontas dos dedos sobre a boca dele. - O quão perverso, exatamente? Como... movimentos nus?

- Eu não posso te dizer. - Lachlan murmurou. - Eu devo te ensinar em nossos aposentos.

Sua expressão ficou séria. - Uh-oh. Eu conheço esse olhar. Podemos quebrar móveis. Novamente. - Ela olhou em volta antes de sussurrar: - Bem, nós queríamos uma cama maior, certo? Vou pedir que Neac comece a construir uma nova agora.

Lachlan riu e segurou Kinley perto. Desde que eles se casaram o tempo não mais pesava sobre ele como antes. Ele não precisava mais enfrentar a eternidade sozinho. Ela também havia se tornado imortal, graças a sua enorme coragem durante uma terrível batalha contra os mortos-vivos. Sem hesitar, ela se sacrificou para matar a tribo fanática da Legião e parar o massacre de centenas de druidas. No momento em que a viu usar seu poder de fogo para queimar a si mesma e ao *Tribune* até a morte, isso o deixou louco.

- Eu acho que a cobra nos ouviu. - disse Kinley, e colocou a mão em seu colarinho para acariciar a cabeça da serpente em seu ombro. - Talvez ajude você a me ensinar.

- Isso não é o que deseja fazer com você, minha senhora.

Ele ouviu o som de sandálias nas pedras e examinou a juba dourada pálida de sua esposa para ver o druida em vestes escuras se aproximando deles. Cailean Lusk parecia ser nada mais do que um rapaz magro e sonhador, quando na verdade ele já tinha vivido sete vidas.

Naquele momento, grandes gotas de chuva começaram a atingir a passarela, como se os próprios deuses chorassem.

- Meu senhor, minha senhora. - disse Cailean e curvou-se rapidamente. - Eu não quero me intrometer, mas sou enviado em um assunto mais urgente. Nossos aliados relatam uma perturbação no bosque

sagrado. É possível que outra mulher de um tempo futuro tenha atravessado a noite passada, mas ela desapareceu.

Lachlan sentiu Kinley tensa e assentiu. - Nós vamos falar lá dentro.

Os três recuaram para a fortaleza, onde o Laird levou sua esposa e o druida para sua câmara da torre. Margret Talley, a castelã do castelo, interceptou-as enquanto trazia uma bandeja com canecas de cidra picante e um prato de frutas, queijo e bolos de aveia.

- O povo da magia se esquece de comer, e você ainda não tomou café, milady. - a velha disse enquanto colocava a bandeja sobre a mesa e dava às roupas de Kinley um olhar estreito. - Uma vez que você terminar de planejar, eu vou mandar água quente para o seu banho, e um bom vestido. - Ela balançou antes de Lachlan e saiu.

- Essa mulher não será feliz até que *eu seja* a maior fêmea do clã. - reclamou Kinley, mas pegou uma fatia de queijo e um bolo enquanto se empoleirava no peitoril da janela.

Lachlan entregou uma caneca a Cailean e observou-o aquecer as mãos nas laterais.

- Você está tendo mortais para proteger os bosques, então? - Lachlan disse.

O druida deu-lhe um olhar cauteloso. - Não guardar, meu senhor. Depois que a senhora Burke passou despercebida, o conclave achou prudente vigiar os outros. - Tomou um gole da cidra fumegante antes de acrescentar: - Este viajante não apareceu no bosque. Ela foi tirada da terra.

- O quê? - Kinley ficou de pé. - Ela foi enterrada?

- Parece que sim. - disse Cailean. - Tememos que algo tenha dado errado durante a travessia dela. Um homem encapuzado chegou ao bosque pouco antes de ela chegar. Ele a tirou do chão e levou-a para a floresta. Nenhum dos dois foi visto desde então.

Lachlan franziu a testa. - Ele não a entregou a um magistrado ou a seu Laird?

O druida balançou a cabeça. - Uma patrulha de mortos-vivos perseguiu-os e revistou a floresta. Eles não os encontraram, mas tiraram algo do túmulo antes de se retirarem para as colinas.

- O nascer do sol destrói as trilhas dos mortos-vivos, mas nossa rastreadora pode encontrar os dois mortais. - disse Lachlan.

Ele saiu para o corredor e enviou uma sentinela para convocar Raen e Diana. Quando ele voltou, viu a esposa examinando um punhal com um cabo de madeira de formato estranho e uma lâmina longa e pontiaguda.

- Nossos observadores recuperaram esta faca da cova no bosque. - Cailean disse a ele.

- É definitivamente do meu tempo. - disse Kinley, e segurou-a para a luz da janela. - Lâmina fixa, espiral de dois gumes e profundidade, massa centrada na palma da mão. Não de questão militar, mas de nível profissional. E estou vendo traços de sangue na guarda e no cabo. - Ela entregou a Lachlan.

Ele a ergueu, surpreso com as bordas afiadas e a luz que sentia em sua mão.

- Quem carregaria uma faca assim?

- Não é uma lâmina de utilidade, e é um pouco longa demais para luta. - Kinley disse e pensou por um momento. - Não tenho certeza. Adaga de ataque secreto, talvez. - Ela viu como o druida estava olhando para ela e fez uma careta. - Ei, eu estava em busca e resgate de combate. Nós não matamos pessoas. Nós as salvamos.

Uma batida forte soou antes dos Abers entrarem na câmara. Uma montanha imponente de músculos, o ex-guarda-costas imediatamente examinou o interior, enquanto sua alta e ruiva deusa de esposa avaliava os três ocupantes com seu olhar astuto.

- Meu senhor, minha senhora. Ovate Lusk. - Os raios de tinta de um lado do rosto de Raen assumiram um brilho fraco enquanto ele olhava para a lâmina na mão de Lachlan. - Problemas?

Lachlan explicou rapidamente a situação e, assim que terminou, Diana trocou um olhar atento com Kinley. Lachlan assentiu.

- Eu sei que temos outro visitante do seu tempo. - disse ele. - Que um homem veio para tirá-la do bosque, e os mortos-vivos, em seguida, os perseguiram, estão irritantes.

Raen olhou para Cailean. - Ele não era um druida?

- Não de qualquer assentamento perto do bosque, Seneschal. - O outro homem hesitou antes de dizer: - O homem visitou o bosque várias vezes antes da noite passada. Deixa flores brancas no centro das pedras.

- É onde ele a tirou do túmulo? - Diana perguntou, e quando o druida assentiu ela se virou para Raen. - Precisamos dar uma olhada na cena.

- Sim, e de lá eu desejo que você os rastreie. - Lachlan disse a ela. - Temos que encontrar a moça que atravessou antes da Legião. Depois de localizá-la, traga-a de volta para Dun Aran.

- E o homem que a levou? - Raen perguntou.

- Ele também. - disse Kinley. - Eu quero saber como ele sabia que ela estava vindo.

- E como ele a levou embora tão rapidamente. - Cailean acrescentou. - É bastante difícil para um mortal iludir os mortos-vivos, mas fazê-lo enquanto carrega uma dama é um grande feito.

Lachlan sentiu uma pontada de desconfiança e franziu a testa. - Leve Tormod e Neac com você e arme-se.

- Os mortos-vivos não podem atacar durante o dia. - o grande homem disse a ele. - Mas eles podem enviar seus servos mortais para lutar contra nós. Nós estaremos atentos, meu senhor.

Depois que Diana e Raen saíram, Cailean disse: - Obrigado, meu senhor. Posso ficar aqui no castelo até a senhora ser recuperada? Desejo me reportar ao conclave quando tivermos notícias dela.

Lachlan suspeitou que ele também quisesse ver a mulher para que ele pudesse descobrir o motivo da sua travessia, e que poderes ela poderia possuir. Eles também podem precisar de sua ajuda se o viajante foi gravemente ferido, como sugeriu o punhal do futuro.

- Sim. - disse Lachlan. - Veja com Meg e ela arranjará um quarto para você.

Capítulo Sete

Diana passou o riacho e soltou a mão do marido enquanto limpava o rosto e tirava a água da trança de cabelos dourados e cobre. - Eu sempre adoro o passeio, mas fico encharcada no processo, por isso não tanto.

- Peça a Cailean para ensinar-lhe o feitiço de secagem. - disse Raen, sacudindo-a com mais gotículas. - Ele gosta de você.

- Ah com certeza. Da mesma maneira, gosto do peixe e da torta de passas da Meg. - Ela virou-se para observar Tormod Liefson e Neacal Uthar em sua superfície, como se fossem versões transparentes e aquosas de si mesmos, solidificando-se em suas formas corpóreas e saindo do riacho. - Mas ele não é meu único amigo druida. - Uma vez que eles se juntaram a ela e Raen, ela murmurou algumas palavras antigas em voz baixa.

Raen sorriu quando um súbito turbilhão de ar explodiu os quatro, secando suas roupas e cabelos.

- Eu me perguntei sobre o que você e Bhaltair Flen falam quando ele visita.

- Sim, bem, ele está tentando me convencer a ir para escola druida. - disse Diana e revirou os olhos. Ela andou até a borda da floresta com Raen. - Ele está sempre me mostrando como é para eu desenvolver meus dons. Você deveria ouvi-lo. É seu dever, Diana. É o seu destino. É o que os

deuses esperam. Como se meu mojo de rastreamento não é melhor, o suficiente.

- Você não poderia ser uma druidesa, Red. - Tormod disse a ela quando ele sacudiu para trás sua juba loiro-clara antes de olhá-la com os olhos azuis pálidos. - Eu exigiria que você usasse uma grande túnica quente enquanto coletava ervas daninhas e arbustos e coisas assim.

- Sim, e saltaria para o corpo de um recém-nascido a cada vez que você morrer. - disse Neac, enquanto ele levantava o machado de duas cabeças e descansava o cabo em um dos ombros do teto. - Imagine o pobre Raen com uma criança como esposa até que você volte a ter seios novamente.

- Obrigado por esse visual, chefe. - disse Diana, enquanto estudava o labirinto de velhos carvalhos retorcidos, e avistou um leve rastro de luz verde cintilante que os montanheses não podiam ver. - Ok, eu tenho eles. - Ela se virou para olhar para o outro lado do córrego. - Isso é estranho. Eles vêm até a água e depois desaparecem. - Ela olhou para o marido. - Talvez eles tenham caminhado rio acima para disfarçar seu cheiro dos mortos-vivos.

Raen trocou um olhar duro com seus membros do clã.

- Isso não apagaria o cheiro de sangue. - disse Raen. - Mostre-nos onde eles andaram Diana.

Ela os levou para a floresta enquanto seguia as trilhas. Eles pararam e reuniram-se a uma curta distância, onde Tormod apontou um conjunto de pegadas no solo.

- A montanha estava calçada. - ele disse e se agachou para examinar as marcas de perto. - Parece ser de ferro, forjado da maneira antiga.

Neac esfregou a mão grande nas costas da cabeça careca. - Não é o cavalo de um aldeão, então. - Ele considerou Raen. - Eu sei o que você está pensando, Seneschal, mas não pode ser. O homem era muitas coisas, mas não um tolo.

Raen pronunciou algo em sua antiga língua Pritani que Diana pensou que poderia ser uma opinião contrária.

- Todas as nossas montarias estão de volta à ilha. - disse Tormod. - Então, a menos que houvesse invasores montados vindo para resgatar a moça, então sim, pode ser e provavelmente é.

- Meninos. - disse Diana, cruzando os braços. - Você está falando sobre minha cabeça novamente. Você sabe como isso dificulta a minha mente quando você faz isso. Então, o que há?

- Nada que possa ser provado ainda. - seu marido disse a ela, sua mandíbula definida e sua linguagem corporal gritando pronto para ressoar. - Por favor, mostre-nos o resto.

Ela teria ficado irritada naquele momento, mas algo no modo como todos os três homens pareciam de repente e letalmente sérios disse a ela para colocar a birra iminente em espera.

- Claro. - disse ela. – Por aqui.

Diana seguiu as trilhas enquanto atravessavam as árvores e entravam na clareira do bosque. Os dois permaneceram entrelaçados até o centro das pedras antigas esculpidas, em forma de bala, onde se bifurcaram em um buraco raso e irregular no chão. Uma vez que as trilhas se dividiram, ela pôde ver suas cores: ouro brilhante, que se derramou no túmulo, e um azul muito escuro que continuou sozinho até o outro lado do bosque.

- Caramba. - ela murmurou enquanto examinava o chão na frente dela. Ela se aproximou do poço e desceu para passar os dedos pela luz dourada. - Este é um druida, ou é como eu e o Kinley. Há muito sangue encharcado no solo aqui também. - Ela olhou para a outra trilha mais escura e assentiu para ela. - Aquele não é morto-vivo ou mortal. Eu não sei o que ele é, mas a trilha é quase preta.

- Procure o bosque inteiro. - Raen disse aos homens antes de se ajoelhar ao lado dela. - Por que ela sangraria depois de atravessar? O portal deveria ter curado ela.

Diana percebeu o que havia acontecido e esfregou a testa. Ela raramente pensava em sua vida como detetive da Unidade de Pessoas Desaparecidas do Departamento de Polícia de San Diego, mas ela tinha visto muitos buracos assim para confundi-lo com qualquer outra coisa.

- Ele a curou. - disse ela. - Eu acho que ela foi atacada no meu tempo, não aqui. Quem tentou matá-la deve tê-la enterrado viva. Ela veio aqui porque eles a colocaram em um bosque sagrado daquele lado.

- Deuses, não. - disse Raen quando ele a colocou de pé e a segurou por um momento. - E quando ela acordou?

Diana assentiu. - Ela ainda estava no chão. Não é tão profundo, então ela pode ter sido capaz de dar um soco na terra. - Movendo-se para o lado do poço, ela inspecionou a terra perturbada e apontou para uma profunda perfuração. - Lá, é sobre onde o braço direito dela estaria. Se o cara viesse soltar suas flores, como Cailean disse, ele teria visto. Sua trilha para aqui. Ele deve ter ajudado a cavar o resto do caminho.

Seu marido se inclinou para tirar algo do solo e desenterrou um grande objeto em forma de H. Ao sacudir a terra, Diana viu que havia sido esculpida em um único pedaço de madeira e mostrava dois círculos com uma letra estilizada Z de lado entre eles. Na parte de baixo, duas correias de couro foram fixadas paralelas umas às outras.

- O que é isso? - Ela perguntou a ele.

- Um broquel. Os Pritani os levaram como escudos para a batalha e os esculpiram com seu símbolo espiritual, para que outros homens da tribo pudessem reconhecê-los. - Enquanto Tormod e Neac se juntavam a eles, Raen entregou o escudo ao chefe. - Ele deixou isso no túmulo.

O viking emitiu um som amargo. - Então ele é louco, assim como um tolo. - Ele viu a expressão de Diana e jogou as mãos para fora. - Se você não vai dizer a ela então eu vou. Foi o Evander Talorc que veio e levou a moça, Red. O símbolo no broquel é seu espírito de guerra.

Ela considerou o marido. - Este seria o Evander que te atravessou pela garganta para que ele pudesse fugir com a garota espiã morta-viva?

- O mesmo. - disse Raen e pegou-a pelo braço. - Vamos viajar pelo riacho até você pegar a trilha deles novamente. - Quando ela puxou livre de seu aperto, ele olhou para ela. - Não há um momento a perder.

- Seu rosto está se transformando em um show de laser. - disse ela, e bateu a tinta branca brilhante prata em sua bochecha tensa. - Suas trilhas não estão indo a lugar algum. Você sabe o que fazer. Precisamos denunciá-lo ao Laird primeiro, dizer a ele que Talorc está envolvido e ver como ele quer que procedamos. Se ele diz para rastreá-los, então voltamos e fazemos isso. Levará apenas alguns minutos.

- Eu concordo com Aber. - disse Tormod. - Evander pode levar os mortos-vivos á nossa fortaleza a qualquer momento que ele quiser nos atacar.

- O homem desapareceu de nós há anos, viking. - censurou Neac. - Se ele quisesse trazer o inimigo para nossas paredes, ele não teria esperado tanto tempo.

Enquanto eles brigavam sobre o que Evander poderia ou não ter feito, Diana disse suavemente: - Raen, por que você está tão empenhado em perseguir Talorc?

- Evander odeia as fêmeas. - disse Raen categoricamente. - Antes de trair o clã, atacou Lady Kinley duas vezes...

- Agora, rapaz. - interrompeu Neac. – Com calma. - Ele se dirigiu a Diana. - Eu não tenho amor por Talorc, não desde que ele atacou Kinley por trás quando ela veio até nós pela primeira vez. Ele alegou que achava que ela poderia prejudicar o Laird. Na segunda vez, ela o desafiou a lutar com ela nas listas. O Laird parou a luta para poupar o orgulho de Evander.

- Sim, Kinley teria vencido. - acrescentou Tormod.

- Chega. - Raen berrou, e então fechou os olhos por um momento. - Foi a minha falta de ação que permitiu que Talorc fizesse isso, Diana. Eu não o persegui depois que ele escapou com Fiona Marphee. Se eu tivesse procurado a justiça adequada, ele não teria estado aqui para roubar essa pobre moça de seu túmulo.

- Tudo bem, é tudo culpa sua. - disse ela e sorriu para ele. - Nós ainda estamos voltando para Skye e contamos a Lachlan sobre isso. - Ela pegou o broquel e notou a cor do solo preso no entalhe da frente. - Ele não deixou isso no túmulo recentemente. Parece que foi enterrado aqui por um tempo. E vê a sujeira vermelha? Isso é sangue. A mulher que cruzou a noite passada pousou em cima dele.

Raen ficou imóvel. – Porra!

- Eles sempre colocam os escudos sob suas cabeças. - disse Tormod. - Como um travesseiro de cama. - Ele olhou para ela. - Havia outro aqui, Red. Um que Evander colocou no chão, eu acho. Foi por isso que ele trouxe as flores.

- Eu não entendo. - disse Diana. - Outro o quê?

- Senhora. - disse Neac e suspirou. - É um costume antigo de Pritani. Homens de nossas tribos enterraram seus escudos com suas esposas, para protegê-los na vida após a morte até que pudessem se juntar a eles. Evander enterrou Fiona aqui.

Capítulo Oito

Rachel se levou essa manhã a fermentar o jardim, onde ela se sentou para assistir o nascer do sol pintar o céu. Paredes de neblina à deriva através das cristas e encostas pintavam a paisagem com um capricho sonhador, acrescentando magia à vista encantadora. Pássaros saíram para cantar para ela, suas canções desconhecidas, mas a cacofonia cativante.

Ela tomou um gole de sua caneca e sorriu para o sabor escuro e doce. Ela não sentia falta do café, graças ao chá de raiz de dente-de-leão de Evander, e ela rapidamente passou a amar usando mel em vez de açúcar. Teria sido apenas uma semana desde que ela chegou a esta terra linda e estranha? Sem relógios e computadores, Rachel estava perdendo toda a noção do tempo - e isso não a incomodava nem um pouco.

Aprender a viver nesta era simples sem nenhuma das outras conveniências modernas também não parecia muito trabalhoso, apesar do trabalho árduo envolvido. A água tinha que ser retirada do rio por balde, enquanto a maior parte da comida tinha que ser caçada ou recolhida. As roupas tinham que ser lavadas com sabão caseiro forte e penduradas em galhos baixos para secar. Embora ainda não tivesse dominado a cozinha à lareira, Rachel agora podia fazer sopas e ensopados simples na panela de ferro pendurada na lareira. Ontem à noite ela havia assado seus primeiros

bannocks de aveia cevada em uma pedra plana aquecida pelo fogo. Evander só tinha que mostrar a ela uma vez como fazer alguma coisa. Sua comida tinha que estar bem, enquanto ele comia o que ela colocava na mesa sem comentar.

Rachel às vezes ainda se perguntava se isso era alguma versão do céu. Seus pais não eram religiosos, mas eles a ensinaram a ter a mente aberta. Ela frequentou cultos em igrejas e templos com amigos da escola, mas nenhuma fé jamais a atraiu para praticá-la. Ela também não acreditava na visão científica de que a evolução era responsável por tudo. Ela sempre gostou do pensamento nebuloso de que havia algo mais - algo maior que eles não podiam entender - como um ótimo design oculto.

Então havia o estranho senso de afinidade com as montanhas e os bosques e terras na Escócia. Ela se sentia mais em casa do que durante toda a sua vida na Califórnia.

Rachel ouviu um gemido baixo em seus pensamentos e olhou para o celeiro. Evander insistiu que ela dormisse em sua cama enquanto ele se deitava com os cavalos, mas com as noites cada vez mais frias isso não podia continuar. Ela se levantou e entrou na cabana para preparar outra caneca de chá e tirou-a enquanto ele subia as pedras do caminho.

- Bom, quero dizer, boa manhã. - ela disse e ofereceu a caneca antes de entrar com ele na cabana. - A farinha de aveia deve estar pronta em alguns minutos. Espero que você não se importe, mas acrescentei algumas conservas de canela e maçã.

Evander olhou para a panela. - É assim que você prepara mingau no futuro?

- Tipo isso. A nossa é instantânea. Bem, praticamente tudo nosso é instantâneo, microondas ou pré-embalado.

Ela foi verificar a panela e usou um ferro de cabo longo para tirá-lo do gancho e levá-lo para a mesa.

Evander pegou uma panela do armário e serviu o cereal fumegante nas tigelas que ela preparara.

- A geada fica mais pesada a cada noite. - disse ele. - Você não deve se sentar no jardim por muito tempo no período da manhã, senão você fica gelada.

- Eu estava pensando a mesma coisa sobre você dormindo no celeiro. - disse ela e sentou-se em frente a ele e testou a farinha de aveia. Era perfumada, mas não muito doce. - Se você adoecer estou com um grande problema. Eu não sei onde encontrar um médico ...

- Eu não vou ficar doente, e o frio não vai me machucar. - ele disse categoricamente.

Em sua mente, Rachel ouviu seus pensamentos com a mesma clareza.

Ela não acredita em mim, mas eu não posso dizer a ela que nunca mais vou ficar doente ou envelhecer como ela. Eu não vou permitir que ela dormisse em uma pilha de cobertores no chão frio. Talvez eu possa arrumar um catre e colocá-lo perto do fogo. Mas posso dormir com ela na minha cama, mas a dez passos de mim?

O desejo carnal que acompanhou o último pensamento de Evander foi derramado em Rachel, ardendo através de seus seios e barriga para pulsar entre suas coxas.

- Vou tomar mais chá. - disse ela, e rapidamente entrou na cozinha. Ela derramou um pouco de água da urna na mão e espalhou-a no rosto quente.

Ela sabia o quanto ele a queria. Todos os dias ela sentia isso, e muitas vezes nos momentos mais estranhos, como quando ela se sentava e escovava os cabelos molhados junto ao fogo, ou quando ele a observava enquanto ela varria o chão com sua vassoura de junco. Apesar de toda aquela luxúria, Evander nunca colocou as mãos nela, ou tentou de alguma forma seduzi-la. Ela estava começando a pensar que ele iria continuar tratando-a como uma empregada para sempre.

Ele está me esperando.

Rachel enxugou o rosto com um pano de cozinha, suspirando nele. Ela não amava mais seu marido psicopata, mas o que David fez com ela a fez relutar em se envolver mais com Evander. Por um lado, ele realmente não se importava com as mulheres. Não no sentido de que ele preferia homens, mas mais como se tivesse sido queimado tantas vezes que não confiava em ninguém feminino.

Mesmo que ela pudesse superar sua aversão ao gênero, havia coisas acontecendo em sua cabeça. Ter relações sexuais com um homem tão intenso pode ser emocionante, mas algumas das coisas estranhas que ele achava a deixavam cautelosa como agora, enquanto conversavam. Que tipo de homem acreditava genuinamente que ele nunca envelheceria ou ficaria doente?

- Rachel?

Ela girou ao redor para encontrá-lo em pé logo atrás dela.

- Oh. Estou bem. Eu só queria lavar meu rosto. - Ela estendeu a mão com o pano úmido para pegar o cabo ainda quente da panela, mas ele segurou seu pulso. - Você prefere ter um pouco de perry?

Evander levantou o queixo para estudar seu rosto. - Você está com medo de mim agora. Por quê?

- Eu não sei. - disse ela sem pensar. Realmente ela estava mais com medo de si mesma e das decisões estúpidas que ela era capaz de fazer. Não ajudava que ela estivesse totalmente, irremediavelmente atraída por ele. - Eu sei que posso ser irritante e não quero deixar você com raiva.

- Você não pode fazer isso. Eu nunca estou sem raiva. - Ele sorriu um pouco. - Diga o que você tem.

- OK. Você não pode continuar a passar todas as noites no celeiro. Você vai ficar doente, Evander, e... você não tem nenhum remédio aqui. - ela terminou, sentindo-se uma idiota.

- Eles têm um curador na aldeia. - ele murmurou, e acariciou o polegar ao longo de sua linha da mandíbula. - Você não deveria se preocupar comigo, moça. Eu nunca estou doente.

Sua mente se encheu de sua necessidade de beijá-la, e os cílios de Rachel tremularam enquanto ela olhava para sua boca. O desejo que ela sentia agora não estava vindo dele, ou talvez fosse, e ela simplesmente não se importava. Então ela pensou em como se sentiu ao olhar para seu novo marido enquanto ele enterrava terra em cima de seu corpo paralisado.

Ela também queria David.

- Eu me casei há sete dias. - ela disse a ele, sua voz instável. - Você ainda estava apaixonada por Fiona quando me encontrou. Nós dois estamos sofrendo, Evander, e precisamos de mais tempo para curar.

- Sim. Nós podemos nos curar.

Seus olhos escureceram e ele inclinou a cabeça como se quisesse beijá-la.

- Não assim. - disse Rachel e colocou a palma da mão no peito. Ela franziu a testa ao sentir sua carne pulsando sob o tecido. - Você está tendo espasmos musculares?

- É a minha pele. - disse Evander, soando mistificado. Ele puxou o colarinho da túnica, expondo parte de uma tatuagem primitiva. - Você desperta meu espírito de guerra.

Sem pensar, Rachel traçou uma linha da tinta e sentiu-o estremecer. Ela retirou a mão, mas ele a trouxe de volta e pressionou a palma dela sobre ela.

- Nunca tenha medo de me tocar. - disse ele, sua voz profunda e áspera. - Suas mãos são tão macias quanto seda fina e frescas como uma chuva de primavera.

- Sua pele é tão quente. - ela sussurrou sua garganta tão apertada que mal conseguia respirar. Ela deu um passo para trás. - Isso... eu não quero mais você dormindo com os cavalos. Por favor, fique na casa comigo para que você não congele. É tudo o que eu quero... por enquanto.

A mandíbula de Evander se apertou, mas ele soltou a mão dela e pegou o pote de cerveja.

- Eu vou fazer um berço. Venha e coma, e depois você pode andar pela floresta comigo.

Aliviada que as coisas não saíram do controle, Rachel rapidamente terminou sua aveia e pegou a cesta de coleta. Antes de partir, Evander a cobriu com seu tartan e dobrou uma borda sobre a cabeça para formar um capuz. Ele prendeu com uma espiral de bronze martelado.

Ela olhou para a lã pesada. - Não vai ser tão frio hoje, vai?

- Com a geada forte vem o vento do mar. - disse ele. - Um punhado de uma mulher como você não pode suportá-lo.

- Eu não tenho *nada de* pequeno. - Rachel disse como eles deixaram a casa e se dirigiu para a floresta. - Eu também coloquei algum peso desde que cheguei aqui.

- Sim, e eu tenho botas que ainda são mais pesadas. - disse Evander e parou para ouvir antes de acenar para a esquerda. - Dessa forma, vamos encontrar bagas.

Rachel não sabia o que ele ouviu, mas cinco minutos depois eles encontraram um enorme pedaço de árvores pesadamente carregadas de bagas vermelhas. Sob os galhos, uma pequena manada de cervos esticava os pescoços enquanto mordiscavam os cachos mais baixos.

Ela ainda estava aprendendo os nomes do que era comestível. - Eles são groselhas?

- Cerejas silvestres. - disse ele e apontou para um aglomerado de arbustos com frutas muito mais escuras perto das árvores. - E lenhadores lá.

Assim que se aproximou, o rebanho se dispersou, fazendo Rachel se sentir um pouco culpada. Sua vergonha desapareceu assim que Evander arrancou um punhado das cerejas e ofereceu-as a ela. Ela mordeu uma e gemeu um pouco sobre o doce sabor azedo.

Eles mancham seus lábios vermelhos, moça adorável. Como eu quero beijar essa boca agora. Só eu não pararia com um beijo. Eu quero uma dúzia, todos com sabor de cereja e sua própria doçura.

Rachel pegou a pequena pedra da boca antes de se engasgar com ela.

- Como você sabia que eles estariam aqui? Você pode ouvi-los crescendo?

- Eu ouvi o cervo. - disse ele e colocou um punhado de cerejas em sua cesta. - A geada os manda forragear para a última fruta do verão. Eles devem se alimentar tanto quanto puderem para que possam engordar antes que a neve chegue.

Ela olhou para o poço de cereja. - Deveríamos plantar alguns desses mais perto da casa de campo. Eles dão frutos imediatamente? Seria bom ter cerejas no jardim no próximo verão.

Ele deu a ela um olhar estranho. - Você quer ficar tanto tempo aqui, minha senhora?

- A menos que você me chute para fora. Não tenho mais para onde ir, lembra?

Antes que ele pudesse sugerir o contrário, ela correu para os arbustos. Seus dedos tremiam quando ela começou a pegar os pedaços de papel, que pareciam versões menores e negras de mirtilos americanos.

Evander não estava pensando em nada enquanto juntava as cerejas silvestres, mas continuava observando-a, e o peso de seu olhar a fez

desajeitada. No momento em que ela trouxe de volta uma saia cheia de bagas para cair na cesta, suas mãos pingavam suco de roxo avermelhado. É claro que ele não tinha uma gota de suco de cereja nele, o que a fazia se sentir ainda mais inepta.

- Eu não suponho que haja água por perto. - Rachel disse enquanto estudava suas mãos pegajosas.

- Um ramo do rio corre além daqueles pinheiros. Você pode lavar lá.

Ele pegou a cesta e levou-a mais para dentro das árvores. O rio acabou por ser muito maior e mais selvagem do que ela esperava, e Rachel parou quando inspecionou as correntes impetuosas.

- Acho que é uma má idéia. Eu sou uma pequena mulher e também não uma ótima nadadora. - Ela engasgou quando Evander a envolveu em seus braços. - O que você está fazendo?

- Ajudando você com isso.

Ele andou a passos largos para o banco e entrou na água, e ficou no centro quando ele a virou debaixo do braço e abaixou-a em direção à superfície.

Rachel gritou assim que ela imergiu as mãos nas correntes geladas, e as esfregou rapidamente. Quando ela os tirou da água escura, manchas manchadas ainda mancharam sua pele, mas todo o suco pegajoso tinha sido limpo.

- Ok. - ela disse rapidamente.

Evander levou-a até o banco, e abaixou-a sobre uma pedra de topo plano antes de sair e se sentar ao lado dela.

- Melhor agora? - Ele disse.

Ela sentiu vontade de bater nele. - Você percebe o quão perigosa é essa água? Se você tivesse caído, nós dois teríamos sido varridos.

Seus olhos captaram a luz do sol e brilhavam como esmeraldas em chamas.

- Eu não sou um péssimo nadador, moça.

Uma onda de memória voltou para Rachel, que olhou para ele quando ela se lembrou dele ordenando-lhe que fechasse os olhos e prendesse a respiração.

- Você entrou no riacho comigo em seu cavalo. Você andou *sob* a água. Como você fez isso?

Sua boca engatou. - Eu te disse você não me conhece. Você deseja?

Talvez ele estivesse escondendo alguma coisa dela, assim como ela estava escondendo sua habilidade de ler a mente dele. Não parecia justo exigir uma explicação, enquanto escondia dele o fato de que ela poderia tocar em seus pensamentos quando quisesse.

- Tudo bem. Você salvou minha vida naquela noite. Isso é tudo o que realmente importa.

Sua diversão desapareceu quando ele se levantou e esfregou o peito, e então ofereceu-lhe a mão.

- Está ficando mais frio. Nós vamos voltar.

Evander não disse mais nada até chegarem à cabana, onde recuperou suas armadilhas e lança.

- Eu vou voltar antes de escurecer.

Ela assentiu com a cabeça e o observou ir antes de entrar para guardar as frutas que haviam colhido. Quando ela tirou o tartan, a espiral de bronze desalojou e caiu no chão. Quando Rachel recuperou, viu algo embaixo do armário.

O pequeno rolo empoeirado fora escrito por uma mão trêmula em uma linguagem que Rachel não reconheceu, mas o nome no fundo era muito

claro: Fiona. O que quer que seja dito, só Evander poderia traduzi-lo. A vontade súbita de rasgá-lo em pedaços a chocou, assim como a onda de ciúme que veio com ele.

Cuidadosamente, colocou o pergaminho na mesa de pedra e foi se enrolar na cadeira de Evander. Fiona viveu uma vida miserável e teve uma morte terrível. Ela havia arriscado sua vida para proteger seu amante de seus mestres assassinos. Evander destruiu sua própria vida para protegê-la também. Seu caso de amor deve ter sido bem épico. Rachel sabia de tudo e ainda sentia um ressentimento agudo.

E se o pergaminho fosse uma velha carta de amor? Não tinha Evander sofrido o suficiente?

Ela olhou para o tear permanente, o único lembrete constante de Fiona.

- Eu não sei se você está assombrando esta casa, senhora, mas se você está poderia dar um tempo ao cara? Ele ainda ama você, mas ele está tentando seguir em frente. Deixe-o, ok? Você não quer que ele seja feliz?

Um som agudo a fez pular, mas veio da lareira, onde um tronco que havia se partido ao meio caiu em dois pedaços brilhantes de vermelho-branco.

- E agora eu estou falando sozinha e queimando madeira. - Rachel murmurou.

Por fim, obrigou-se a levantar-se e começar o processo de preparar um guisado para a refeição da noite. Ela colocou duas tigelas de cerejas selvagens, que ela planejava fazer com creme e uma pitada do doce vinho vermelho que Evander gostava. Ela preparou os pratos, tentando o seu melhor para ignorar o pergaminho, e saiu para escolher a última urze branca para fazer um buquê para a mesa.

O montanhês retornou um pouco antes do pôr do sol com um par de raposas e dois coelhos, que ele guardou na despensa antes de se juntar a ela. Assim que viu o pergaminho na mesa, parou no meio do caminho.

- O que é isso?

- Eu encontrei debaixo do armário. - disse ela e forçou um sorriso quando ela entregou a ele. - Não consigo ler o que está escrito, mas Fiona assinou.

Evander desenrolou, estudou as palavras e então olhou como se tivesse levado um soco no rosto. Ele começou a colocar o pergaminho para baixo, olhou para o buquê de urze e o pegou. Ele carregou as flores e o pergaminho até a lareira e jogou as duas nas chamas. Do conjunto rígido de seus ombros e da condição de seus punhos brancos, ele ficou absolutamente furioso.

Como ela pôde fazer isso? Por que ela iria e para onde? Para eles? Ela queria matar ou se salvar? Ela nunca me amou?

Rachel esperou por alguns minutos até que ele se acalmasse antes de ela ir até ele.

- O que eu posso fazer?

- Nada. Era uma carta de despedida de Fiona. - disse ele. - Ela queria me deixar. Enquanto eu estava caçando, ela foi à fazenda do pastor. Ele a levaria até as docas da aldeia para poder comprar uma passagem em um navio. Só ela encontrou o pastor e sua família mortos de peste e teve que voltar para mim. Ela morreu antes que ela pudesse tentar novamente.

Ela enrolou a mão ao redor dele. - Eu sabia que deveria ter queimado aquele maldito pergaminho. Eu sinto muito.

- Ela não me apunhalou pelas costas e me deixou para morrer. - disse ele com os dentes cerrados. - Não, ela esperou para me tirar do túmulo.

- Talvez não fosse você. Talvez ela estivesse com tanto medo de seus inimigos que ela não podia mais ficar aqui. - ela disse, e suportou seu olhar frígido. - Você disse que tudo o que ela fez foi se preocupar que você seria encontrado. Talvez tenha sido demais para ela.

Evander foi até o tear de Fiona, que ele derrubou no chão. O tremendo estrondo fez Rachel recuar, mas depois ele quebrou o quadro com suas próprias mãos. Ele selecionou várias peças, que ele encostou em uma parede e, em seguida, pegou a cesta de fios de Fiona.

- Vá e faça sua refeição enquanto eu construo meu berço. - ele disse a ela. - Eu não estou com fome.

Capítulo Nove

Dias depois da descoberta da carta de Fiona, Evander mal falava com Rachel e passava a maior parte do dia caçando. À noite, ele cortava lenha para o fogo ou trabalhava no celeiro em uma nova sela que estava fazendo. A árvore oca que ele costumava fumar ardia em torno do relógio. A pilha de lenha passou de substancial para montanhosa.

Rachel não conseguia dormir à noite até ouvi-lo entrar e se esticar junto ao fogo. O catre que ele tinha feito da moldura de madeira do tear de Fiona não parecia particularmente confortável, mas quando ela se ofereceu para se revezar com ele dormindo nele, ele se recusou terminantemente.

Depois, houve as longas noites em que ela não conseguia se afastar mesmo depois de ele entrar, quando ele começou a sonhar. As lembranças das batalhas deveriam ter sido as piores e, de certa forma, eram, mas ele era um lutador incrível. Observando através dos olhos dele enquanto ele revivia incontáveis escaramuças com os inimigos do clã, Rachel descobriu que ele poderia arremessar uma lança centenas de jardas e acertar qualquer alvo, mesmo que ele mal pudesse ver.

Muitas vezes sonhava com uma estranha e primitiva tribo que a princípio parecia um povo pré-histórico. Mas então ela começou a perceber a sutil sofisticação de sua sociedade e ferramentas. Entre a tribo ele sempre foi um menino, e nunca o tratou especialmente bem. Um homem mais velho trabalhava como um escravo e nunca lhe ofereceu uma palavra amável, não importando o que fizesse. Evander recebeu terríveis surras até mesmo pelo menor erro, e teve que lutar com irmãos mais velhos por comida, batalhas que ele muitas vezes perdia até ficar maior.

Rachel tentou de tudo para bloquear seus sonhos, mas chegou uma noite em que estava tão cansada que fechou os olhos e deixou que ele controlasse sua mente. Ele a levou para uma pequena aldeia de casas de campo, onde ele entrou em uma e andou atrás de uma mulher de cabelos escuros em um tear. Quando ela se virou, Rachel esperava que ela fosse Fiona, e ficou chocada ao ver seu próprio rosto sorrindo para Evander. Ela quase caiu da cama, e então sentiu as sensações vindo dele que fizeram seus mamilos esfriarem e seu clitóris pulsar entre suas pernas.

Em seu sonho, Evander sentou-se com ela em seu colo e acariciou-a enquanto observava seu rosto. Seus longos dedos acalmaram seus picos enrugados com carícias circulantes e, em seguida, provocaram-nos com pequenos puxões. Rachel se contorceu em seu colo, impaciente por mais, mas então ele a virou sobre o joelho e puxou suas saias.

Ela sentiu as duras picadas de cada bofetada em sua bunda quando ele a espancou em seu sonho, e enquanto isso não a despertou fez seu peito levantar e seu pênis inchar. Ele amava a dominação, o domínio sobre ela, e achava que ela queria tanto. Ele arrastou a mão dela até a crista confinada de seu membro e pressionou a palma dela contra ela antes de pegá-la e levá-la para a cama. Ele a jogou de cara no chão antes de ficar atrás dela e puxar as saias de novo.

As costas de Rachel se arquearam para fora da cama, como no sonho, ele a penetrou com golpes duros e apunhalando. Era tão bom que ela teve que puxar o travesseiro sobre o rosto para abafar seus gemidos. A partir do sonho, ela sentiu o que ele fez, e foi emocionante tanto na realidade que ela estava pronta para gozar. Como seu corpo apertado com necessidade, ela deslizou a mão entre suas coxas e rapidamente acariciou seu clitóris. Quando ele ejaculou no sonho, desencadeou seu próprio clímax, e ela tremeu tanto que a cama bateu contra a parede.

As imagens e sensações pararam de repente, e Rachel ouviu passos se aproximando da sala da frente. Ela fechou os olhos e não se moveu quando sentiu que Evander se inclinava sobre ela.

Oh Deus. Ela ainda tinha a mão entre as coxas. E se ele pudesse ver que ela estava se tocando? O que ele pensaria dela?

Evander puxou o velho tartan sobre ela, cobrindo o corpo desde os dedos dos pés até o pescoço. Ele colocou uma mão na barriga dela, e então a moveu para descansar na mão que ela usou para acariciar-se. Ele não moveu a mão dela nem a tocou, mas sabia exatamente o que ela estava fazendo. Ele estava pensando nisso.

Não, ele estava fantasiando sobre isso.

Rachel ficou perfeitamente imóvel quando Evander começou a sonhar novamente, desta vez totalmente acordado. Ele imaginou puxar o cobertor de lado e entrelaçar os dedos com os dela para ajudá-la a esfregar sua pequena e dura pérola. Com a outra mão, ele queria puxar a gola solta da camisa da noite, mostrando os seios à sua boca. Ele se perguntou como ela iria provar, e se chupar seus seios e esfregar seu clitóris a faria entrar em seu sono.

Oh, por favor, faça.

Pouco antes de abrir os olhos e falar, Evander recuou da cama e a fantasia em seus pensamentos se evaporou. Em vez de vê-la, ele viu uma sepultura aberta. Vergonha e auto repulsa o encheram quando ele saiu do quarto e saiu correndo da cabana.

Rachel sentiu vontade de chorar quando seus pensamentos se tornaram distantes e frios. Ele não fez nada de errado. Ela fez. Ela sentiu uma última explosão de emoção dele - alívio, quando ele mergulhou no lago gelado completamente vestido - e depois nada.

Ela se virou seu corpo doendo de necessidade e chorou até dormir.

Capítulo Dez

Como se soubesse sobre a partilha de fantasia, Evander ficou ainda mais distante e passou mais tempo longe da cabana do que nela. Consciente de que ela era tão culpada, Rachel se concentrou em manter a paz. Ela tentou fazer refeições apetitosas, manteve os quartos arrumados e trabalhou para melhorar suas habilidades limitadas de costura. Enquanto procurava algum tecido velho que pudesse praticar, encontrou um par de agulhas de tricô de madeira num cesto de lã tecida. Depois de pedir permissão a Evander para usá-los, ela começou a trabalhar em um lenço à noite.

- Mãe, você fez isso parecer tão fácil. - ela murmurou enquanto pegava um ponto perdido, e olhou para as linhas irregulares sob ele. - Mas pelo menos eu não esqueci tudo o que você me ensinou.

Rachel passava os dias recolhendo os últimos vegetais e ervas do jardim e fazendo um balanço do que tinham na despensa e na despensa fria. Assim que a neve chegou, ela imaginou que seria cortados da aldeia, o que significava sobreviver ao que quer que Evander possa caçar ou guardassem.

- De repente eu tenho uma nova apreciação pelos esquilos. - Rachel murmurou para si mesma.

Depois de passar por todas as lojas, ela se sentiu muito melhor com a situação deles. Graças às caçadas diárias de Evander, eles tinham carne defumada e salgada suficiente para durar meses. Ela havia contado uma dúzia de enormes sacos de aveia e cevada, e dez dos grandes queijos que Evander compraram do moleiro e de um laticínio na aldeia. Ela havia secado ao sol todas as ervilhas, feijões, maçãs e peras que haviam deixado do jardim e colhido, e mergulhado as frutas em vasilhas de mel, o que ele dissera que

as impediria de estragar. Ele tinha tecido os topos do alho selvagem que eles haviam recolhido e feito uma grande coroa de flores. Eles tinham até alguns vegetais frescos por um tempo, enquanto várias cabeças de couve enchiam uma prateleira, e cachos de cenouras e cebolas selvagens enchiam outra lata.

- Definitivamente café de flores suficiente. - disse ela enquanto verificava o saco que ela tinha enchido com hastes secas de dente-de-leão para assar e fazer sua bebida matinal favorita.

Eles tinham coletado comida suficiente para permanecer autossuficientes, Rachel decidiu. O que aconteceria quando o mau tempo chegasse, e nenhum deles pudesse sair do chalé, ainda a incomodava.

Ela queria confortar Evander, e ela suspeitava que o sexo fizesse ambos se sentirem muito melhor - a partilha de fantasia tinha sido francamente incrível -, mas isso não era motivo para se tornar amantes. A imagem do túmulo na mente de Evander deixou claro que ele ainda estava de luto por Fiona. Ele também evitou abertamente tocar em Rachel sempre que ele estava na cabana.

Obviamente, o século XIV também não era o momento ideal para fazer sexo desprotegido. Ela poderia engravidar, e a última coisa que ela queria era ter um bebê em um período em que metade das mulheres morreria no parto. Esse dilema também a fez se perguntar como ele e Fiona conseguiram evitar a gravidez.

Naquela noite, Evander não apareceu na cabana até tarde. Ele agradeceu pelo ensopado que ela preparou para ele, mas parecia quase aborrecido quando ela se sentou com ele.

- Posso te perguntar uma coisa? - Ela disse. Ele apenas deu de ombros em resposta. - Você e Fiona planejaram ter filhos?

Evander quase engasgou, e teve que limpar a garganta duas vezes antes que ele pudesse responder.

- A mãe de Fiona morreu ao dar à luz e temia que o mesmo lhe acontecesse. Ela não os queria.

Agora, para a pergunta ainda mais complicada. - Como você evita isso nesse tempo?

- Há poções e ervas. - disse ele, não parecendo nem um pouco ofendido agora. - Fiona não foi obrigada a usá-los. Não posso criar um bebê.

Rachel se sentiu um pouco surpresa. - Como você sabe que não pode?

Imagens de violência e morte encheram sua mente antes que seus pensamentos se voltassem para uma parede de desespero sombrio.

- Foi tirado de mim.

Rachel pediu licença e foi arrumar a cozinha enquanto tentava processar o que vislumbrara. A imagem mais forte tinha sido de grupos de soldados romanos movendo-se ao longo da margem de um lago, e usando suas espadas curtas e feias para cortar as gargantas de outros homens vestidos com peles. Ela não podia ver Evander em qualquer lugar de ambos os lados, e então ela percebeu o porquê: ela estava vendo o evento através dos olhos dele. Que ele havia testemunhado um massacre tão horrível a fez se sentir mal. Ele tinha sido ferido? Foi por isso que ele não podia ter um filho?

Evander levou os pratos para lavá-los e foi imediatamente para o celeiro. Ela pensou em ir atrás dele para falar sobre Fiona e a carta novamente, e talvez até descobrir quando ele havia lutado contra soldados romanos, mas ela podia sentir um pulso forte e constante de frustração vindo dele. Ela não sabia por que, mas certamente não queria provocá-lo a perder a paciência de novo.

- Então, vou me sentar e tricotar mal pelo resto da noite.

Rachel entrou no quarto para pegar sua cesta de trabalho, mas seu coração não estava nela. Em vez disso, ela aqueceu uma panela de água sobre o fogo e levou-a para o quarto para se lavar.

O processo de transportar e aquecer água suficiente para tomar um banho de verdade era tão trabalhoso que ela descobriu um método mais simples baseado em como os japoneses se banhavam em seu tempo. Primeiro ela encheu três jarros manipulados com a água morna, e depois tirou e puxou a bacia baixa que ela mantinha debaixo da cama. Entrando na bacia, ela molhou uma toalha e se limpou, depois ensaboou o pano e esfregou-se do pescoço aos tornozelos. Finalmente, ela lentamente derramou água de dois jarros sobre si mesma, enxaguando o sabonete. A bacia pegou toda a água que usava e, depois de secar o corpo, usou-a para lavar os pés.

O terceiro jarro de água que ela reservava para lavar o cabelo, o que ela fez enquanto se inclinava sobre a bacia.

Depois de vestir a camisa de linho que Evander lhe emprestara para usar como vestido de noite, levou a água coletada para a privada, que ocupava uma pequena sala ao lado da cozinha. Uma vez que ela adicionou uma colher de limão, ela despejou a água do banho na cômoda primitiva, que impedia que essa necessidade se tornasse muito odorosa.

Depois que Rachel apagou a maior parte das velas, subiu na grande cama e se enrolou sob o tartan de Evander. Toda noite levava um pouco mais de tempo para o corpo aquecer a roupa de cama. Quando o inverno chegasse, ela teria que seduzir o montanhês só para poder compartilhar o calor do corpo dele.

Finalmente, Rachel se sentiu confortável e lentamente adormeceu.

No mundo dos sonhos, ela se viu de pé na varanda da casa de praia de seus pais em Monterey. Descendo pelo ancoradouro vazio ela podia ver lontras pulando na água, e sorriu um pouco enquanto descia até a costa rochosa. Uma mulher vestida com um manto escuro esvoaçante saiu das árvores e a encontrou no meio do caminho.

- Olá. - disse Rachel. Embora ela conhecesse todos os seus vizinhos, ela não reconheceu a mulher. - Você é nova aqui?

- Acabei de chegar há pouco tempo. - disse a mulher, seu sotaque escocês soando quase musical. - É adorável aqui, junto ao mar.

Rachel assentiu. - Você gostaria de entrar e tomar um café?

A outra mulher balançou a cabeça. - Não tenho tempo para este lugar. Eu tenho outro para ir em breve. - Ela olhou além de Rachel, e sua expressão ficou sombria. - Ele veio para você, moça.

Rachel olhou por cima do ombro e viu o homem alto e bonito com quem ela se casara andando na direção deles, os tênis brancos manchados de sangue e sujeira.

- Como ele me encontrou?

- Och, você trouxe ele aqui, não foi? - A mulher disse duramente. - Você o deixou ficar entre você e o homem que você pode amar verdadeiramente.

- Rachel, querida. - gritou David Carver e estendeu os braços. - Onde você esteve? Eu estive procurando por você.

Seu estômago deu um nó quando viu a longa e ensanguentada faca que ele segurava em um punho. Ela tentou correr, mas suas pernas não se moviam.

- Você se afasta de mim, David.

- Não pode fazer isso, querida. - ele repreendeu, e acelerou o passo para um trote rápido. - Eu preciso dos seus bilhões. Eu preciso de você morta. Por que você não está apodrecendo no chão ainda?

Rachel olhou para baixo para ver as pernas dela se transformando em troncos de árvores, e seus pés brotando raízes que se espalharam e afundaram no solo.

- Aquele homem roubou sua família e sua riqueza e sua vida. - disse a mulher vestida. - Você vai dar a ele seu coração também?

Em outro momento ele estaria em cima dela, e Rachel não conseguia tirar os olhos dele.

- Não. Ele tirou tudo de mim.

- Não tudo. Dê a ele o que eu nunca consegui moça. - A mulher recuou para as árvores.

Rachel torceu as pernas, mas agora ela se tornou um carvalho da cintura para baixo.

- Vá em frente. - ela disse ao marido quando ele chegou a ela. - Eu prefiro morrer do que sentir você me tocar de novo, seu filho da puta.

- Isso é alguma maneira de falar sobre minha mãe? Venha, Rache. Você é minha esposa, pelo menos até a morte nos separar. - Ele acariciou sua bochecha antes de se mover por trás dela e tocá-la de volta. - Então, por favor, cale a boca e morra.

- *Vá para o inferno, David.*

Quando a ponta da faca a tocou, Rachel finalmente se desenraizou e caiu para frente, mergulhando em uma escuridão fria. Ela desabou sobre um tapete de tecido, todo o seu corpo tremendo, e então uma porta se abriu e mãos fortes a ergueram. Ela quebrou os punhos contra ele enquanto lutava para se libertar, e então ele a colocou na cama e envolveu seus braços ao redor dela, controlando suas lutas.

- Rachel, sou eu. - disse ele e afastou o cabelo do rosto. - Eu tenho você.

Ela congelou, seus olhos se ajustaram à escuridão o suficiente para ver o rosto de Evander. Ele a pressionou contra seu peito nu. Foi tão bom ser tocada novamente que ela quase chorou.

- Evander. - disse Rachel, sua voz trêmula. Ela deslizou as mãos em volta do pescoço dele e apertou a bochecha contra o ombro dele enquanto

tentava controlar os tremores de medo que arrebentavam seu corpo. - Oh, deus, eu tive o pior pesadelo.

- Acabou agora. - Ele aliviou suas costas contra os travesseiros. - Eu vou buscar um pouco de vinho. Vai ajudar a acalmar você.

- Por favor. - disse ela e agarrou o braço dele. Ela se contorceu para dar lugar a ele. - Não me deixe sozinha.

Embora hesitasse, Evander acabou se estendendo ao lado dela, dobrando-a nos braços e puxando-a para o peito.

- O que você sonhou? Foi sobre o seu marido?

Ela assentiu, e enquanto a bochecha dela esfregava contra suas tatuagens, ela sentiu um brilho de calor em sua pele.

- David ia me esfaquear nas costas novamente. Eu não consegui fugir. Minhas pernas se transformaram em árvores e se enraizaram. - Ela percebeu o quão ridículo isso soou, mas pelo menos ele não riu dela. - Você tem pesadelos como esse?

- Não desde que você veio. - A mão grande acariciando suas costas se moveu para esfregar a parte de trás do seu pescoço. - Eu sonho com você de vez em quando.

Ela certamente sabia disso, mas não podia admitir isso. Rachel levantou a cabeça para olhá-lo, mas a escuridão ocultou sua expressão.

- O que acontece em seus sonhos?

- Isso.

Ele puxou-a e trouxe seus lábios aos dele.

***

Rachel tinha esquecido o quanto ela sentia falta de beijar. David preferira abraçá-la ou pressionar os lábios no alto da cabeça ou nas costas da mão. A última vez que ela foi beijada corretamente foi durante seus dias de faculdade, quando ela roubou seu namorado em seu dormitório para uma sessão furtiva antes de sua colega de quarto voltar da aula.

Evander não beijou como um universitário.

Ele cutucou os lábios dela para sua língua e a provou, e depois rolou para o lado, colocando-a sob ele enquanto ele embalava seu rosto e arrasava sua boca. Ele a beijou como se fosse a última vez que ele fez, com tanta paixão e intensidade que parecia que eles já estavam fazendo sexo. Ela sentiu um rubor queimar sua garganta e em seus seios, que latejavam freneticamente contra a parede sólida de seu peito. Quando ele se moveu contra ela, ela separou suas coxas, e gemeu em sua boca quando sentiu a pressão de sua ereção espessa e dura.

- Sim. - ele disse enquanto levantava a cabeça. - Assim eu te beijo, mais e mais, até que você estremece debaixo de mim como você fez agora.

Ela estava tremendo? Tudo o que ela sentia era calor e homem duro em cima dela, e o cheiro quente e escuro dele era melhor que chocolate.

- Você deveria sonhar por nós dois. - *Mais uma vez,* ela acrescentou em silêncio.

Ele tocou os lábios dela com os dedos, traçando as curvas úmidas.

- Só é assim que começa. Quando eu roubo a respiração de você, eu te desnudo e coloco minhas mãos em seus lindos seios pequenos.

Se ele não fizesse isso em breve, Rachel achava que ela poderia explodir no clímax apenas pelo beijo.

- Você me mostraria como faz isso?

Evander abriu a camisa velha, expondo seus seios nus e as contas apertadas de seus mamilos. Ela arqueou as costas enquanto ele acariciava um monte e depois o outro, cobrindo um para amassar o peso dela enquanto ele provocava seu pico com o polegar circulando. Suas mãos pareciam tão bem nela que ela ficou completamente molhada entre suas coxas.

- Sua pele macia contra a minha carne quente me faz honesto. - ele murmurou, acariciando-a enquanto observava seu rosto. - Enquanto eu te acaricio, eu te digo dos desejos que eu escondi de você.

Rachel sentiu uma pontada de culpa. Ela sabia o que ele queria, sem ele dizer uma palavra, mas essa confissão poderia esperar um pouco mais. Ela queria ouvi-lo dizer isso.

- Quais são eles?

- Que você me atormenta tão docemente. - disse Evander, sua voz indo fundo. - Que eu cresço duro sempre que sinto a doçura de você, ou ouço sua risada, ou vejo a luz da vela dançar em seus olhos. Quanto desejo ver você nua e ansiosa por mim, aqui nesta cama. O jeito que eu quero lamber sua pequena boceta antes de me colocar em você. Então, trabalhar em você por muito tempo, até que você tome o seu prazer, e eu te inunde com o meu gozo.

Rachel moveu-se sob ele até que a espessa linha de seu membro pressionou diretamente contra seu sexo, e rolou seus quadris para se esfregar nele.

- E então eu digo, sim, por favor, Evander?

- Não, moça. - ele suspirou e tocou sua testa para a dela. - É quando eu acordo e coloco minha mão na minha vara, e derramo na minha barriga como um rapaz. - Ele a beijou novamente e depois rolou para longe. - Eu não deveria falar sobre isso.

Suas complexas emoções encheram Rachel, que tentou resolvê-las. Ele se desprezava por admitir que viesse apenas sonhando com ela e por

desejá-la tanto. Ele ainda se sentia traído por Fiona, e ainda culpado por querer outra mulher. Os velhos e duros sentimentos em relação a todas as mulheres haviam desaparecido, mas ele ainda desconfiava de seu gênero. Mais do que tudo, ele achava que ela ainda estava danificada pelo que David tinha feito, e que ele poderia estar seduzindo-a em algo que ela não queria.

Rachel ficou chocada com seu último pensamento, pois era a mais forte de todas. Ele não agia de acordo com seus desejos porque estava com medo de machucá-la.

- Você está certo. Você não deveria falar sobre isso. Você deveria fazer isso. - Determinada agora, Rachel se levantou de joelhos e puxou a camisa rasgada sobre a cabeça. - Eu não sou um sonho, Evander. Estou bem aqui e quero você.

Evander saiu da cama e saiu da sala antes que ela pudesse dizer outra palavra. Rachel se jogou de volta na cama, sentindo como se ela pudesse gritar sua frustração, e então o viu retornar com uma lâmpada incandescente.

- Eu gostaria de ver você. - ele disse calmamente.

Ele colocou a lâmpada ao lado da cama, e então tirou a calça, revelando o resto do seu corpo longo e musculoso. A princípio, Rachel não conseguia tirar os olhos de sua ereção inchada, mas então viu as leves cicatrizes brilhando por todo o seu torso, braços e pernas.

- O que aconteceu com você? - Ela sussurrou quando estendeu a mão para tocar a maior e mais brilhante cicatriz.

Ele olhou para si mesmo antes de mover os ombros.

- Eu sempre fui um guerreiro. É uma vida difícil.

Quando ele se juntou a ela na cama, ela viu a tatuagem primitiva que cobria seu peito assumir um brilho azul escuro que a distraiu de suas cicatrizes.

- Sua tinta brilha no escuro. - ela murmurou enquanto gentilmente traçava a curva de uma esfera.

- Você acha isso desagradável? - Ele perguntou quando a puxou para mais perto.

Ele estava realmente preocupado que ela se importasse com isso. Para responder, ela pressionou os lábios na barra entre os dois círculos.

Evander a arrastou e cobriu a boca com a dele. Ele beijou os lábios dela e acariciou a língua dela com tanta fome que Rachel sentiu como se estivesse derretendo nele. Os dedos dele emaranharam no cabelo dela, e o braço dele bateu com força nas costas dela. Quando ele tombou com ela, suas mãos foram para todos os lugares enquanto ele segurava seus quadris entre as pernas dela.

Ele moveu suas coxas ao redor dele enquanto pressionava seu grosso pau contra ela, separando-a e penetrando-a com um único movimento de seus quadris. Ela pensou que ele poderia bater nela, mas ele parou e agarrou as mãos dela, trazendo-as à boca para beijar as pontas dos dedos dela.

- Você me faz um rapaz de novo. - disse ele enquanto se apoiava em um cotovelo. Então ele deslizou a outra mão sob seu traseiro, segurando-a ainda quando ele empurrou outra polegada. - Não me deixe de fora. Deixe-me entrar em você.

- Eu quero. - Fazia muito tempo desde que ela tinha feito sexo, no entanto, que mesmo com a excitação de sua excitação, ela se sentia muito apertada para levá-lo. - É só que você é tão grande, e eu sou... um pouquinho de uma garota.

A expressão de Evander se suavizou. - Então você é moça. - Ele virou para o lado, e puxou-a contra ele, levantando a perna para descansar em seu quadril. Ele abaixou a ponta bulbosa entre as dobras dela. - Aqui agora. Não há razão para se apressar. Nós temos a noite toda. Podemos aproveitar apenas isso.

Rachel não podia acreditar que ele estava se segurando por ela. Ela podia sentir o quanto ele precisava estar dentro dela.

- Não para a noite toda, espero.

- Não temos mais nada a fazer. - ele repreendeu.

Ela arrastou os dedos sobre a tinta dele, e se aproximou até poder pressionar os seios contra ele. Sentir aquela parede espessa de músculos nos mamilos enrugados fez as pálpebras ficarem pesadas.

- Eu gosto de ficar nua com você.

- Vou queimar nossas roupas e passar o inverno aqui. - Ele acariciou sua coxa, e mudou a mão para deslizar entre elas. - Você gostaria disso?

- Até morrermos de fome. - Rachel murmurou e fechou os olhos por um momento enquanto ele a separava e encontrava seu clitóris. - Ou nós poderíamos mover a despensa para aqui.

- O coração da sua pérola bate por mim. - disse ele e pressionou levemente o polegar contra ela, massageando suavemente o cerne pulsante. - É bom quando faço carinho assim?

- Ah, é ótimo. - Sua voz soou quase irregular quando ela esfregou de volta contra o bloco de seu polegar. - Mas se você continuar fazendo isso, eu vou vir, e... eu gostaria de ter você dentro de mim quando eu fizer isso na primeira vez.

- Então você deve. - ele murmurou.

Rachel prendeu a respiração quando ele começou a se mexer, enchendo-a lentamente por graus graduais. Embora seu eixo a levasse à beira da dor, sua boceta o enlouquecia com a umidade. Ele a beijou quando ele fez um último e gentil impulso para se enterrar dentro dela, e gemeu quando ela se apertou ao redor dele.

- É melhor do que qualquer sonho. - ele disse contra seus lábios.

O calor de sua boca e o lento esfregar de seu polegar contra sua pérola adicionaram incontáveis sensações à intensa sensação de ser empalada por seu longo e duro membro. Precisava de fogo baixo em sua barriga como uma febre se espalhando, e então o que Evander sentiu derramado nela. Rachel sentiu o aperto sedoso de sua suavidade nele, o quão duro ele reprimiu sua necessidade desesperada de empurrar dentro dela, e o pulso profundo e acelerado em suas bolas apertadas.

A mistura de suas necessidades e prazeres percorreu-a como luz negra.

- *Evander.*

- Sim, minha moça, minha Rachel. - ele cantou. - Tudo isso, toda você, minha agora.

No espaço de um batimento cardíaco, Rachel sentiu-se jorrar ao redor dele quando uma cachoeira de felicidade se derramou sobre ela, seu corpo o segurando ainda mais apertado quando ela se entregou a ele. Ela o ouviu fazer um som gutural, e então ele estava cavalgando com ela, seu pênis bombeando no coração de sua alegria.

O quarto girou. Rachel sentiu a roupa debaixo de seus ombros e, em seguida, Evander em cima dela, seu grande corpo trabalhando sobre e dentro dela. Os postes da cama tamborilavam contra a parede enquanto ele a fodia com golpes longos e poderosos, sua vagina tão molhada agora que ela podia ouvir o som líquido e sexy de cada penetração. No entanto, quando ela tentou acariciar seu peito, ele agarrou seus pulsos e os prendeu na cama.

- Eu não vou durar se você me tocar agora. - ele mordeu, sua mandíbula apertada e os músculos vigorosos em seus braços se amontoando. - Eu sentirei sua doçura novamente antes que eu me derrube. Me dê o que eu quero, Rachel.

- Isso? - Ela perguntou, e apertou em torno dele enquanto ele a penetrava, e sentiu o surto dolorido crescendo na base do seu eixo. Seu

corpo respondeu com outra cascata de calor úmido e sedoso, e quando ele sentiu, Rachel gritou de alegria. - Ai sim.

- Sim. - Ele observou seu rosto enquanto ele mergulhava lentamente dentro e fora, alimentando seu clímax até que ela finalmente estremeceu através do último fluxo e ficou desossada debaixo dele. – Agora ai você me tem.

Ele envolveu seus braços ao redor dela enquanto enterrava seu pênis em sua boceta, apertando-a contra ele enquanto ele grunhia. Dentro dela seu pênis inchava incrivelmente grosso, e então se sacudia com a força de sua ejaculação.

Rachel gritou com cada surto que ele bombeava nela, sentindo seu prazer masculino junto com o seu próprio. Ele veio com toda a intensidade de um míssil, inabalável e poderoso, e tremeu de satisfação e alívio quando ele inundou sua vagina latejante.

Colocando seu rosto quente contra o pescoço úmido, Rachel suspirou com satisfação total. Quando ele soltou seus pulsos e tentou se afastar dela, ela balançou a cabeça.

- Não, por favor. Fique dentro de mim.

Ele olhou para ela, e se moveu o suficiente para ela sentir seu eixo, que não tinha ficado completamente macio.

- Se eu fizer, vou ter você de novo. É demais para você.

Ela odiava admitir, mas ele provavelmente estava certo, e deixou-o ir.

- Não é por causa do meu tamanho. Eu não faço isso desde que eu estava na faculdade. - Ela poderia muito bem contar a ele o resto. - David e eu nunca fizemos amor.

- Oh, então ele é um idiota cego e burro, assim como um imbecil imundo de um covarde, deuses o apodreçam. - Ele apoiou a cabeça na mão e estudou o rosto dela. - Porque nao?

- Ele disse que seria romântico esperar até nos casarmos. Eu acreditei nele. - Ela encontrou o olhar dele. - Estou feliz. Se tivéssemos, acho que provavelmente nunca mais me sentiria limpa.

Evander parecia incerto, como se quisesse dizer algo a ela.

- Você e Fiona eram amantes. - disse ela.

- Antes de virmos aqui, sim. Depois, Fiona não me quis tanto quanto antes. Perto do fim, nada. - Sua boca se achatou. - Eu não entendi, mas deixei-a ficar.

Rachel teve um vislumbre de uma lembrança da amante de Evander, encolhida na cama e chorando, enquanto tentava consolá-la em vão.

- Isso foi gentil de sua parte.

- Eu não poderia aliviar seus terrores, nem remover sua culpa. Ela vivia com medo de sermos encontrados. - Ele se deitou de costas e olhou para o teto. - Talvez ela devesse ter me abandonado. Eu a matei tanto quanto a peste.

- Você não pode se culpar por sua doença. - Rachel disse a ele. - Além disso, você a levou longe de todos que a teriam machucado. - Ela subiu em seu peito. - Você a protegeu. Você a manteve viva.

- Agora você é gentil. - Ele acariciou a mão sobre o cabelo dela. - Eu nunca fui amado antes de Fiona. Eu a usei para o meu prazer e não pensei nisso. No entanto, quando ela ofereceu seu coração, nada mais importava para mim a não ser isso. Agora gostaria de ter ido ao Laird e pedido a ele para poupá-la. Se Lachlan tivesse visto como ela estava doente, acho que ele teria feito isso.

- Eu deveria ter escutado meu pai quando ele me avisou sobre David. Ele nunca gostou ou confiou nele, e ele era um bom juiz de caráter. - Ela deu-lhe um sorriso pálido. - Eu nunca tinha amado antes, e eu tinha tanta certeza de que David era meu futuro. Toda vez que eu olhava para ele, sentia.

Evander estendeu a mão para apagar a vela. - E o que você sente agora? - Ele perguntou enquanto puxava o tartan sobre eles.

Rachel se aconchegou mais perto. - Eu estou onde eu deveria estar.

Capítulo Onze

O gelo cristalizou o resto do jardim todas as manhãs, até que um dia, quando a temperatura subiu inesperadamente, e uma tempestade rolou sobre os cumes para encharcar as terras altas. Rachel cobriu as janelas com panos oleosos que Evander usava para impedir a chuva, enquanto ele puxava todas as urnas de armazenamento de água para o dilúvio para enchê-las. Ela sorriu enquanto levava dois baldes vazios para acrescentar às urnas dele.

- Isso definitivamente é melhor do que transportar água de Splang ou do rio. - disse ela, e observou as nuvens escuras que se abriam sobre eles. - Quanto tempo vai durar?

- Algumas horas. - disse ele e pegou-a pela cintura e arrastou-a contra ele. - Você está toda molhada, Senhora Ingram.

- Eu acho que estou. - disse Rachel e ligou as mãos atrás do pescoço. - Talvez você devesse me levar para dentro e me secar, Mestre Talorc.

Sempre que ela o chamava, os olhos dele escureciam com uma fome sensual, por isso não foi uma surpresa quando Evander a levantou e a carregou para dentro do chalé. Dentro ele a colocou na lareira, e deu-lhe um beijo profundo e faminto quando ele se soltou e tirou as roupas encharcadas. Quando ela tentou fazer o mesmo por ele, ele balançou a cabeça e pegou o xale que ela havia deixado em sua cadeira.

—Será esta noite para isso, minha pequena moça libertina - disse Evander enquanto a envolvia e a depositava na cadeira. - A chuva traz a perdiz vermelha para se abrigar na floresta, e eu quero caçá-los enquanto eles ainda são jovens e doces.

Ela fingiu ficar com raiva. - Você está me deixando aqui nua para que você possa perseguir galinhas pequenas?

- Fique dentro, e mantenha a lareira quente. - Ele enfiou o xale debaixo de seu pescoço, e a beijou até que ela engasgou contra sua boca. - Eu vou buscar as urnas e baldes quando eu voltar.

Rachel observou-o recolher as lanças e o manto pesado, e suspirou um pouco quando ele saiu para a chuva. Ele só ia caçar as aves de caça porque sabia o quanto ela gostava delas. Desde que eles se tornaram amantes, ele a mimava dessa maneira. Ela captou um vislumbre de preocupação dele também. Ontem à noite ele mal a deixara dormir. Uma linda onda de sensação se espalhou através dela quando ela esticou o corpo levemente dolorido. Contanto que ele continuasse fazendo amor com ela assim, ela seria uma insônia muito feliz.

Depois que ela se retirou para o quarto da cama para colocar um vestido seco, Rachel entrou na despensa fria para pesquisar o que precisaria para a refeição da noite. Depois que ela descreveu uma churrasqueira para Evander, ele esculpiu um recesso no topo de duas pedras retangulares. Usando uma lança velha com um eixo de ferro, ele esculpiu uma manivela de madeira e ajustou-a para transformá-la em um espeto para repousar sobre as pedras. O cuspe medieval funcionou tão bem que ela não precisou mais refogar.

Ela queria fazer algo especial com a perdiz vermelha e pensou no prato favorito de seu pai: frango assado recheado com chanterelles dourados. A última vez que passara pela clareira de Splang, notara os mesmos cogumelos que cresciam nas raízes de um velho carvalho. Com seu aroma de damasco e sabor apimentado, eles faziam o recheio perfeito.

Para pegá-los, ela teria que ir para a clareira sozinha.

Aí reside o problema. Rachel sabia por que Evander não a queria vagando por conta própria. Ele pensava sobre isso toda vez que eles se reuniam. Por mais belas que as terras altas fossem, elas também podiam ser muito perigosas. Às vezes, um terreno aparentemente nivelado abria e se tornava um penhasco com uma queda mortal. Rebanhos de ovelhas, vacas e veados percorriam as encostas e, se assustados, podiam atacar ou mesmo debandar. Ela sabia, por viver em SoCal, que a chuva poderia causar uma enchente vinda do nada. Se ela fosse inteligente, ficaria no chalé.

Enquanto Rachel refletia sobre o dilema, ela ouviu a chuva se reduzir a um leve chuvisco. Ela esteve na clareira o suficiente para saber onde era

seguro andar. Apanhar os cogumelos não demoraria muito e ela sabia que Evander as apreciaria.

- Eu vou ter cuidado. - ela murmurou baixinho enquanto ela pegava sua capa e uma cesta de coleta.

Do lado de fora do ar, Rachel deu uma pancada na cara molhada, e ela puxou o casaco sobre a cabeça enquanto corria pelo caminho de pedra e saía pelo portão. Não faria nada bem a ela escorregar na grama molhada, cair e quebrar alguma coisa, então ela se forçou a desacelerar. De alguma forma, a clareira parecia mais distante do que ela lembrava, mas sempre que ela saía com Evander, ela prestava mais atenção a ele do que qualquer outra coisa.

Porque eu estou me apaixonando por ele.

Não foi apenas o sexo deslumbrante, selvagem e mágico. Rachel adorava como eles combinavam com perfeição, com a masculinidade agressiva de Evander combinando perfeitamente com sua natureza feminina complacente. Em seu tempo, muitas vezes se sentia envergonhada por seu desejo de agradar, mas com seu montanhês parecia completamente natural. Também a excitou profundamente por ser tão desejada por um homem que ele esqueceria de ser civilizado ao seu redor.

No entanto, enquanto ela desfrutava de cada minuto de seu amor, seu coração reagiu tão apaixonadamente quando Evander disse seu nome, aproximou-se ou apenas olhou para ela. Estar sozinha com ele, cuidar do chalé e compartilhar seus dias e noites com ele a tinha mudado. Ela nunca teria pensado que estaria contente com uma vida tão simples, mas era pura e real. Ela ainda tinha muito a aprender, mas isso fazia com que todos os dias parecessem uma aventura.

Ela também sabia que Evander não era perfeito. Ele lutou com seu temperamento, e ele carregava um espírito de guerra que poderia ser intimidante, e provavelmente muito letal. Ele ainda mantinha as coisas dela, ou pensava que sim. Ele teve sérios problemas com as mulheres até encontrar amor com Fiona, e isso ainda a preocupava. Ele definitivamente

cometeu alguns erros terríveis. Toda a dificuldade, traição e desgosto que ele sofrera deveria tê-lo arruinado.

Mas isso não aconteceu.

Rachel sabia quem era Evander em seu coração. Ela viu o homem que o resto do mundo nunca tinha vislumbrado. A vida pode tê-lo forjado em uma arma, mas o guerreiro frio e duro era apenas uma fachada. Embaixo havia um homem cansado que simplesmente queria ser amado.

Porra, mas ela é madura. Vou ficar por aqui e esperar e depois vou para Agna e os meninos.

Pela primeira vez desde que Rachel havia atravessado a voz em sua cabeça não pertencia a Evander. Ela sentiu luxúria e regozijo acompanhando as palavras, e olhou para frente para ver um rebanho considerável de ovelhas marrons pastando na clareira. Ela tinha visto alguns deles antes na distância, e tinha ficado encantada com seus chifres curvados e casacos densos e lanosos, mas eles nunca chegaram perto da cabana.

No final da temporada, ele vai se casar comigo, disse uma voz feminina feliz por trás dos olhos. *O mestre nos dará uma casa de campo e eu posso trazer mamãe para morar conosco.*

Com cuidado, Rachel avançou até ver o homem e a mulher se abrigar sob o grande carvalho acima da clareira. Eles estavam se abraçando sob a proteção de um manto espalhado sobre os ramos inferiores. Um bandido de pastor estava encostado na árvore, e uma cesta cheia de lã marrom solta estava ao lado dele. O homem estava desamarrando a blusa da mulher.

Rachel não conseguia chegar aos canteiros sem passar pela visão deles. Ou ela passava descaradamente, ou voltava para a casa de mãos vazias.

Tomando um aperto mais firme em sua cesta, ela desceu o último trecho do caminho até a árvore caída, que agora estava coberta por dezenas de cogumelos dourados. Quando ela escolheu o menor dos canteiros, os

pensamentos e sentimentos do casal sob as árvores entraram em sua mente.

Coira, a jovem pastora, estava feliz que seu dono de fazenda tivesse enviado Parnal, o peregrino, para ajudá-la a pastorear suas ovelhas, o que envolvia arrancar a lã solta de seus casacos. A tarefa confusa levou muito tempo, para que eles pudessem brincar um pouco sem levantar suspeitas. Parnal sentiu-se presunçoso sobre como lisonjas e algumas falsas promessas o colocaram nos braços de Coira.

Rachel tentou ignorar seus pensamentos enquanto enchia a cesta, mas então o homem começou a se vangloriar de seus planos futuros imediatos. A pastora não fazia ideia de que, uma vez que as ovelhas fossem trazidas dos cumes para passar o inverno na fazenda, Parnal estaria partindo para retornar à esposa e aos filhos, sem intenção de voltar.

Ela levantou a cabeça para olhar para o casal. O tropeiro achou engraçado que ele tivesse enganado a pastora acreditando que ele se casaria com ela. Ele se orgulhava de quão fértil ele era e totalmente esperado para deixá-la grávida. Ele não se importava que sem um marido que a condenasse a uma vida ainda mais difícil, tentando criar um filho sozinha. O pior pensamento veio de Parnal quando ele começou a subir as saias de Coira.

Talvez ela morra dando a luz ao pirralho. Serviria a pequena cabana propriamente dita.

Rachel endureceu. O tropeiro tinha o mesmo tom malicioso em seus pensamentos, como ela tinha ouvido na voz de David quando ele disse, por *favor, cale a boca e morra.* Ela se endireitou, pegou sua cesta e subiu a encosta até ficar a poucos metros do casal.

Em algum nível, ela sabia que estava cometendo um erro, mas não se importava. Ela estava cansada de homens que pensavam que as mulheres que eles usavam deveriam morrer com mortes horríveis. Ela nunca seria capaz de voltar a David pelo que ele tinha feito, mas ela não deixaria outra mulher ser vitimizada.

- Com licença.

Parnal disparou com um grito, enquanto Coira puxou as saias e ficou de pé.

- O que você está fazendo aqui, babaca. - o homem exigiu, apressadamente fechando as calças. - Estamos ocupados agora. Vá em frente.

- Você deve saber que ele já é casado. - Rachel disse à pastora, e teve que levantar a voz para ser ouvida sobre o estrondo subsequente de Parnal. - O nome de sua esposa é Agna e ela mora com seus três filhos nas terras baixas. Ele só está aqui para ganhar dinheiro suficiente para começar seu próprio rebanho. Você sabe, para Agna e as crianças. - Ela olhou para o homem escancarado. - Além disso, ele acha que você é uma prostituta.

Como pôde saber o que sou o que penso? Perguntou Parnal.

Coira recuou o braço e bateu no cara com tanta força que ele bateu em sua bunda. Depois que ela agarrou seu cajado e sua lã, ela caminhou até Rachel.

- Como pôde saber? - Perguntou ela. - Ele também já te convenceu?

- Eu era casada com alguém como ele. - disse ela a Coira. - Confie em mim, é melhor você despejar sua bunda agora.

A pastora olhou de novo para Parnal como se fosse escumalha, acenou para Rachel e se afastou.

Parnal ficou de pé. - Espere moça, não é nada além de mentiras. Eu nunca... *enlouqueceu*. - Ele se virou para Rachel. - Quem te contou sobre Agna? Elpin? Mathis? - Seus olhos se estreitaram. - Eles não sabem nada sobre Coira e eu. Ninguém sabe.

- Eles vão agora. - A julgar pela ferocidade dos pensamentos de Coira, Rachel suspeitava que todos na Escócia o saberiam. - Talvez ela consiga falar com sua esposa. Ou Agna sabe o quanto você é um prostituto? Não? Ela

acha que você é completamente dedicado a ela e aos filhos? Entendo. Então você também a enganou. Bravo.

- Nenhuma moça poderia arrancar os pensamentos da minha cabeça como você faz. Você nem fala como um escocês. - O homem puxou uma adaga, mas se afastou dela como se ela o aterrorizasse. - Você é uma bruxa.

- Não seja ridículo. - A indignação ardente que Rachel sentiu de repente se dissipou em uma onda de medo frio. Nesse período, as mulheres que se acreditava serem bruxas eram afogadas ou queimadas vivas. - Eu sou das terras baixas. Eu conheço sua família.

- Mais mentiras. Você é tanto uma moça da planície quanto eu sou o rei. - Parnal espetou o ar entre eles. - Comece com você, bruxa, antes que eu corte seu coração e o alimente para o rebanho.

Desde que ele parecia assustado o suficiente para compensar a ameaça, Rachel se virou e correu para a trilha. O Parnal não a seguiu, mas Rachel não se sentiu segura até estar de volta à cabana, com os ombros pressionados contra a porta e a cesta caindo no colchão. Pequenos cogumelos saltaram para se espalhar ao redor de suas botas enlameadas enquanto ela pressionava a mão no rosto frio e úmido, e respirava profundamente até que seu coração parou de bater tão rápido.

Durante o resto da tarde, Rachel ficou verificando as janelas dos fundos, mas o Parnal nunca apareceu. Ela também não captou mais pensamentos dele ou de Coira. Mas agora ela tinha certeza de que só conseguiria ler a mente de alguém quando estivesse próxima. Isso não a deixou clara, e quando Evander retornou de sua caçada, ela se preparou para confessar o que tinha feito.

- Suas galinhas marrons pequeninas, minha senhora. - disse ele, segurando uma grande série de aves de caça para mostrar a ela. - Vou limpá-las assim que eu carregar as urnas, e vamos cuspi-los. - Ele viu a cesta de coleta sobre a mesa. - *Orachs*, bom. Eles farão um bom recheio.

- Eu também pensei. - ela disse fracamente. - Nós, ah, chamamos de cogumelos no meu tempo.

- Soa bem. - disse Evander e inclinou a cabeça para beijá-la, seu cabelo molhado encharcando seu corpete. Ele se endireitou e suas sobrancelhas se juntaram. - Nós não tínhamos *orachs* na despensa. Você saiu para juntá-los enquanto eu caçava.

- Eu fiz, mas apenas para a primavera. - Toda a respiração correu para fora dela. - Por favor, não fique com raiva de mim. Eu queria te surpreender com os cogumelos. Eu não sabia que você sabia o que eram.

- Nós não somos selvagens completos, moça. - Ele estudou seu rosto. - Eu sei que você quer alguma liberdade, mas é muito perigoso. Prometa-me que você não vai sozinha novamente.

Ela sabia que, se confessasse o confronto com o Parnal, Evander ficaria furioso, e não apenas com ela. Ela também teria que revelar sua habilidade, e isso não era algo que ela queria dizer a ele quando ele estava com raiva.

Rachel assentiu. - Eu não vou. Você tem minha palavra.

Capítulo Doze

- Tribune Seneca. - Disse um sentinela. Deu uma palmada no antebraço e se curvou quando Quintus emergiu de seu quarto de dormir. - O Praefectus deixou a palavra para você.

Ermindale não confiaria nada importante a um sentinela, mas ele também poderia ouvi-lo.

- Conte-me.

A sentinela se endireitou. - O Praefectus espera que o navio de Wick chegue à meia-noite. Ele pede sua presença no grande salão para os relatórios.

- Muito bem. - disse Quintus e assentiu antes de continuar a passagem.

Navios de carga que navegavam pelas rotas costeiras escocesas do norte começaram a chegar um dia ou dois atrasados para o porto, mas até agora ninguém suspeitava do motivo. Quintus cronometrou as invasões da Legião nos navios de modo que ocorreram tão longe no mar que ninguém testemunhou os ataques. Os donos do navio não tinham idéia de que seus navios haviam sido levados para a Ilha de Staffa, onde os mortos-vivos cativavam as tripulações. Usar os marinheiros mortais como espiões para a Nona fora a ideia de Ermindale.

- Eles agirão como batedores e reunirão informações para nós em todos os portos. - disse o marquês ao propor o novo empreendimento. - Toda cidade portuária comercializa fofocas e mercadorias. Mostramos a cada marinheiro o cartão de retrato da moça, para que eles procurem por ela.

Quintus ficou surpreso com o bom funcionamento do esquema. Os navios de espionagem pararam em Staffa, a caminho de seus destinos, e seus capitães relataram a Ermindale o que haviam aprendido enquanto estavam no cais. Graças a eles, eles sabiam que os McDonnels também estavam procurando por Talorc e sua mulher. Ermindale mandou avisar aos seus escravos mortais nas aldeias e cidades para desviar os montanheses de alto risco com falsas aparições. O morto-vivo ainda tinha que encontrar o par, mas com os McDonnels procurando em todos os lugares que Talorc não estava, eles tinham a vantagem definitiva.

Naquela noite, Ermindale esperava que o *Corvo* chegasse com outro carregamento de escravos virados do sul, assim como um dos navios mercantes, e permanecesse acima do solo para ficar de guarda para

eles. Isso deixou Quintus para passar sua noite mais agradavelmente, primeiro examinando os magníficos volumes trazidos de volta de uma incursão a uma abadia, e depois atendendo a suas necessidades menos intelectuais.

- Veja que não estou perturbado. - disse ele aos guardas antes de entrar na caverna que servia como sua biblioteca particular.

Ermindale atendera a todos os caprichos de Quintus ao criar a biblioteca, transportando móveis finos e tapetes de uma de suas propriedades, e fazendo com que os construtores costurassem armários selados para a coleção cada vez maior de manuscritos iluminados. Ele até conseguiu colocar em uma lareira, com uma chaminé para canalizar a fumaça através de uma abertura natural na pedra. Quintus costumava passar horas sentado junto ao fogo e encarando as chamas enquanto contemplava seu progresso. A Ilha de Staffa os protegia, os escravos que haviam se transformado haviam aumentado suas fileiras esgotadas e seus servos matavam alegremente por eles. Ele nunca se entregou a satisfação ociosa, mas pela primeira vez desde que a Nona foi amaldiçoada, Quintus viu um futuro para a Legião.

Os sete manuscritos retirados da abadia provaram ser os mais ornamentados que Quintus já havia visto. Ao inspecioná-los cuidadosamente, ele teve grande prazer em ler o latim novamente e admirou os intrincados enfeites do monge nas bordas das páginas. No entanto, por mais que apreciassem, os relatos que eles continham representavam o verdadeiro tesouro. Ele havia investigado obstinadamente todos os recursos que encontrava nas primeiras tribos pagãs da Escócia, na esperança de aprender algo que pudesse explicar a maldição que os McDonnels usaram para transformar a Legião em mortos-vivos.

Neste volume ele encontrou descrições de vários rituais pagãos, que compartilhavam alguma conexão com as pedras estranhamente esculpidas que as primeiras tribos haviam deixado espalhadas por toda a Escócia.

No Dia da Escolha, os jovens da tribo seriam oferecidos como sacrifícios vivos a espíritos demoníacos. As imagens dos demônios seriam

colocadas em seus corpos, então é melhor possuí-las em seu tempo livre. Estes guerreiros marcados frequentemente provaram serem lutadores formidáveis, pois acreditavam que os espíritos lhes davam poderes profanos.

A partir da interpretação do monge das tatuagens primitivas nas bordas da página, Quintus decidiu que os membros da tribo tinham que ser da mesma raça que o Clã McDonnel. Ele franziu a testa enquanto lia a próxima passagem.

Guerreiros marcados tinham a escolha das fêmeas jovens mais desejáveis, que, quando levadas como esposas, também eram marcadas por demônios em forma menor. Esse ritual nunca foi observado, pois os guerreiros o realizavam em segredo. As tribos acreditavam que uma esposa marcada por demônios faria qualquer coisa para proteger seu guerreiro - até sacrificar sua própria vida.

Se a conta fosse verdadeira, então era possível que os montanheses tivessem sua própria forma de encantamento. Outra das muitas semelhanças entre a Legião e o clã, parecia. Que eles compartilhassem tantas peculiaridades que não foram encontradas no mundo mortal o intrigaram. Se ele pudesse coletar manuscritos suficientes sobre o assunto, ele poderia até mesmo descobrir por quê.

A porta de sua biblioteca abriu e fechou, e o aroma de flores noturnas pintou o ar. Quintus fechou o manuscrito e levantou-se da mesa antes de encarar sua criação.

- Eu lhe disse para esperar em seu quarto por mim, minha querida.

- Eu me canso de esperar cada noite.

Tão branca quanto o leite que outrora levara em baldes, Fenella estava envolta em sua capa de batalha escarlate, o cabelo loiro gelado caindo em ondas longas e espessas que se enrolavam em torno de seus quadris. Seus olhos azuis uma vez pálidos agora brilhavam tão negros quanto os dele, e o rubor vermelho em seus lábios dizia que ela havia se alimentado apenas alguns minutos atrás.

- Por que você vai para seus livros quando você pode vir a mim? - Ela perguntou. - Eles não podem te dar prazer. Eles só ficam lá e não fazem nada.

- Você precisa de muito mais atenção. - disse ele. Ele foi até ela e inclinou-se para beijar sua boca, mas ela virou o rosto. - Muito bem. Voltaremos a sua sala para discutir o assunto.

- Para me trancar de novo, você quer dizer. - Ela encolheu os ombros para fora da capa enquanto se esfregava contra ele. - Então, aquele velho secado não verá o que você fez. Eu corro muito rápido para qualquer olho me vislumbrar, você sabe disso. - Ela deslizou a mão fria até a boca dele, e esfregou o dedo contra as pontas de suas presas. - Eu sou seu grande segredo, não sou?

Salvar Fenella da morte, transformando-a em imortal, levara apenas um dia inteiro, como acontecia com os machos mortais que eles viravam, mas também resultara em algumas esquisitices inesperadas. A mais surpreendente, sua capacidade de se mover com velocidade sobrenatural, era um talento que nenhum de seus homens compartilhava. Sua natureza doce e disposta também se transformara em uma sedução escura e exigente. Ela se tornou tão forte quanto qualquer um de seus homens, mas a astúcia cruel que ela demonstrava ficava mais perigosa a cada noite. Depois que ela drenou meia dúzia de escravos cortando suas gargantas e banhando-se em seu sangue, Quintus começou a trancá-la em seu quarto de dormir. Mas agora parecia que nem isso a contiveria.

- Você não veio me ver ontem à noite. - disse Fenella, fazendo beicinho. - Eu estava tão solitária que roubei um guarda. Seu pênis era assim. - Ela beliscou o ar.

Quintus sentiu seu perfume escuro e doce se fortalecer, como sempre acontecia com sua luxúria. Isso mexeu com o seu.

- Venha. - disse ele segurando o braço dela. - Eu vou foder você.

- Não agora. Traga uma rapariga para nós partilharmos mais tarde. Eu gosto de chupar as tetas enquanto você se enfia no seu rabo.

Ela facilmente o empurrou para longe e pegou a capa, envolvendo-a novamente antes que ela se turvasse e desaparecesse. Quintus foi atrás dela, mas assim que ele saiu para o corredor, ele fez uma pausa. Todos os guardas tinham desaparecido, e então ele viu as pilhas de poeira afundando o chão de pedra. Sua mandíbula se fixou quando ele olhou para a passagem escondida que levava ao seu quarto. Ele não se importava com quantos mortais ela matava, mas assassinar seus homens - sua própria espécie - não poderia ser tolerado.

Ele se perguntou com a velocidade dela se ele poderia matá-la sozinho, e decidiu não arriscar.

- Tribune Seneca. - Quintus virou-se para encontrar o Ermindale aparentemente de aparência enrugada ao sair de uma passagem. - Nossos espiões do mar trouxeram notícias de grande interesse de Wick. Você vai se juntar a nós?

Escondendo sua impaciência, Quintus acompanhou o marquês até o grande salão. Lá, ele ouviu o capitão comerciante relatar uma história sobre uma bruxa de cabelos escuros que havia desencantado uma pastora e atacou um Pantral nas terras altas do norte. Repleto do absurdo supersticioso de sempre, o conto em si não lhe interessava, mas mandou o capitão repetir a descrição da bruxa sobre o veículo.

- Uma mulher pequena com cabelos negros e olhos escuros que falavam estranhamente, meu senhor. - disse o mortal. - Ele não entendeu muitas das palavras que pronunciou, mas disse que usou seus poderes não naturais para arrancar os próprios pensamentos de sua cabeça.

- Se for verdade, que prêmio ela seria Tribune. - murmurou Ermindale.

- De fato. - concordou Quintus.

As outras duas druidas que haviam se juntado ao Clã McDonnel haviam conversado de maneira estranha e usavam palavras

desconhecidas. O primeiro usara seu ardente poder de incinerar seu antecessor. O segundo era uma rastreadora habilidosa que liderou os McDonnels diretamente para o novo reduto da Legião no continente antes que eles pudessem completá-lo.

- Traga-me o cartão de retrato. - ordenou Quintus.

Ermindale pegou a estranha miniatura e Quintus leu novamente todas as letras e números nela. Três grupos de quatro números leram 1994, 2012 e 2020. Se representassem anos, os números anteriores poderiam ser meses e dias. O cartão em si parecia perfeito demais para ser criado até pela mão mais habilidosa. Algo sobre a estranheza parecia apenas além de seu alcance.

- Como essa bruxa apareceu em sua pessoa? - Perguntou ele ao capitão.

O mortal encolheu os ombros. - A tropa observou como ela era limpa e graciosa, e como ela ainda tinha todos os dentes.

- Quero que a mulher seja capturada e entregue a mim ilesa. - disse Quintus e devolveu o cartão ao seu monitor. - Vamos navegar até Wick e mandar esse homem levar nossos caçadores para as terras altas. Eles podem trazê-la para o navio.

- E Talorc? - Ermindale perguntou, franzindo a testa.

- Se ela tem o poder de ler uma mente, agora ela conhece o traidor. - disse Quintus. - Ela nos levará a Dun Aran. Ou vamos segurá-la até que Talorc venha buscá-la e use-la para persuadi-lo a revelar a localização.

Ele ordenou a Ermindale que se preparasse para a jornada marítima deles, e então saiu do salão para cuidar de sua amante assassina morta-vivo. Ele encontrou Fenella sentada em seu quarto, vestida adequadamente e estudando um grande livro.

- Boa noite, meu senhor. - Ela rasgou uma página, amassou e jogou no fogo. - Você não me trouxe uma linda mortal.

Quintus olhou para o livro e, quando o reconheceu como um de seus preciosos manuscritos, arrancou-o de suas mãos. Um olhar para a lareira o fez estremecer. Continha as capas queimadas dos seis outros que ela havia roubado de sua biblioteca.

- Como você pôde fazer isso? - Ele exigiu.

- Não há problema em destruir coisas lindas, meu senhor. - Em um borrão de movimento, ela pegou o manuscrito de suas mãos e jogou-o nas chamas. - Lá. Agora você não tem razão para me deixar esperando. Ou devo queimar todos os outros que você acumulou, para ter certeza?

Quintus a pegou antes que ela pudesse se afastar e a jogou através da câmara. Fenella riu ao cair em um baú, explodindo em uma explosão de madeira quebrada e ferro quebrado. Ela se levantou, sorrindo enquanto tirava as saias.

- Por que você está zangado? Você diz que eu sou sua querida, seu amor, sua beleza preciosa. Se isso é verdade, nada deve importar para você além de mim. - Ela rasgou o corpete até que seus seios se derramaram. - Eu não sou sua doce donzela ainda? Você não me deseja? Você não quer me enganar até que eu sangre de todos os buracos?

Sua raiva abruptamente diminuiu. - Fenella, eu nunca machucaria você.

- Oh, mas você tem meu grande amante. Você me tirou do laticínio e me levou até esta ilha. Você bebeu meu sangue, e me beijou, e me usou como sua prostituta. Você podia ter me deixado morrer, mas não. Você me transformou em uma bebedora de sangue. - Sua voz subiu para um grito agudo. - *Por que você fez isso comigo?*

Quintus se agachou na frente dela. - Eu não poderia deixar você morrer.

- E agora você queria ter feito. Eu senti isso desde que você me virou. Você olha para mim como se fosse uma serpente, pronta para atacar. - Ela estendeu a mão para ele, sua mão pequena enrolada na dele enquanto

a loucura desaparecia de seus olhos. - Aqui está o que eu sei. Eu não posso ser seu prisioneiro ou seu chefe, Tribune. Eu não sou um 'escravo'.

Ele subestimou sua inteligência, que também parecia estar aumentando a cada dia.

- Fenella, você poderia ser muito mais.

- Sim, e eu sou. Eu sou morta, igual a você e aos outros. - Ela apertou sua bochecha na dele. - Faça-me da Legião ou termine comigo.

Ele puxou-a para seus pés e embalou seu rosto enquanto beijava seus lábios frios. Sua beleza já não rasgava seu coração, pois agora ele finalmente a via pelo que ela era o que ele havia feito a ela. Ele não podia mais ter prazer em seu corpo do que ele poderia um dos homens.

- Eu comando a Legião. - ele disse a ela. - Se você quer ser uma de nós, então você deve me obedecer em todas as coisas. Chega de massacrar escravos, matar guardas ou destruir minhas coisas preciosas.

- Como você diz. - Fenella disse enquanto seus olhos se estreitaram. - O que devo fazer então?

Quintus sorriu um pouco. - Para começar, você servirá como minha guarda pessoal. Você me protegerá com a sua vida e eu lhe ensinarei a melhor maneira de usar seus poderes para mim e para a Legião. Prove para mim que posso confiar em você e você terá muito mais.

- Lindas mortais? - Ela disse, soando quase divertida.

Ele assentiu. - Há escravos para o prazer, mas você não precisa cortar suas gargantas para ter algo deles. Salve sua lâmina para o McDonnels.

O olhar de Fenella mudou quando a porta da câmara se abriu. Ermindale entrou. Num piscar de olhos ela o colocou contra uma parede, com a adaga sobre o coração dele.

- Dougal. - disse Quintus como ele veio para descansar a mão no ombro de Fenella. - Permita-me apresentar nossa mais nova recruta, Optia Fenella.

- Um prazer. - disse o marquês quando seus olhos se desviaram. - Talvez possa persuadir a Optia a não cortar minha cabeça? Tenho uma mensagem do continente que não pode esperar.

- Solte-o. - ordenou Quintus. Depois que ela o entregou, ele lhe entregou as chaves de seus próprios aposentos. - Mova suas coisas para meus aposentos. Eu vou te ver lá depois de falar com o Praefectus.

Ele caminhou com Ermindale até o corredor, onde o marquês fechou a porta e fez uma careta para ele.

- Você está fora do juízo? Você não pode virar moças para nos servir.

- Eu sou Tribune e posso fazer o que quiser. - informou Quintus. - Qual é a mensagem?

- Não há. - o velho estalou. - Eu vi o que aquela boceta maluca fez com os guardas do lado de fora de sua biblioteca, e temi por você. Eu fechei os olhos para que você pudesse ter o prazer dela, mas isso deve terminar agora.

Um pensamento de repente ocorreu a ele. - Por quê?

- Porque você não vê o que ela está se tornando. - disse Ermindale e apontou um dedo para a porta de Fenella. - Ela é louca, como um cachorro de boca de espuma. Eu não vou tê-la...

- Foi você quem a drenou quando era escrava. - disse Quintus, e viu o brilho de pânico nos olhos do velho. - Eu pensei tanto. Você não se importou com o meu carinho por ela. Ou você quis escravizá-la para que ela pudesse agir como sua espiã, como todos os outros escravos desta fortaleza?

- Eu tive que acabar com ela. - disse Ermindale, mostrando os dentes. - Você passou todo momento que podia entre as pernas dela. Ela era uma

fraqueza que você não podia pagar, e agora ela é ainda mais perigosa para o seu comando.

- Você é meu segundo, Dougal, e eu valorizamos o seu conselho. - O Tribune se inclinou. - Mas a sua interferência com Fenella é motivo suficiente para eu terminar com a sua imortalidade. Se intrometa em meus negócios novamente, e eu vou. Estou sendo claro?

- Perfeitamente, Tribune. - disse o marquês e recuou. Ele se curvou rigidamente. - Eu só espero que você não acabe enfeitando em sua lâmina. - Ele se afastou.

Fenella saiu de seus aposentos e parou ao lado de Quintus.

- Eu escutei na porta. Eu não sabia que ele queria me matar. Na verdade, nunca vi quem fez isso. Eles vieram de trás de mim. - Malicia iluminou seus olhos negros quando ela olhou para ele. - Posso tê-lo para o meu prazer, Tribune?

- Ainda não, minha querida. Ele ainda é de alguma utilidade para nós, particularmente com o controle dos escravos. - Ele sorriu um pouco. - Assim que eu virar a bruxa, não precisaremos mais do marquês.

Capítulo Treze

Evander esperou até que teve certeza de que Rachel não acordaria antes de se levantar e puxar as calças. Na sala da frente, ele acrescentou alguns troncos ao fogo e olhou para o catre ao lado. Se ele se afastasse dela, sua tinta cessaria de queimar, e o espírito de guerra dentro dele iria dormir de novo. Mas se permanecesse acordado, passaria o resto da noite no celeiro.

Acorde ela.

Ela é nossa.

Nós vamos levá-la juntos.

Evander se agachou na frente das chamas, inclinando a cabeça enquanto lutava contra as exigências do espírito. Ele não entendia por que estava totalmente desperto. Ele estava com raiva mais cedo, quando ela confessou ter saído para recolher os *orachs* sozinha. Mas também entendera que ela o fizera apenas para agradá-lo com uma boa refeição. Ele vinha controlando melhor seu temperamento ultimamente, graças à presença calma de Rachel. Agora que eles se tornaram amantes, ele não lutava mais constantemente com fome não realizada. Rachel deu a ele tudo o que ele queria e mais.

Ele não conseguia entender por que o espírito a queria. Só se mexia quando ele lutava. Já que o espírito almejava batalha, sangue e morte, não tinha utilidade para as fêmeas. Fiona nunca havia despertado seu espírito. Nem tinha nenhuma moça com quem ele havia dormido no passado.

Eu não posso trazer você para Rachel. Como eu digo a ela que ela desperta você, espírito de guerra? Que você deseja estar dentro dela tanto quanto eu? Que apenas a sua rendição completa irá apaziguar você?

A resposta do espírito provou ser tão arrogante e exigente como sempre.

Dê ela para mim.

Evander nunca poderia permitir que ele o levasse para qualquer lugar perto de Rachel quando ele estivesse assim: equilibrado entre ele e um espírito tão selvagem que apenas a morte satisfazia isso. Tão frágil quanto ela era, ele a pegaria em dois.

- Você não conseguiu dormir?

Ele se levantou e se virou quando Rachel veio até ele, apenas com seu velho tartan cobrindo sua linda nudez. Naquele momento, ele entendeu, talvez pela primeira vez desde o Dia da Escolha, o quão perigoso ele era.

- O fogo precisa ser cuidado. Volte para a cama, moça.

- Você pode me manter aquecida. - disse ela e estendeu a mão para ele, mas franziu a testa enquanto ele se afastava. - O que está errado?

Rapidamente ele virou as costas para ela. - Nada que se deva preocupar. Deixe-me, Rachel. - Ele reprimiu um gemido quando o espírito de guerra se elevou dentro dele, entrando em sua pele. - Por favor, faça o que eu digo. Agora.

- Por que você está com raiva? - Ela veio ao redor dele. - Meu Deus. O que isso está fazendo com você? Você está com dor?

Ele pegou a mão dela antes que ela pudesse tocar seu peito.

- Os homens mais fortes e habilidosos da minha tribo foram oferecidos ao espírito de guerra no dia da escolha. No meu, isso me levou. Ele vive dentro de mim, dormindo até que eu precise de força e poder em batalha. Então acorda. - Ele afastou a mão dela. - Com uma fêmea da minha tribo, eu poderia te-la com ela e ela saberia o que fazer. Você não vai e eu não vou te machucar. Por favor, afaste-se de mim.

Rachel olhou para a tinta que lhe atravessava o peito e depois para o rosto dele.

- Não quer me machucar, e nem você. Quer fazer sexo comigo? Pode fazer isso?

- Não. Você é um tipo druida, não 'Pritani'. - ele disse, e estremeceu quando sua tinta se estendeu de sua carne, como se quisesse agarrá-la. - Mesmo que pudesse, se eu permitisse o espírito de guerra não é gentil, moça. Se nós levarmos você... É demais para você suportar.

- Mas é parte de você. - disse ela e olhou para as curvas móveis da lança como se ela estivesse fascinada em vez de repelida. - É por isso que você está dormindo no celeiro? Para esconder isso?

Ele sentiu seu autocontrole começar a escorregar. - Eu não vou deixar ter você.

Deixando cair o tartan e apertou-se contra ele. - Então eu vou.

Evander uivou, mas o som desapareceu quando o espírito inundou sua garganta e falou através dele.

- Então você vem para mim finalmente, pequena carriça. Eu te queria desde que te tiramos do circulo e te trouxemos para a nossa cama. Você tem medo de mim em sua carne? Ou você vai levar minha lança entre seus lábios macios e sua pequena bainha confortável?

A expressão de Rachel ficou solene. - Se Evander quer isso, então sim, eu vou.

Ela se ajoelhou no tartan diante dele, a cabeça inclinada para trás enquanto esperava.

- Impossivel para resistir.

As mãos de Evander tremeram quando ele soltou as calças, e viu a ponta da tinta endireitar-se e deslizar para baixo de sua barriga para se gravar em seu pênis dolorosamente ereto.

As esposas de Talorc sabiam como se submeter quando o espírito de guerra exigia carnal, mas Rachel não tinha experiência ou treinamento. No entanto, quando ele levou sua cabeça aos lábios, ela se abriu para ele e levou-o à boca sem hesitação. Que ela o fez com a graça de uma esposa ansiosa por acalmá-lo, fez com que ele inchasse com nova luxúria.

A fúria latente do espírito de guerra diminuiu quando ela puxou-o, o veludo de sua língua acariciando seu eixo enquanto ela chupava. Evander deu-lhe mais, enrolando o cabelo nos dedos para guiar a cabeça enquanto ele se enroscava dentro e fora de seus lábios carinhosos. Ela o fez se sentir como um guerreiro de Deus dos tempos antigos, de pé em meio às pedras enquanto as donzelas da tribo eram trazidas para serem escolhidas como esposas. Entre os Talorc, mulheres pequenas e escuras como Rachel eram

raras e estimadas por sua delicada beleza. Se ele a tivesse escolhido, ele teria que lutar com todos os homens solteiros da tribo para conquistá-la.

E então, por tantas noites e dias quanto o espírito o cavalgava, ele a prendia à sua cama e a dava prazer com a boca, as mãos e o pênis. Evander se retirou dos lábios dela e puxou-a contra ele, beijando o calor suave de sua boca.

- Você vai me dar tudo, moça? Você pode?

No momento em que ela murmurou, sim, ele a arrastou para o chão, posicionando-a de quatro quando ele se ajoelhou atrás dela. Apertando seu eixo, ele se esfregou o seu muco entre suas nádegas para a pérola acetinada de seu prazer, e de volta para a abertura lisa agora florescendo para seu primeiro impulso.

- Por favor, por favor. - ela implorou. - Eu preciso de você.

Agachando-se sobre ela, ele a separou e entrou nela, sibilando em uma respiração enquanto seu mel se derretia ao redor dele. Suas mãos se curvaram sobre seus seios protuberantes, apertando-os enquanto ele afundava em seu estreito canal.

O espírito de guerra fluiu em seu pênis e penetrou-a com a lança de tinta, e Rachel gritou quando Evander começou a acariciá-la, saqueando-a com sua vara enquanto seu espírito se embalava nela.

- Agora você sente a nós dois, moça. - ele murmurou contra sua orelha, seus quadris batendo contra sua bunda apertada enquanto ele se embrulhava mais e mais. - Nós fazemos você nossa esta noite, nossa para ter quando quisermos, de joelhos, de costas e de barriga. Você se entregará a nós como você faz agora, e nós tomaremos todos os seus desejos e os faremos nossos. Não é assim?

- Sim. - disse Rachel, seu corpo tremendo com a força de seus impulsos. Sua quimica tremulou impotente enquanto ele a empalava e o espírito trabalhava seu calor faminto dentro dela. - Oh, Evander, o que é isso?

Ele recuou, trazendo-a com ele e empurrando-a para baixo em seu pênis quando ele agarrou seus seios e beliscou seus mamilos.

- Devagar. - ele disse a ela quando ela tentou se mover sobre ele. - Feche seus olhos, sim, para que toda você seja nossa.

Ele apertou a mão sob o queixo dela, procurando e encontrando o pulso de seu coração. Ele acariciou a veia batendo enquanto o espírito subia através dela, derramando calor em todos os lugares que viajava, até que ela emergiu em seu peito e fluiu até sua garganta para pular de volta para sua carne.

Evander mergulhou no espírito e nela, e liberou a fúria que ele manteve por mais de um ano. Se ele estivesse em batalha, ele teria usado sua lança para perfurar o coração de qualquer inimigo suficientemente tolo para se aproximar dele. Dentro de Rachel, ele ficou ainda mais duro quando passou um braço ao redor de sua cintura e dirigiu seus quadris para cima. Enfiando em seu canal apertado com a lança de seu pênis, e perfurando sua suavidade tão profundamente quanto podia, ele se deleitou em sua carne. Sob sua mão, ele sentiu os sons baixos que ela fazia quando ela tomou cada golpe martelando, seus ombros tremendo e seus quadris se sacudindo.

- Você é minha companheira. Nenhum homem colocará as mãos em você novamente. - ele disse a ela, as palavras atadas com a ferocidade de seu espírito. - Você se entrega apenas a mim. Diga.

Um gemido gaguejou dela, alto e doce, antes que ela engasgasse, - Ninguém além de você.

Evander apertou a mão tatuada sobre o seio esquerdo e sentiu o espírito se contorcer ali, marcando-a como sua companheira. Ela gritou enquanto isso a trouxe para a felicidade, e ele se segurou em sua tensão apertada, estremecendo com a força de seu pênis enquanto jorrava contra o anel de seu ventre.

Levantando-se com ela ainda empalada nele, Evander levou-a de volta para o quarto da cama e deitou-se sobre os lençóis frios. Ele nunca quis se separar dela novamente, mas tinha que saber se a assustara tanto quanto lhe dava prazer. Lentamente ele se retirou e gentilmente a virou para encará-lo, e se assustou quando a viu ruborizada, o rosto brilhante.

- Você *nunca mais vai* dormir no celeiro. - ela disse a ele, e se moveu até que seus seios se aninharam contra a abóbada de seu peito. - A menos que você e os cavalos criem algum espaço para mim.

Mesmo na escuridão, ele podia ver a pequena e escura lança sobre seu coração e traçou com a ponta do dedo.

- Você carrega minha marca agora, Rachel.

Ela colocou o queixo para estudar a pele.

- É uma miniatura sua. - disse ela e pegou a mão dele e apertou a palma da mão sobre o seio. - Como você fez isso?

- O espírito escolheu você como minha companheira e usou minha pele para marcar a sua. Não aconteceu desde que deixei minha tribo. - A lembrança de ter sido deixado de lado por sua noiva não mais levou Evander à raiva, mas depois da rendição despreocupada e sem reservas de Rachel, ele se perguntou se alguma coisa o faria. - Isso incomoda você?

- Eu vou pensar em você toda vez que eu tirar minhas roupas. - Suas pálpebras caíram. - A menos que você leve avante em sua ameaça para queimá-los.

Evander sentiu-se confuso com a aceitação que ela tinha do que deveria ter sido uma experiência aterrorizante. Ela se entregou a ele sem reservas, como se soubesse exatamente o que ele pretendia fazer e como deveria responder. Uma esposa Pritani não poderia ter sido mais amorosa. No entanto, Rachel alegara amar o marido - tanto que ignorara os avisos do pai - e falava em ver seu futuro com ele.

Não, isso não estava certo, pensou Evander. *Ela disse que sentiu o futuro quando olhou para o marido. Mas como se sentiu uma coisa dessas?*

Um som sussurrante veio dela, e ele olhou para baixo para ver que ela tinha adormecido em seus braços. Naquele momento, ele pôde vê-la dormindo ao lado dele por mil noites por vir, e uma profunda pontada de arrependimento rasgou seu coração. Sim, Rachel seria sua, e talvez chegasse a hora de amá-lo, mas nada poderia mudar o fato de que ela era mortal. Um dia ela morreria em seus braços, assim como Fiona, e ele passaria o resto da eternidade sozinho.

Capítulo Quatorze

Cedo na manhã seguinte, Evander deixou Rachel dormindo e selou o roan, indo até o rio para mergulhar na água gelada. Ligando-se às correntes borbulhantes e frescas, ele as conduziu até um pequeno lago na extremidade ocidental das terras altas. Depois de guiar sua montaria até a praia, ele seguiu para um penhasco impassível e amarrou o cavalo a uma árvore próxima.

A superfície do lago refletia o céu pálido e sem nuvens, emoldurando-o com diamantes de luz solar prateada. Evander suspeitava que esses dias quentes do outono terminassem antes da próxima lua cheia. Mesmo agora, a respiração dele embranquecia com ar frio, e as geadas noturnas haviam

despido tudo, menos as sempre-vivas de suas folhas. Ele quase podia sentir o sol ficando mais distante, e as criaturas das florestas e montanhas preparando seus ninhos de inverno e tocas. Então ele também teria que fazer com seu coração.

A decisão foi mais fácil do que ele imaginara.

Ontem à noite ele segurou sua amante e a observou dormir, e imaginou como os anos passariam por eles. Como um traidor procurado, ele sempre teria que permanecer escondido. Rachel não teria filhos com ele, mas nem ela teria família ou amigos. Ele seria o mundo dela, e talvez isso fosse o suficiente para ela, mas se ele fosse capturado e morto, ela não teria ninguém.

Ele queria dar mais, dar tudo, mas ele não tinha mais nada. Ela precisava da vida que David tinha roubado dela. Mantê-la com ele, Evander sabia, era quase tão ruim.

Mas ele tinha que ter cuidado para não alarmá-la. Rachel poderia não acordar antes de voltar para a cabana, mas se o fizesse, ele diria a ela que estava exercitando o roan. Depois da refeição da manhã, ele a apresentaria com a sela que ele fizera para ela e ia até a aldeia. Em sua última viagem para suprimentos, ele aprendeu que hoje haveria uma feira para celebrar a colheita, e ele sabia que ela iria gostar disso. O passeio seria feliz e, quando voltassem para a cabana, ele faria amor com ela pelo resto da noite.

Seu último dia juntos deve ser alegre.

Sentindo-se invisível, observando os olhos, Evander tirou a lança e os punhais, colocando-os no chão à vista de todos, antes de se aproximar do arbusto na beira do penhasco. Se ele ainda fosse um membro do clã, teria passado pela ilusão, mas perdera esse privilégio quando traíra os McDonnels. Ele ficou ao lado da pedra mais próxima com os braços ligeiramente abertos, mostrando as mãos vazias.

Quase uma hora se passou antes que uma jovem moça, com um robe de lã curto, emergisse do penhasco. Seu rosto redondo cheio de curiosidade

inocente, mas seus olhos antigos permaneciam cautelosos. Ela o inspecionou abertamente.

- O que você quer, Renegado?

- Eu venho para falar sobre Rachel Ingram, que é uma espécie de druida.

Movendo-se lentamente, ele tirou o pedaço de cabelo que roubara de Rachel enquanto ela dormia, e colocou-o na pedra antes de se afastar.

A druidesa observou-o enquanto recuperava a fechadura e desaparecia de novo no penhasco.

Ele sabia que aproximar-se a qualquer assentamento de druida seria perigoso, mas para sua dama ele tinha que arriscar. Por mais que quisesse manter Rachel com ele, ele sabia que ela precisava de mais do que uma vida difícil com um traidor arruinado. Em seu tempo ela tinha riqueza e posição, e se ela escolhesse retornar a ela, os druidas poderiam ajudá-la a buscar justiça para o que David Carver fizera. Se ela não quisesse deixar a Escócia, ela deveria estar com o clã que poderia protegê-la adequadamente. Ele imaginou que Rachel e Kinley se tornariam amigas rapidamente.

Essa perspectiva deveria tê-lo irritado. Ele nunca se importou com a mulher do Laird. Mas agora ele viu o homem que ele tinha sido quase cego. Rachel o ajudou a ver tantas coisas em uma luz melhor.

O clã iria ajudá-la a se estabelecer em uma nova vida. Evander não queria pensar nela com outro homem, mas isso também provavelmente aconteceria. Ele queria que ela fosse feliz e vivesse uma vida plena e rica. Ela poderia encontrar um marido mortal que pudesse dar seus filhos. Ela seria uma mãe maravilhosa.

A jovem druida apareceu novamente, desta vez acompanhada por dois Ovates encapuzados segurando foices de aparência afiada. Ela estendeu a mecha de cabelo.

- Onde ela está?

Evander manteve sua expressão impassível. – Segura.

- Na sua companhia? Eu acho que não. - Ela acariciou a mexer. - Você deseja trocar Rachel, como uma vaca?

Ele olhou para os homens, que pareciam estar prontos para atacá-lo. Enquanto ele não se sentia muito ameaçado - druidas sabiam tanto sobre batalhas quanto Evander sobre lançar feitiços - um deles poderia fazer um golpe afortunado e cortar sua cabeça. Rachel aprendeu muito, mas não conseguia sobreviver sozinha ao inverno. Ela também pode levar isso em sua cabeça para ir procurá-lo.

- Eu não quero nada. - disse ele. - É para a senhora que venho a parlay. Rachel não pode ficar comigo. Eu estou...

- Nós sabemos o que você é. - disse a druidesa. - Você sabe o que ela é? - Quando ele não disse nada ela fez um gesto impaciente. - Vá e traga ela para nós.

Ele balançou sua cabeça. - Envie para Ovate Cailean Lusk. Eu voltarei amanhã com a Rachel. Você cuidará para que ele a leve imediatamente a Dun Aran.

- Vamos agora. - disse a moça, carrancuda. - Talvez você nos confunda. Nós druidas não recebemos ordens de vira-casaca.

- Então eu não posso dar a ela para você. Perdoe minha intrusão.

Enquanto ele mantinha um olho no Ovate, ele cuidadosamente restaurou suas armas para seus lugares de direito. Ele acenou para a moça, virou-se e se dirigiu para a montaria.

- Espere. - Quando ele se virou a druida disse: - Por que você a tirou do bosque?

Que ela sabia como eles se conheceram, e a palavra que ela chamou de Rachel fez a sua ira aumentar, e a pele dele acordou. Ele suspeitava que

sua amante tinha algum tipo de habilidade vidente, e agora se perguntava o que ela poderia ler.

- Uma patrulha morta-viva sentiu o cheiro de seu sangue. Deixar ela teria sido matá-la. - Evander deu-lhe um sorriso fino. - Ou pior.

- Ímpar. Dizem que você tem pouco carinho pelas mulheres, e ainda assim você resgata essa, de quem não sabe nada. - Quando ele não respondeu a isso, ela disse: - Talvez você nos faça acreditar que você segura seu clã para proteger tipo druida. Este seria o clã que você traiu.

Ele encolheu os ombros. - Acredite no que você deseja. Eu quero dizer apenas para ver Rachel segura e longe.

- Mas e você? - O druida persistiu. - Como você sabe que não convocaremos os McDonnels para esperar o seu retorno?

O temperamento de Evander finalmente transbordou. Ele marchou até a moça, ignorando as foices brandidas por seus acompanhantes.

- Você deseja meu sangue derramado em suas costas? Invoque-os. Eu mereço a morte pelo que fiz. Só não se esqueça de remover a senhora antes que eu termine. Ela sofreu horrores suficientes em seu tempo e no nosso.

A moça fez um som rude. - Um coração tão terno, para um homem tão mau.

- Você iria puni-la muito mais do que a mim. - ele respondeu. - O que isso faz de você?

- Interessante. - Ela trocou um olhar significativo com os dois homens, que baixaram suas armas. - Muito bem, Renegado. Convocaremos Ovate Lusk para comparecer a você e à dama no dia seguinte. Nenhum outro será convidado, e nenhum sangue será derramado. Você tem minha palavra sobre isso. Agora eu vou ter a sua.

- Eu prometo o mesmo. - disse Evander e se sentiu dividido entre um tremendo alívio e um desespero esmagador quando se curvou. - Meus agradecimentos, senhora.

- Eu não quero nada de você. - a moça disse e sorriu docemente. - Só que se você quebrar a sua palavra para mim, eu vou enfiar essas lanças na sua bunda.

Capítulo Quinze

Cheirava a bebidas matinais quando Rachel acordou que abriu os olhos para ver Evander puxando uma calça. Por um momento, ela admirou o alongamento longo e bonito de suas costas e notou que seu cabelo estava úmido. Ela olhou para a pilha de roupas encharcadas no chão, que estavam criando uma pequena poça própria.

- Está chovendo de novo?

Seus ombros se enrijeceram por um momento antes de se virar e se sentar na cama. - Eu tive um mergulho.

- Oh. Então você é um homem louco, porque a água é como gelo agora. - Ela o puxou para um beijo e sentiu o calor irradiando de sua tatuagem. - O que está errado?

- Nada que eu possa consertar. - Ele a puxou para seu colo e passou um braço ao redor dela, pressionando sua bochecha contra seu ombro. - Há uma feira na aldeia. Eles têm dança e jogos e todo tipo de comida. Pensei que passaríamos o dia lá.

Rachel não se importava com uma feira. Ela queria saber o que o deixara tão chateado que sua tinta estava praticamente chiando. No entanto, quando ela chegou a sua mente, tudo o que viu foi seu próprio rosto, como um reflexo. Ele não estava pensando em nada além dela.

- Talvez devêssemos ficar aqui hoje. - Ela montou suas coxas, e empurrou seu peito até que ele se deitou. - Podemos dançar e ter comida e jogar o meu jogo favorito, aqui mesmo.

Evander enfiou o braço debaixo da cabeça. - Você tem um jogo favorito?

- Sim. Chama-se Amar Evander Talorc. - Ela se abaixou, cortando o rosto dele com o cabelo enquanto passava os lábios pela linha dura da boca dele. Ela beijou seu queixo e a linha angular de sua mandíbula, e então foi até o ouvido dele. - Você quer saber as regras?

Ele passou a mão pelo comprimento de sua espinha. - Sim.

- Não há nenhuma. - ela sussurrou, e beliscou o lóbulo da orelha dele.

Rachel esfregou as mãos sobre o peito e os ombros enquanto deixava uma linha de beijos suaves e úmidos que iam da orelha até a clavícula. Ela teve que se deslocar um pouco mais para passar a língua sobre os mamilos lisos, que enrugaram e endureceram em resposta. Ela podia sentir sua ereção endurecendo contra o topo de sua barriga, e chupou um mamilo até que seu pênis inchava tão forte e grosso que ela podia sentir pulsando através de suas calças.

Sua tatuagem queimava contra seus lábios, mas quando ela passou a língua sobre sua lança cruzada, o calor mudou. O que tinha sido febrilmente quente agora pulsava com calor delicioso, que ela acariciava com seus lábios e dedos.

- Oh. - ela gemeu quando sentiu um calor de resposta espalhando-se sobre o seio esquerdo e levou a mão à sua marca. - Você sente isso? Eu acho que alguém está acordando.

Ele esfregou o polegar sobre a tinta dela. - Dificilmente dorme desde que nos acasalamos.

- Então é por isso que eu sempre quero que você toque meus seios. Minha tinta está flertando com a sua. - Ela sorriu enquanto movia a mão sobre ela, cutucando a palma da mão dele com o mamilo duro antes de se mexer mais baixo. - Seu espírito está me deixando louca você sabe.

Suas sobrancelhas arquearam. - Como assim?

- Isso coloca idéias na minha cabeça.

Ela empurrou as mãos sob os quadris para soltar os cadarços na parte de trás de suas calças e, em seguida, puxou-as para baixo para liberar seu pênis ereto. Ela se arrastou para trás da cama para terminar de tirá-lo antes de tirar a camisa da noite.

Quando ela foi para o lado oposto da cama, Evander olhou para ela com uma careta.

- Eu acho que você quer o outro fim de mim, moça.

- Seja paciente. - disse ela e subiu em cima dele, escarranchando os ombros e enfiando as pernas sob os braços enquanto se posicionava. Quando ela se deitou em cima dele, ouviu-o fazer um som áspero enquanto apresentava seu sexo escorregadio ao rosto dele. - Eu acho que você vai gostar disso.

Rachel enrolou os dedos em torno de seu eixo, apertando-o gentilmente enquanto sussurrava um beijo sobre seu pau ingurgitado. Quando ela separou seus lábios para atraí-lo, sentiu os dedos dele acariciarem suas dobras, e então o calor de sua respiração, pouco antes de ele começar a lambê-la. Seus seios latejavam em resposta ao beijo íntimo, e ela os esfregou contra sua barriga enquanto deslizava sua boca para baixo e chupava seu pênis.

A sensação emocionante e sexy de Evander lambendo o desejo de Rachel a estava alimentando para lhe dar o mesmo prazer, e ela começou a trabalhar seus lábios para baixo em seu membro com movimentos suaves de sua boca. Seu eixo empurrou quando ela aumentou a força e o chicoteava com sua língua, e então ela trabalhou a base dele com seu punho, apertando e soltando com o ritmo de sua sucção. Quando ela sentiu seus pensamentos derramarem-se nela, concentrou-se no que o despertou mais, e então captou um desejo fugaz por seu toque na protuberância apertada de suas bolas.

Rachel apoiou o saco na mão e acariciou a pele macia e peluda com as pontas dos dedos. Ao mesmo tempo, ela foi até ele o mais longe que pôde, selando seus lábios ao redor dele enquanto ela segurava seu pênis em sua boca e chupava com força. Evander fez um som profundo que vibrou através de sua vagina, e então trabalhou dois dedos em sua abertura apertada, molhada enquanto ele puxava seu clitóris, sugando-o.

Sob seus dedos, sentiu a onda de seu sêmen e sentiu o inchaço rígido de seu membro que o precedia. Ela pressionou sua boceta contra sua boca enquanto acariciava seu pênis com seu punho, sugando-o até que o primeiro jato subisse sobre sua língua. O gosto dele a empurrou da necessidade dolorida e apertada para uma tempestade de doce e sensual êxtase.

Pensamentos mais primitivos encheram a mente de Rachel quando ela veio, e se espalhou por ela enquanto ela bebia a sedosa semente de Evander. Parecia meio memória, meio fantasia. Ela se viu ajoelhada nua diante dele em uma campina cheia de guerreiros segurando tochas e pedras estranhamente esculpidas em um círculo. Alguém amarrou seus pulsos atrás dela, mas ela não estava com medo. Lá ela chupou seu pau na frente da

tribo, sua tribo, enquanto eles assistiam. Alguns dos homens acariciavam as protuberâncias em suas virilhas, enquanto outros abriam e acariciavam abertamente suas próprias ereções. Mas, estranhamente, não parecia obsceno para ela. Ela podia sentir as emoções deles, e eles eram honestos e sensuais.

Esta era sua tribo, seu ritual, seu vínculo de acasalamento. Ele a escolhera como se fosse uma mulher do Pritani. Seu espírito a marcou. Eles não estavam simplesmente conectados agora, eles estavam unidos.

Os pensamentos se desvaneceram quando estremeceram com a força de seus clímax, e quando acabou Evander a endireitou e a segurou contra seu lado.

- Eu *faço* assim. - ele disse a ela, fazendo-a rir. - É como esses prazeres são compartilhados no seu tempo?

- Sim, mas eu nunca tentei isso antes. - admitiu Rachel. - Eu li sobre isso, e eu... pratiquei algumas vezes com uma banana. - Ela suspirou. - Eu ia ter a minha primeira vez na minha noite de núpcias.

- Hmmm. Fico feliz que você não tenha desperdiçado isso em seu idiota de marido. - Evander acariciou o polegar sobre os lábios formigantes. - O que é uma banana?

- Uma fruta longa e amarela que tem o tamanho e a forma certa para praticar. - Ela olhou para a mão dele, que estava separando suas pernas. - E o que você está fazendo lá embaixo, Mestre Talorc?

- Jogando o seu jogo. - disse Evander e passou a mão de seu joelho para o interior de sua coxa, onde ele acariciou suas dobras lisas com as pontas dos dedos. - Abra suas pernas para mim. Sim, e mais amplo. - Quando ela separou suas coxas, ele a penetrou com um dedo longo, bombeando suavemente para dentro e para fora de sua vagina. - Você me quer dentro de seu canal ainda.

- Eu quero que a cada segundo eu esteja acordada.

Ela nunca o sentiu mais focado nela, como se ninguém e mais nada no mundo existisse para ele.

Ele estudou o rosto dela. - É o mesmo para você, então, a necessidade de se unir.

- Já não somos? - perguntou ela, aproximando-se até que sua marca tocou a dele. - Não é isso que é isso?

Evander se arrastou em uma respiração irregular. - Eu tomei você e marquei você. Agora é o suficiente.

Ele não parecia estar falando com ela. - Eu quero tudo, meu amor.

Sombras ardentes brotaram em seus olhos, e ele gemeu e tremeu quando sua tinta começou a descer pelo seu abdômen e, em seguida, a barra transversal caiu sobre sua barriga e começou a avançar seu corpo. Os olhos de Rachel se arregalaram quando sentiu a tinta, dura e quente, mas não resistiu. Rastejou entre seus seios, espalhando-se sobre eles e então se apertando como se a tatuagem estivesse acariciando-a.

- Evander, oh, deus. - ela respirou, empurrando seus montes para o estranho, intensamente despertando sensação.

A tinta rolou de seus seios para sua garganta, onde ela se sentiu dividida e correu pelos braços, arrastando-os sobre a cabeça. Ela podia sentir os pedaços de tatuagem reunidos em seus pulsos, efetivamente ligando-os juntos.

- Nossa vontade cativa. - disse Evander, sua voz assumindo uma vantagem mais difícil. - Ligada a nós e marcada como nossa companheira. O que você deve oferecer para o nosso prazer?

Rachel descobriu que ainda podia mover os braços e levantou os pulsos sobre a cabeça dele, colocando-os contra o pescoço dele.

- Tudo. - ela respirou. - Tudo de mim. Pegue o que quiser.

Ele pressionou os joelhos dela enquanto se movia entre eles, seu peito arfando quando ele se enraizou contra ela. Seus olhos permaneceram trancados com os dela enquanto ele trabalhava sua cabeça na elipse de sua abertura. A tatuagem apertou ao redor de seus pulsos quando ele agarrou seu traseiro, e com um único e poderoso impulso enterrou seu pênis dentro dela.

Rachel se agarrou a ele enquanto absorvia o choque da penetração, agradecida por seu clímax anterior e sua boca a ter feito tão molhada. Ele a tinha enchido tão completamente que ela podia sentir cada centímetro dele, quente e duro dentro de sua vagina, e só isso a faria gozar novamente.

Algumas das trevas ardentes deixaram seus olhos. - Você me chamou de seu amor.

- Isso é porque eu estou apaixonada por você. - disse ela. Ela não tinha a intenção de deixar escapar isso, mas ele estava tão fundo dentro dela que ela não conseguia pensar em algo mais inteligente para dizer. - Eu sei que é cedo demais, mas deixe-me amar você de qualquer maneira. Você vai gostar…

Evander a cortou beijando-a, sua boca quase desesperada enquanto ele empurrava sua língua para acariciá-la. Seu corpo estremeceu sobre o dela, e então ele se afastou dela, e puxou de volta para dentro, mais e mais, mas ele nunca parou de beijá-la. Ele engoliu seus suspiros e gritos e o gemido tremendo que ela pronunciou quando ela gozou em seu pênis. Ele a fodeu através do prazer selvagem e continuou a transpassá-la, suas peles ficando escorregadias de suor. Rachel sentiu agora o que ele estava pensando, como se nada mais existisse além dos dois. Seu mundo tornou-se seu corpo sobre ela, a cama balançando sob eles, a fome devoradora de sua boca e o infindável bombeamento de seu pênis inchado e acetinado na flexibilidade apertada e tremente de sua vagina.

Depois de uma eternidade, Evander afastou a boca da dela e levou a mão para embalar sua bochecha.

- Estamos juntos agora. Eu sou seu, Rachel.

Ele quis dizer isto, ela percebeu como os sentimentos dele inundaram nela. Ele pertencia a ela agora e para sempre. Seu coração, seu corpo, sua alma. Ele estava dando a ela tudo o que ele era, tudo o que ele seria. Ele nunca mais tocaria em outra mulher.

Rachel finalmente entendeu o significado do ritual que ela tinha visto em sua cabeça. Os homens de sua tribo exigiram a rendição completa de seus companheiros, porque uma vez que eles tiveram, eles deram o mesmo para eles. Então todas as suas memórias se derramaram nela, e ela viu de repente todos os mil e duzentos anos que Evander viveu desde seus dias com a tribo Talorc.

Ele não estava fantasiando sobre ser um guerreiro imortal.

Sua visão ficou cinzenta enquanto todo o seu corpo corava, e ela caiu em um mar agitado de sensação primal. Ela não tinha nome para o que veio a seguir, apenas que encheu sua cabeça com luz silenciosa e alegria sem palavras. Ela se sentiu em chamas por dentro e por fora, e ao mesmo tempo submergiu na água mais fresca e suave. Ela podia ouvir os sons altos e indefesos que ela fazia, e os grunhidos profundos e ásperos de Evander quando ele se derramou nela, e eles se misturaram em uma sinfonia de prazer.

Por um longo tempo Rachel ficou segurando-o, arfando no ar que ela esqueceu de respirar e sentindo-o fazer o mesmo. Depois do que eles compartilharam, ela não poderia continuar mantendo a verdade sobre sua habilidade dele.

- Eu tenho que te dizer uma coisa.

- Sim, e eu também devo a você. - Seu peso levantou, e ele se moveu para o lado dela, virando-a para encará-lo. Em sua mente, ele estava se lembrando de um belo lago cercado por montanhas escuras. - Hoje à noite, depois da feira.

Ela não entendia por que ele estava tão determinado a levá-la a isso, mas se isso o deixaria feliz, ela planejava fazer isso todos os dias pelo resto de sua vida.

- O que você quiser.

Capítulo Dezesseis

Kinley McDonnel estava deitada sobre seu marido adormecido e acariciou a serpente em seu peito. A pele respondeu a ela com uma ondulação preguiçosa de suas linhas, e um lampejo de sua língua bifurcada contra seus dedos.

- Garotinha, apenas você precisa acordar seu Laird do único bom sono que ele teve em dias. - Lachlan resmungou. - Por que você não fez isso antes?

- Eu estava pensando. - Ela subiu em cima dele, seu corpo magro e nu absorvendo o calor do calor de seu corpo. - Não sobre isto. - Ela trocou para embalar sua ereção matutina entre suas coxas. - Eu quero ir visitar Lady Gordon e ver o bebê.

- Sim, isso pode ser arranjado. - Suas mãos grandes se espalharam sobre seu traseiro. - Ela gosta da sua companhia, mas não é por isso que você deseja ir.

- Eu ouvi um boato interessante. - disse Kinley. Ela se levantou de joelhos, provocando a cabeça inchada de seu pênis com a costura lisa que queria mergulhar. - Laird Gordon é frequentemente visto andando à noite em torno de suas mata e fazendas arrendatárias.

As sobrancelhas de Lachlan se arquearam. - Eu monto à noite. Na verdade, você monta à noite. E daí?

- Ele não monta sozinho. - Ela se deixou afundar apenas o suficiente para alojar a curva de sua cúpula dentro de sua abertura. - Ele sempre leva seu guarda-costas com ele. Apenas o guarda-costas, ninguém mais.

A mandíbula de Lachlan se apertou. - Ele é um Laird e um dos homens do rei, e não é um tolo.

- Ou ele não é bom de alguma forma, e tem o guarda-costas, bem, fique de guarda. - Ela se contorceu quando ele tentou empurrá-la para baixo sobre ele. - Pare de ser tão impaciente por sexo. Estamos conversando aqui.

- Você está falando. - Ele virou-a de costas e penetrou nela. - Estou te enlouquecendo.

Kinley estremeceu quando ele começou a empurrar profundamente e com força, seu pau grosso enchendo e esvaziando-a, e então sua boca desceu sobre a dela e ela esqueceu tudo, menos ele. Ele a imobilizou e trabalhou dentro até que ela gozou duas vezes, e então estremeceu e sacudiu quando ele a bombeava cheia de seu creme. Quando ele caiu ao lado dela, ela se encolheu contra ele e acariciou a abóbada de seu peito.

- Gordon não faz nada errado em seus passeios noturnos. - Lachlan finalmente disse. - Eu não posso dizer mais do que isso, mas tenho certeza disso.

- Ok. - ela disse simplesmente e saiu da cama. Ela foi se lavar e depois vestiu um vestido para que Meg não desse a ela nenhum pesar. Quando o marido chegou por trás dela e passou os braços ao redor de sua cintura, ela endureceu. - Oi, desculpe. Você não pode dizer mais, eu não posso ir para a segunda rodada.

Lachlan suspirou. - Gordon é um aliado e um homem privado. Eu tenho poucos segredos que eu guardo de você, mas este é um. - Ele a virou para encará-lo. - Diga-me suas suspeitas, e vou dispensá-las.

- Lady Gordon pediu a Cailean Lusk para visitá-la, mais ou menos uma dúzia de vezes, e mesmo assim ele nunca aparece. - Ela colocou a toalha de linho úmida em volta do pescoço dele. - Ela acha que ele está evitando ela, e tem algo a ver com Gordon. Então eu ouvi Raen mencionar quantas vezes ele vê o Laird andando à noite. - Ela soltou um suspiro. - Nós precisamos nos preocupar com ele? Ele poderia ser um servo morto-vivo ou algo assim?

Seu marido sorriu com carinho. - Não, amor. Disso posso te assegurar. Desde Cailean ajudou a organizar o casamento de Gordon, duvido que ele esteja se esquivando da senhora. Talvez tenha havido algum mal entendido, ou ele está muito ocupado com outros deveres.

- Ele passou dois dias aqui na semana passada jogando damas com a Neac. Enquanto isso, Lady Gordon está me observando como qualquer outro dia. - Kinley enfiou a mão no armário e mostrou-lhe o maço de mensagens que recebera de Lady Gordon. - O que eu digo a ela?

Lachlan beijou a ponta do nariz dela. - Dê suas mensagens para Cailean. É o que ele está fazendo, então deve ser o remédio dele.

- Então, eu sou seu serviço de atendimento agora? - Ela disse e beliscou seu queixo. - Tudo bem, é uma boa ideia. Você pode fazer sexo comigo de novo.

Ele deu a ela seu olhar de Laird. - Eu posso ter você sempre que eu quiser.

- Prove. - Kinley disse e então gritou de risada quando ele a pegou e a jogou na cama. - Agora assim sim.

Capítulo Dezessete

Enquanto ela e Evander cavalgaram ao longo do estreito caminho da montanha que levava à aldeia, Rachel silenciosamente abençoou seu pai por insistir que ela tomasse aulas de equitação. A sela medieval que seu amante a tornara estranhamente confortável, o que, dada a sensibilidade aumentada entre suas pernas, era uma bênção. Mesmo sem os estribos que usara em seu tempo, a tacha se ajustava a ela e ao cavalo como uma luva. O cinza malhado, no entanto, não fora montado há semanas. Guiar o montanhista arrasado pela trilha desconhecida, um pouco coberta de vegetação, manteve Rachel ocupada até entrar em um vale à beira-mar na base das montanhas.

Ela deu ao cavalo um tapinha agradecido. - Nós fizemos isso, ah ... - Ela olhou para Evander. - Qual é o nome dela?

- A égua? Ela não tem um. - Ele parou o roan para parar ao lado dela, e viu sua expressão. - Não me dê esse olhar. Fiona e eu corríamos do clã quando eu a comprei. Era o suficiente para mim que ela era forte e rápid.

Ela adorava que ele estivesse começando a falar mais abertamente sobre Fiona.

- Bem, eu não vou chamá-la de 'a velha'. - Ela se inclinou para frente para dizer ao cavalo: - Que tal Dancer?

A égua a ignorou e começou a cortar grama.

- Você não está ajudando, Dancer. - disse Rachel, e então olhou para o cavalo de Evander. - Deixe-me adivinhar. Ele não tem nome também. Já que ele pode nadar debaixo d'água, vamos chamá-lo de Driver.

O sorriso desapareceu do rosto de Evander. - Você não pode contar a ninguém sobre isso, moça.

O corpo dele se transformando transparente através de sua mente, assim como a sensação de correntes borbulhantes e fluindo através de um rio no roan, com Rachel colada em seu peito. O que ela teria descartado ontem como outra fantasia estranha agora se tornou muito real. Além de ser um imortal, ele era capaz de se unir à água e usá-la para percorrer longas distâncias em apenas alguns segundos.

Por que ele teve medo de contar a ela sobre isso? Depois de todo o sexo mágico e selvagem que eles estavam tendo com seu espírito de guerra e as tatuagens, por que isso o preocuparia? E por que ele estava pensando agora em um lago ao lado de um penhasco?

- Eu não vou dizer nada. - disse ela e franziu a testa. - Eu acho que posso fingir um sotaque escocês aceitável, mas o que devo chamá-lo enquanto estamos na aldeia?

Ele se inclinou para beijá-la. - Eu gosto de 'meu amor'.

Enquanto atravessavam o vale, Rachel conseguiu ter uma visão melhor da aldeia, que era tão pequena quanto Evander havia dito. Casas foram construídas ao longo de ambos os lados de uma larga estrada costeira, com um conjunto central de estruturas menores que devem ter servido como lojas e edifícios de armazenamento. Ela viu celeiros de porcos e cabras, e algumas pastagens rudemente cercadas, salpicadas de vacas e ovelhas.

O leste da aldeia, dezenas de barracas e lojas ocupavam uma grande área aberta. Grupos de pessoas circulavam em torno de malabaristas, músicos e outros artistas. De um lado, as carroças cheias de sacas de grãos, legumes e frutas cercavam uma longa mesa de fazendeiros que levavam moedas em troca de suas colheitas. Dezenas de crianças correram pelas barracas, perseguidas por cães latindo e algumas mulheres de aparência assediada.

Quando chegaram à feira, alguns garotos mais velhos se apressaram e Evander desmontou, dando a cada um uma moeda antes de ajudar Rachel a descer. Ela observou os dois conduzirem os cavalos para um pasto ao lado das tendas, onde mais uma dúzia de montarias estavam pastando. Os garotos soltaram os cavalos e subiram em uma pilha de fardos de feno para vigiar o rebanho inteiro.

- Será que esses dois garotos realmente impedem alguém de roubar os cavalos? - Rachel perguntou. - Quero dizer, quantos anos têm eles, doze?

- Ninguém tentará roubá-los. - ele disse enquanto pegava a mão dela e entrelaçava os dedos nos dela. - Os aldeões são honestos e os de fora não são sábios em tirar nada dessas pessoas. O sangue dos invasores viking corre em suas veias. Suas punições eram tão brutais que os romanos que eles capturaram se matariam na primeira chance.

- Ok. - disse Rachel e escondeu um tremor quando ela sorriu para ele. - Quero dizer, sim, meu amor. Eu não vou - irritar o povo da aldeia.

- Falou como uma sábia moça das terras altas. - ele disse e beijou sua testa. - Eu vou olhar para os meninos mais tarde.

Eles caminharam do pasto para o centro da feira, onde os deliciosos aromas de carne assada, frutas condimentadas e cervejas picantes os engolfaram. Mulheres de bochechas rosadas cuidavam da comida em fogos de pedra atrás das barracas, enquanto as filhas sorridentes serviam em varas ou pratos feitos de casca de bétula. Entre as barracas de comida ficavam carrinhos menores, cheios de queijos embrulhados em tecido, jarras de vinho e nozes ensacadas. Rachel inalou os aromas maravilhosos, que fizeram seu estômago vazio roncar.

- Eu mencionei que estou morrendo de fome?

- Esfomeada. - ele corrigiu severamente. - Você precisa de muita alimentação para um punhado tão pequenininho de mulher. Muito bem, o que você terá?

Ela olhou ao redor deles. - Um de tudo seria pedir demais?

Evander riu. - Você vai ser um punhado no dia seguinte.

Ajudou-a escolher a recompensa da feira, selecionando o melhor dos queijos, pães, salsichas e pêras condimentadas, bem como uma jarra de cidra doce. Os aldeões tinham montado mesas e bancos em uma das tendas maiores, onde se sentaram para comer. Rachel notou alguns olhares curiosos, mas ninguém olhou diretamente. No entanto, ela sentiu como se alguém estivesse.

- Não parece tão desconfortável. - disse ele, abrindo a jarra de cidra. - Eu venho para a aldeia a cada poucas semanas. As pessoas se acostumaram comigo.

Rachel assentiu, mas ela não conseguia afastar a sensação de estar sendo observada.

Evander teve prazer em alimentar suas mordidas, até que ela pegou emprestada sua adaga e lhe mostrou como fazer um sanduíche. Assim que

terminaram e devolveram o jarro vazio para a banca do orador, eles se aproximaram para ouvir uma mulher ruiva com uma harpa de mão. Ela tinha uma voz baixa e quase rouca e, enquanto cantava, Rachel se encostou no lado de Evander.

Em uma casa pequenina, ela está esperando por você

onde as terras altas descem e beijam o mar

e a urze floresce doce e selvagem e livre

lá você encontrará sua beleza bonnie.

Ela sonha com você enquanto observa a baía

e arranca a harpa que você deu a ela para tocar

em seu coração é a esperança nascida de novo todos os dias

que você vai voltar para ela a salvo de longe.

- Eu vou chorar se eu continuar ouvindo isso. - disse Rachel e sentiu um puxão em sua saia. Ela olhou para baixo em um rosto pequeno e sorridente. - Bem, olá.

- Dia bom para você, senhora. - o garotinho de cabeça de reboque disse, mostrando-lhe a lacuna em seus dentes de leite. - Você virá jogar o jogo do dedal?

Ela olhou para Evander, que assentiu e deixou a criança levá-la até um homem de barba branca sentado atrás de um caixote frágil. Na caixa havia três dedais enferrujados e uma pequena pepita do que parecia ser ouro.

- Encontre o ouro, e é seu. - o homem idoso raspou quando ele colocou a pepita sob o dedal do centro.

Evander entregou-lhe uma moeda. - Você não vai embolsar.

- Eu não sei como fazer isso. - o velho homem estalou quando ele começou a mover os dedais ao redor, trocando seus lugares tão rápido que Rachel não conseguia acompanhá-los. Seu neto também se inclinou para assistir. Por fim, ele enfiou as três em fila e olhou para ela.

- Agora escolha, senhora.

Ela fingiu estudar os dedais, mas quando alcançou a mente do velho, não conseguiu lê-lo. Apenas a sorte dela. Como em seu próprio tempo, ele era uma daquelas pessoas que ela não sabia ler. Então ela pegou os pensamentos ansiosos de outra mente por perto, e sorriu.

- É... está na mão direita do rapaz.

O menininho ficou boquiaberto e depois se virou como se fosse correr, mas Evander o segurou pelas costas da túnica e o levantou.

- Tris, o que você fez? - O velho exigiu antes de dar a Rachel um olhar suplicante. - Ele não quis dizer isto, Senhora. Foi apenas travessura. Ele é um bom rapaz.

- E bom em enganar. - disse Evander e entregou o menino ao seu avô. - Entregue agora.

O lábio inferior de Tris foi empurrado quando ele deixou cair a pepita no caixote.

Rachel a pegou antes que ela fosse devolvida e entregue ao avô.

- Tenho certeza que ele não vai... não vai fazer isso de novo.

- Eu vou ter certeza disso. - o homem idoso disse e olhou para o rosto dela. - Obrigado, senhora, mestre.

Uma vez que eles se afastaram, Evander disse: - Você viu o rapaz de mãos dadas?

Com todos os aldeões ao redor deles, Rachel não conseguia se livrar da leitura da mente de Tris.

- Eu apenas imaginei que ele tinha.

- Eu deveria ter pensado nisso quando o rapaz veio até você. - disse Evander e acenou para as bancas à frente deles. - Nós vamos ter apenas jogos honestos agora.

O próximo jogo que Rachel tentou foi o lançamento de feitiços, o que exigiu que ela jogasse um fardo pesado de palha sobre fileiras de forcados. Seu maço caiu um quintal, fazendo-a rir. Mas quando Evander tomou um turno com o feixe de um homem muito mais pesado, ele limpou todos os dentes e bateu para além da última linha.

- Você joga como um lanceiro, não como um fazendeiro. - disse o grande homem que dirigia o jogo enquanto dava a Evander uma pequena bolsa de moedas. - Muito bem, Mestre Caçador.

Na barraca ao lado, uma velha executou algo parecido com um jogo de dados. Sete pequenas pedras esculpidas foram sacudidas em um copo antes de uma ser retirada aleatoriamente. Evander contou-lhe que as pedras eram numeradas de uma a sete e que, para ganhar, tinha que adivinhar qual delas estava na mão da velha.

- Eu irei ver os cavalos. - disse ele. - Não vai demorar muito. Fique aqui até eu voltar.

- Claro. - disse Rachel sorrindo e se juntou à fila esperando para jogar o jogo.

Quando chegou sua vez, ela tinha toda a intenção de adivinhar. No entanto, quando a velha sentiu a pedra contra a palma da mão, pensou no número e algo fez com que Rachel o repetisse.

- Sete.

- Sim. - disse a velha. A mão magra se abriu para mostrar a pedra, marcada com um X. - Vê a sétima como a do viking, senhora? É Gyfu, a runa dos presentes, do amor, do sacrifício. Você terá um prêmio ou saberá o que eu vejo por você?

Algo nos olhos da velha hipnotizava Rachel. Quando ela chegou a sua mente, ela viu um longo túnel, alinhado por árvores que duravam para sempre. O cheiro do bosque tomou conta dela, fresco e limpo, e por um momento pareceu que a luz do sol havia desaparecido, e eles estavam banhados pelas sombras e pelo luar.

Evander veio para ficar ao lado dela. - Você ganhou de novo, moça?

Rachel sentiu os pensamentos da mulher subitamente cortados, como se uma porta psíquica tivesse se fechado. Ela era como ela? Ela sabia que ela tinha olhado em seus pensamentos? Ou foi Evander?

- Ah, o que você vê? - Rachel finalmente perguntou.

- Não tenhas medo de falar de amor ou de pedir misericórdia. Somente deve oferecer o mesmo. Pegue, então lembre-se. - Ela segurou a runa para Rachel, mas seus olhos nublados se voltaram para o rosto de Evander. —Será necessário ser quadrado por você, rapaz.

Rachel enfiou a runa no bolso da saia enquanto eles se afastavam, e tentou brincar sobre isso.

- O que você acha que tudo isso significava? Nenhum dom de amor não é sacrificado?

- Isso significava que ela não tinha que lhe dar um prêmio. - disse ele, parecendo divertido agora. - É uma antiga superstição nórdica, nada mais.

- Bem, pelo menos eu tenho uma rocha esculpida. - Outro jogo onde as pessoas estavam jogando círculos de ferro em estacas de madeira curtas no chão chamou sua atenção. - Ei, isso é um lance de anel?

Ele seguiu a direção do olhar dela. - É chamado de *quoits*. Você deve lançar os anéis nos espetos.

Rachel foi assistir os jogadores, que continuavam falhando ou derrubando os espetos em vez de tocá-los. Uma vez que todos os jogadores perderam, as duas mulheres correndo o jogo correram para recolher os anéis.

Aquela mulher de cabelos negros tem um homem bonito, a mais jovem das duas mulheres pensou enquanto olhava para Evander. *Talvez ele gostasse de uma moça com peitos grandiosos.*

Beka está empurrando as estacas em profundidade demais, sua companheira pensou quando sub-repticiamente puxou as estacas de madeira mais para cima. Ela olhou para Beka e continuou soltando os pinos, sem saber que havia pulado um deles. *Olhando os rapazes que ela nunca terá a vaca estúpida.*

Rachel pegou três anéis e os entregou a Evander, apontando para a estaca que havia sido pulada.

- Você acha que pode ligar para aquele com todos os três?

Ele deu à estaca um olhar de medição enquanto levantava os anéis. - Sim.

Beka aproximou-se para pegar o dinheiro de Evander e inclinou-se o suficiente para mostrar a maior parte do que seu corpete amarrado mal podia conter.

- Pegue os três e você terá a sua escolha, mestre.

Seu tom tímido fez um calor gelado florescer sobre o seio esquerdo de Rachel, mas antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, Evander se colocou entre eles. Ele jogou os três anéis juntos com um movimento de seu pulso, e eles pousaram no pino, circulando-o antes que eles caíssem na base.

Beka ficou boquiaberta e todo mundo que assistia ao jogo riu ou aplaudiu.

- Como você fez isso? - Beka deixou escapar.

- Minha senhora me traz sorte. - disse Evander e analisou o conjunto de prêmios. Ele apontou para uma pequena coroa feita de fitas e conchas de tecido intrincadamente entrelaçadas. - Aquele que ela vai ter.

Rachel não sabia o que era, até que ele a coroou e passou as fitas pelo cabelo. Ela não sorriu para a Beka agora carrancuda, mas ficou na ponta dos pés para dar um beijo suave em Evander.

- Eu me sinto como uma rainha das fadas agora.

- Eu vi o outro fixando os pinos para cair. - ele murmurou enquanto caminhavam. - Você escolheu o que ela perdeu, mas você não poderia ter visto isso. Suas saias estavam no caminho.

- Elas estavam. - disse ela e olhou para as pessoas ao seu redor. Ela não podia falar sobre isso aqui. - Eu vou te dizer mais tarde como eu sabia disso.

- E o que você vai me dizer? Que você adivinhou novamente, como o ouro na mão do garoto, e o número na runa da velha? - Evander viu sua expressão e a puxou para uma parada. - Rachel?

- Eu ouvi seus pensamentos e vi o que ela estava fazendo através de seus olhos. Eu li a sua mente, a da velha e do menino. - Ela segurou as mãos dele. - Eu posso ler sua mente também. Eu venho fazendo isso desde que vim para cá.

Evander conduziu-a através das barracas de jogos e tendas e saiu para o vale, até que eles estavam bem longe dos ouvintes. Então ele se afastou dela, ficou olhando para o mar por alguns minutos e voltou. Ele olhou para ela como se ela tivesse se transformado em uma completa estranha.

- Desde a noite no bosque? Tudo que eu pensei?

Rachel assentiu devagar. Ele tinha todo o direito de estar zangado com ela, mas a idéia de seu temperamento explodir a fez estremecer.

- Porra! - disse Evander e passou a mão pelo cabelo. - Tudo.

- Eu deveria ter te dito muito antes agora... - ela disse rapidamente - Mas no começo eu não confiava em você. Quando fiz isso, pensei que você não acreditaria em mim, ou arruinaria as coisas entre nós. Também tentei bloquear seus pensamentos, mas às vezes não conseguia evitar.

Ele estudou o rosto dela. - Porque nao?

Ela deu um passo cauteloso em direção a ele. - Com você, posso fazer mais do que apenas ler sua mente. Eu posso sentir o que você sente.

- E o que eu sinto agora, moça? - Ele perguntou suavemente.

- Tenso. Você está tentando lembrar seus pensamentos desde que cheguei aqui. - Quando ele não disse nada, ela mergulhou. - No começo você se sentiu incomodado e impaciente comigo. Você ainda estava de luto por Fiona, então se sentiu culpado por me dar suas roupas e coisas. Você estava preocupado com o quão vulnerável eu estava e queria me proteger. Acima de tudo, você realmente queria ter sexo comigo. - Ela viu a boca dele se curvar e sentiu um alívio ao soltar o nó de medo em seu peito. - Eu sabia que tinha que te dizer o que planejei fazer depois que chegássemos da feira.

- Eu suspeitava que você fosse algum tipo de vidente. - disse ele e puxou-a contra ele. - Eu nunca te disse como fazer a cerveja da manhã forte, como eu gosto. Que eu precisava dos baldes para lavar a água quando as chuvas chegassem. Como você sabe onde me tocar, onde mais me agrada. Até mesmo que eu te queria esta manhã.

Rachel ligou as mãos atrás da cintura. - Ah não. Essa última não foi leitura da mente. Você me quer toda manhã. - Ela olhou para ele. - Por que você não está com raiva de mim?

- Eu deveria ter adivinhado. Você é um tipo druida. - Ele beijou sua testa. - É um presente poderoso. Você deve ter cuidado com quem compartilha sobre isso.

- Eu estava apenas preocupada em estar perto de todas essas pessoas. Eu pensei que seria sufocada em todas as suas vozes internas. Mas até agora na multidão eu pareço apenas pegar alguns pensamentos vagos. - Ela olhou para as baias. - Exceto com aquela senhora runa. Eu tive um pouco de um momento de bosque com ela. Eu acho que ela pode ser como eu também.

- Então, vamos ficar longe de seu jogo. - disse ele e hesitou por um momento. - Se você sabe o que eu estive pensando, então eu não tenho que te dizer o que eu sou.

- Um guerreiro Pritani imortal que viveu por mil e duzentos anos lutando com seu clã contra os mortos-vivos. Eu realmente não acreditei até esta manhã, quando estávamos fazendo amor. - Seus olhos ardiam. - Então eu vi tudo.

- Não foi tão ruim assim. - ele repreendeu gentilmente. - Eu não fui um homem sábio, nem um homem gentil, mas lutei ainda pior. Eu não salvei a Fiona. Ela me salvou do meu próprio coração negro. E agora você, Rachel. - Ele tocou sua boca na dela. - Eu te amo.

- Ho, Mestre Sheaf Tosser. - um homem corpulento e sorridente gritou enquanto ele trotava em direção a eles. - Temos um lance de lança nas árvores. Testará esse grande braço contra nós?

Evander olhou para ela. - Devo mostrar aos rapazes da aldeia como isso é feito?

Rachel vislumbrou um fragmento de memória, quando ele colocou as lanças na margem de um lago sereno. Um momento depois ele se foi, mas a tristeza que veio com ele pareceu tão intensa que ela teve que piscar para conter as lágrimas.

Graças a Deus ele não precisa mais ficar sozinho.

- Eu adoraria ver isso.

Capítulo Dezoito

Diana ficou em seu cavalo, Laird Gordon saiu de sua fortaleza com um pequeno séquito de guardas para saudar Lachlan e Kinley. Ao lado dela, Raen inspecionou a área ao redor antes de desmontar e ajudá-la a descer.

- Nós vamos levá-los. - disse ela aos cavalariços que saíram para os cavalos, e com a ajuda de Raen levou as quatro montarias para o enorme celeiro. - Algo está acontecendo com Lady Gordon. - disse ela, muito casualmente. - Capitã está toda estressada com isso.

- A senhora tem um novo bebê e um casamento feliz. - disse o marido ao pegar um balde de água e esvaziá-lo em um bebedouro para que os cavalos pudessem beber. - Por que nossa senhora deveria estar chateada?

- Cailean está envolvido, aparentemente. Lady Gordon quer que ele venha, e o druida não vem. Além disso, Laird Gordon tem andado muito à

noite, lembra? Nós o encontramos pelo menos quatro vezes em patrulha este mês. - Ela removeu as selas e as estacionou em uma viga de secagem antes de esfregar o suor das costas dos cavalos. - Mas não é grande coisa.

- Era um negócio o suficiente para ela pedir para você mencionar isso para mim. - Ele olhou para ela enquanto ele levantava um saco de grãos e entrava nas barracas para encher os baldes de comida. - Eu não sei nada sobre isso, esposa. Não acredito que haja algo errado.

- Uh-huh. - Diana murmurou. Ela conduziu os cavalos, um a um, para as suas tendas, e depois se lavou antes de olhar para a casa grande. - Capitã achou que eu deveria falar com o guarda-costas do Laird. Aparentemente ele sai com o Laird toda vez que ele cavalga à noite.

Raen franziu os lábios. - Não deveria ser difícil. Eamus está dentro da casa agora com o Laird. - Ele sorriu. - Ser guarda-costas significa que é preciso guardar o corpo, moça.

- Não me assuste ok? Estou trabalhando nisso. - Ela passou a mão pelo cabelo enquanto olhava ao redor do estábulo. - Talvez pudéssemos atraí-lo para fora, para que eu pudesse algema-lo a alguma coisa. Só não tenho mais algemas nem um distintivo.

Seu marido balançou a cabeça. - Espere aqui, e eu vou trazê-lo para você.

Diana franziu a testa. - Como você irá fazer isso?

- Pedir para vir aqui. - Ele evitou seu golpe e se dirigiu para a fortaleza.

Cinco minutos depois, Raen voltou com o guarda-costas do Laird, que era um gigante de boa aparência com um sorriso fácil, mas com olhos vigilantes.

- Ótimo para conhecê-lo, Eamus. - disse Diana após as apresentações foram feitas. - Temos visto o Laird cavalgando à noite quando estamos em patrulha. Um pouco, na verdade. Você está tendo algum problema por aqui que podemos ajudá-lo, talvez?

Sua expressão foi de aberta para fechada em um piscar de olhos.

- Não, senhora Aber, não. O Laird tem tido problemas em dormir, com o novo bebê na casa, e cavalga à noite para se cansar.

Diana conhecia um discurso bem ensaiado quando ouviu um.

- Ok, isso certamente faz sentido. Então, onde vocês dois viajam nessas viagens de insônia?

O guarda-costas pareceu intrigado. - Em qualquer lugar que o Laird deseja ir, senhora. Geralmente fora pelas fazendas arrendatárias, mas às vezes na floresta. Há uma pequena nascente nos pinheiros onde meu senhor desfruta de um banho.

- Parece divertido. - disse ela, para a qual Eamus não teve reação alguma. - O Laird mandou que você mentisse para qualquer um que perguntasse?

- Se ele tivesse Senhora. - o guarda-costas disse, - Eu não diria a você. Mas não, eu não minto. É onde ele anda e eu estou sempre com ele, como é meu dever.

- Obrigado, Eamus. - Raen disse antes que Diana pudesse entrar em outra palavra. - Não vamos mais mantê-lo.

O guarda-costas assentiu e saiu do celeiro como se estivesse em chamas.

- Por que você fez isso? - ela perguntou enquanto eles observavam Eamus acelerar o passo para uma corrida antes que ele desaparecesse no portão da frente.

Raen se inclinou contra um poste. - Fazer o que agora?

- Cara, ele pode realmente se mover para um cara tão grande. - Diana se virou para ele. - Ah, você o tirou daqui, então eu não faria mais perguntas. - Ela apertou os olhos para a expressão impassível dele. - Oh inferno. Você sabe disso, não sabe?

Ele ergueu as mãos enormes. - Eu fui guarda-costas de nosso Laird por séculos. Só sei o que é guardar um homem e seus segredos e ser obrigado a mantê-los a salvo. Não é nada que Eamus diga sobre o que ele não pode lhe dizer.

- Eu não porra. - ela disse a ele, assumindo uma expressão elevada. - Eu, no entanto, falo com meu chefe, e Capitã não vai ficar muito feliz com você. Em absoluto.

- É uma rainha zangão e uma fruta de mel. - disse Raen e estendeu a mão para levá-la e puxá-la para perto. - Eu não sei nada do que Gordon faz em seus passeios noturnos, só que é um segredo bem guardado.

- Bem, você não é bom para mim. - ela disse e deu um tapa no peito dele. - Eu amo que você é tudo sobre o respeito ao Laird, mas às vezes, Big Man, é uma dor real na minha bunda.

Ele baixou as mãos para acariciar aquela parte de sua anatomia. - Quando estivermos em casa, vou beijar e melhorar.

Capítulo Dezenove

Evander encontrou para Rachel o local perfeito para vê-lo do outro lado do campo de lançamento de lanças. Embora a maioria das pessoas da cidade fizesse o passeio mais curto para se reunir no lado mais próximo, algumas das mulheres que estavam cozinhando as seguiram para o lado mais distante, onde a vista estava desobstruída. Evander escoltou Rachel quase até a metade dos alvos e até a sombra das bétulas de prata.

- Irá manter o sol de seus olhos, os pensamentos da multidão à distância, e os homens de lançar seus olhares para você. - Ele tirou a jaqueta e colocou em torno dela. - Não fuja com toda a minha moeda.

Ela agitou seus cílios para ele. - Ganhe a bolsa de prêmio, e eu vou fugir com você. - Quando ela se sentou, sentiu a runa saltar no bolso da saia, e levou-a para entregá-lo a ele. - Aqui, para ter sorte.

Ele se abaixou para beijá-la antes de enfiá-la no bolso. - Eu não preciso de sorte. Eu tenho você, amor.

Uma dúzia de homens entrou no campo com Evander e escolheu lanças de um barril de madeira alto. Do outro lado do campo, fardos de feno foram empilhados em fila contra a linha das árvores. Na parte da frente de cada fardo havia sido colocado um alvo feito de tecido pintado. Em vez dos

touros que Rachel esperava, os aldeões haviam pintado figuras grosseiras de homens de aparência demoníaca com olhos negros, pele branca e dentes pontiagudos. Os alvos pareciam exatamente com os mortos-vivos.

Rachel sentiu sua pele arrepiar quando desviou o olhar dos alvos e se concentrou em Evander, que agora segurava uma longa lança e ficava na linha de lançamento.

O homem corpulento marchou até a linha e ergueu as mãos até que todos se aquietassem.

- Um lance um homem na rodada. - ele gritou. - Vou servir como juiz nas três rodadas. Cabeça ou peito é um ponto. Olhos ou boca são cinco. Dez pontos para o pescoço do bastardo. - Ele sorriu quando a multidão explodiu em gargalhadas. - Se suas lanças forem para fora, falham ou perdem, vocês estão fora. Pronto para jogar agora, rapazes.

Evander e os outros homens ergueram as lanças e observaram os alvos.

- Vai! - o juiz gritou.

Rachel prendeu a respiração enquanto observava Evander lançar sua lança. Ele se moveu com tal graça e velocidade que fez seu coração apertar. Sua poderosa habilidade tornou-se imediatamente evidente quando sua lança se distanciou de todos os outros em um piscar de olhos. Algumas lanças caíram bem perto dos alvos, enquanto vários outros aterrissaram no lado do fardo ou passaram voando por ele. A lança de Evander atingiu seu alvo com tanta força que o jogou na árvore atrás dele.

O homem corpulento saiu para inspecionar os alvos. Seis homens foram julgados, enquanto a maioria dos outros foi premiada com um ou cinco pontos. A lança de Evander espetou sua figura na virilha, então ele ganhou dez. Rachel aplaudiu e bateu palmas enquanto o homem corpulento amarrava uma fita branca em volta do braço de Evander.

Os meninos correram para os alvos para recuperar as lanças e trazê-los de volta, enquanto dois homens tiveram que ser convocados para

remover a lança de Evander. Rachel esticou o pescoço para ver se a ponta ainda estava intacta.

- Aqui está você, puta. - Um braço magro ficou preso em torno de sua cintura por trás, e uma mão suja enfiou um pedaço de pano em sua boca. - Seus outros amantes esperam por você.

Rachel gritou através da mordaça, e se contorceu enquanto tentava se libertar, mas o homem arrastou-a para trás das bétulas e amarrou suas mãos e pés. Quando ele fez seus olhos se arregalarem. Ele era Parnal, o tropeiro que ela encontrou mentindo para a pastora. Envolveu-a em um pesado cobertor de lã que a cobria da cabeça aos pés, e então a içou em seu ombro. Seus odiosos e alegres pensamentos a golpeavam como porretes.

Você pode ouvir isso, sua puta de coração negro? Eu sei que você pode. Se fosse por minha escolha eu levaria você para fora na floresta e prende-la como uma ovelha para tosquia. Então eu bateria em você antes de te enlouquecer. É como o maligno nos espeta, eu acho. Eu usaria você como minha mina de ouro também.

Por mais que quisesse violá-la, Parnal queria a moeda prometida a ele mais. Ele tinha certeza de que os homens para quem ele a vendera faria muito pior para ela.

Rachel tentou ver para onde ele a levava, mas ficar de cabeça para baixo com a borda do cobertor sobre o rosto tornava impossível. A luz do sol ficou mais fina quando ele a levou para a floresta e seguiu uma trilha de terra dura. Quando a última luz se apagou, ele parou de repente e a jogou no chão.

O impacto arrancou o folego de Rachel, e então Parnal arrancou o cobertor e chutou-a para o lado enquanto um grupo de homens em mantos pesados os rodeava.

- A própria bruxa de mentirosa, Mestre. - O trotador recuou a bota para bater nela novamente e gritou de raiva quando um dos homens o arrastou de volta de Rachel. - Você deveria saber que ela me amaldiçoou. Eu

não tenho uma mulher espalhando suas coxas para mim desde que ela trabalhou sua magia suja em minha pobre alma.

Uma mão pálida empurrou uma pesada bolsa de moedas nas mãos de Parnal.

- Não diga nada disso para ninguém. - disse uma voz fria.

- Você me acha um bobo? - Disse o tropeiro. Ele empurrou as moedas em seu casaco e se agachou. - Lembre-se de Parnal. - disse ele para Rachel. - Quando eles estão roendo e chupando você, senhora, lembre-se que eu vos coloquei em suas mãos.

Ele tentou cuspir no rosto dela, mas Rachel empurrou a cabeça para o lado antes que ele pudesse. Um dos homens pálidos agarrou-o pelo pescoço e empurrou-o para longe dela.

Rachel se encolheu quando os pensamentos dos homens pálidos deslizaram em sua mente. Eles desejavam banquetear-se com ela afundando suas presas afiadas em sua pele macia e engolindo seu sangue quente e rico. Alguns imaginaram estuprá-la várias vezes enquanto a drenavam até a morte, enquanto os outros fantasiavam sobre encantá-la e mantê-la como uma escrava pessoal. Todos os seus desejos insidiosos permaneceram sob controle por uma ordem que continuava ecoando em suas fantasias: *Traga a fêmea mortal para o navio, mas não a machuque de qualquer maneira. Qualquer um que desobedecer será amarrado ao posto de punição e deixado para saudar o sol.*

O único homem que não pensava em violá-la era o mesmo que pagara a tropa. Em sua mente, Rachel viu o mar, infinito e eterno, e ouviu-o pensar: *Se a mulher diz a Quintus Seneca onde ele pode encontrar o castelo do altiplano, então acabaremos com os McDonnels e com a maldição. Nós podemos finalmente ir para casa.*

Aquele homem ficou em cima dela enquanto o resto dos homens pálidos desapareciam nas árvores. Eles voltaram pouco depois levando cavalos, um dos quais seu guarda montou. Dois dos outros desamarraram-

na e colocaram-na na frente da guarda, que tirou o chumaço de pano da boca. Rachel tossiu e amordaçou.

- Eu sou Optio Septus Lucanus. - disse o homem. - Eu estou no comando deste grupo. Estamos longe da feira, então gritar não trará ninguém para ajudá-la, Rachel Ingram. Nem você pode escapar de nós. - Ele apontou para as árvores. - Tente, e o menino morre de forma dolorosa e feia, enquanto você assiste.

Como ele descobriu o nome dela?

Rachel se virou para olhar quando outro homem pálido subiu a trilha para se juntar a eles, e quase gritou ao ver o corpinho flácido de Tris, o neto do cambalhota, pendurado sobre a sela.

- Você me entende? - Lucanus exigiu.

Ela engoliu a bílis e assentiu com a cabeça, e o optio empurrou o cavalo para um trote rápido, seguido pelo resto dos homens. Eles saíram da floresta e desceram para o mar, onde se dirigiram para o oeste ao longo da costa rochosa. Rachel continuou assistindo Tris, que felizmente não acordou durante a viagem, e manteve as costas rígidas para evitar tocar em Lucanus.

A curta jornada terminou quando eles passaram por três penhascos altos e erodidos e entraram em uma enseada escondida, onde vários pequenos barcos de remo foram arrastados para as rochas. Eles lançaram os barcos e, em seguida, carregaram-na e Tris para depositá-los no navio tripulado por Lucanus e dois de seus homens. Um puxou o menino para o colo e segurou uma lâmina no pescoço, enquanto o outro remava com o guarda. Rachel não viu onde eles estavam levando até que a lua saiu de trás das nuvens e iluminou a silhueta de um enorme navio negro. Esse tinha que ser o destino deles.

- Eu não vou tentar escapar, ou causar qualquer problema. - disse Rachel para Lucanus. - Por favor, leve o menino de volta para o avô dele.

- Não fale. - ele ordenou e deu-lhe um olhar estreito antes que ele considerasse a criança inconsciente.

Rachel viu arrependimento sobre as características severas do optio, e abriu sua mente para a dele. No começo, tudo o que ela sentiu foi sua fria e inabalável determinação, mas então uma breve lembrança de um menino rindo nos braços de uma mulher esbelta e bonita passou por seus pensamentos. Quando Lucanus navegou com a Nona Legião para a Britânia, ele havia deixado uma esposa e um filho em Roma. Enquanto eles morreram há muito tempo, ele ainda se lembrava do que era ser um marido, um pai e ter algo para proteger.

Eles finalmente chegaram ao navio negro, onde as escadas de corda foram baixadas para o lado. Lucanus gesticulou para que os outros dois mortos-vivos subissem e içou Tris por cima do ombro.

- Por favor. - Rachel sussurrou. - Ele é apenas um garotinho. Deixe-o ir.

- Vou pedir ao meu centurião se posso devolvê-lo à sua aldeia. - Ele deu a Rachel um olhar feroz. - Mas não diga mais nada dele, ou o Praefectus vai atormentar o garoto para obrigá-la. Eu o vi fazendo coisas terríveis para as crianças, Rachel Ingram. Agora suba.

Ela assentiu rapidamente e pegou a escada. Suas saias fizeram subir os degraus uma tarefa dificil, então ela foi lentamente, e assim que ela estava ao alcance da tripulação, eles pegaram seus braços e levantaram o resto do caminho.

- Leve-os para abaixo. - disse Lucanus, e entregou Tris para Rachel.

Rachel segurou o menino com força enquanto três guardas mortos-vivos a levavam através das tábuas rústicas até uma escotilha aberta. Lá, eles a levaram por vários trechos estreitos de passos estreitos até que ela entrou em um porão grande que fedia a suor, vômito e urina, e estava cheio de pessoas acorrentadas. Alguns estavam machucados, outros tinham roupas rasgadas, mas todos pareciam apavorados. Um guarda empurrou-a para um banco baixo e a acorrentou pelo tornozelo à mulher sardenta e ruiva ao lado dela.

Ninguém emitiu um som até que os sentinelas mortos-vivos saíram e trancaram a porta do porão do lado de fora. Uma vez que eles foram embora, no entanto, sussurros, murmúrios irados e soluços encheram o ar. Duas garotas que pareciam irmãs abraçaram-se enquanto choravam abertamente. Um grupo de homens tonsurados inclinou a cabeça e murmurou preces em latim.

Mesmo sem ler suas mentes, o medo e o desespero dos cativos sentiram-se saturados de Rachel, que tentou limpar a cabeça ao verificar Tris. Ele tinha uma pequena protuberância na testa e uma muito maior na base do crânio, mas sua respiração parecia normal. Ela tentou gentilmente acordá-lo, até que a mulher sardenta ao lado dela tocou seu braço.

- Deixe seu bebê dormir agora. - disse ela e acenou para a porta. - Se ele se assustar e chorar muito alto, eles virão espancá-lo sem sentido. Se isso acontecer, vamos amordaçá-lo.

- Meus agradecimentos pelo aviso, senhora. - disse Rachel, tomando o cuidado de usar um sotaque escocês. - Ele não é meu filho. Eles o levaram de seu avô em uma feira de aldeia.

- Och, o pobre rapazinho. Meu nome é Glenna. - Ela afastou um rosnado de seu cabelo ruivo e olhou para o rosto de Rachel. - Você não é uma moça das terras altas. Vós sois do sul, então?

Ela balançou a cabeça. - O Oeste. Sou Rachel. - Ela sentiu Tris tremer e segurou-o mais perto dela, pela primeira vez ciente de quão frio e úmido estava o aperto. - Onde eles estão nos levando? Eles te contaram?

- Nós vamos para a nossa morte, sua vaca boba. - disse uma voz masculina atrás dela.

- Segure sua língua, sua bunda estúpida. - disse Glenna. Ela franziu o cenho para ele por cima do ombro antes de tirar o xale e colocá-lo em volta de Tris. - Lá, isso vai aquecê-lo. Nós não sabemos onde devemos ir. Eles nos atacam se nos atrevermos a perguntar qualquer coisa.

As horas se arrastaram quando Rachel esperou e observou a porta. Glenna disse a ela como ela havia sido sequestrada enquanto voltava tarde para casa das docas onde trabalhava com seu marido peixeiro. Ele saiu cedo para fazer uma entrega.

- Eu disse ao meu Donald, se eu andasse sozinha no escuro eles viriam para mim, mas ele escutou? E agora aqui estou eu. - Glenna esfregou os braços. - Pelo menos ele terá que escalar todo o seu próprio peixe agora.

Ela meio que ouviu a outra mulher, mas Rachel não conseguia parar de pensar em Evander, e o que ele faria quando a encontrasse desaparecida da feira. Ele tinha que saber que ela não iria vagar por conta própria, e ele era um excelente caçador. Ele faria tudo o que pudesse para encontrá-la, mas se o navio partisse, o mesmo aconteceria com toda a esperança de que ele o fizesse. Ela sabia de uma coisa: preferia morrer a contar ao Tribune morto-vivo qualquer coisa sobre Evander, seu clã ou Dun Aran.

Isso não pode ser o fim de nós, pensou Rachel, suas mãos se fechando em punhos apertados. Ela teve que fazer algo para sair do navio e voltar para seu amante. Saltar e nadar para a praia não funcionaria. Ela congelaria na água gelada ou seria arrastada por suas saias. Esconder-se em algum lugar poderia comprar algum tempo, se ela pudesse sair de seus grilhões.

Ela se abaixou para sentir o manguito em volta do tornozelo, que tinha sido esculpido em madeira e tinha um laço de metal. Ela foi capaz de contorcer o alfinete segurando-o na corrente unindo suas algemas ao de Glenna, e apertou seu braço ao redor de Tris enquanto usava sua mão livre para empurrar o topo de sua bota na esperança de levantar o pé.

A mulher sardenta a cutucou. - Nem pense nisso, moça. - disse ela em voz baixa. - Se eles acharem que você escapou das correntes, eles te levarão em seguida.

- Levar-me para onde? - Rachel perguntou.

Todos ao seu redor ficaram em silêncio e imóveis, enquanto a madeira raspava e a porta do porão se abria. Seis guardas mortos-vivos entraram,

inspecionando abertamente os rostos dos cativos encolhidos. As duas jovens irmãs foram desencadeadas e arrastadas de seus bancos, assim como duas outras mulheres e dois dos monges. Então Lucanus entrou e veio para Rachel.

Quando ele a soltou, ela passou Tris para Glenna. - Cuide dele por mim.

A outra mulher tinha empalidecido tanto que suas sardas pareciam quase negras, mas ela agarrou o menino contra os seios e assentiu rapidamente.

Lucanus segurou o braço de Rachel enquanto ele a levava para o convés, mas lá a separou dos outros cativos e a puxou para o arco. Enquanto as mulheres atrás dela gritavam e imploravam por suas vidas, Rachel se virou, apenas para ser empurrada de volta para enfrentar o optio.

- Meus homens devem se alimentar Rachel Ingram, e você é uma tentação demais para eles. - ele disse a ela. - Fique aqui, e eu vou guardar você até que eles terminem.

Ela teve um vislumbre de uma irmã sendo presa ao convés por três mortos-vivos rosnando, que estavam rasgando seu corpete.

- Eles não estão apenas se alimentando, não? - Rachel disse. - Você não pode controlá-los? - Ela congelou quando o Optio agarrou sua mandíbula em um aperto doloroso. - Oh, é isso que você planejou para mim, Optio? Ou seu Tribune fará as honras?

- Quintus Seneca não o quer pelo seu rosto adorável, e eu não me importo de receber o sol. - Lucanus a soltou, mas se aproximou dela, os olhos dele brilhando com o luar. - Diga ao Tribune o que ele deseja saber e eu farei de você minha escrava. Você estaria protegida, Rachel Ingram. Nenhum outro usaria seu corpo ou beberia de suas veias.

Mais uma vez, ela não sentiu nenhum desejo dele, apenas um vazio terrível e solitário que ele esperava poder preencher.

- Eu estou lisonjeada, Optio. - Rachel disse enquanto investigava suas memórias e miséria. - Mas você acha que Darius ficaria orgulhoso de seu pai por escravizar e estuprar uma mulher? Petronia iria?

Sua expressão se encheu de fúria gelada, e ele bateu suas costas contra o casco interno e a segurou lá pela garganta.

- Você se atreve a falar de minha esposa e filho para mim? Você não é nada, mas... - Ele parou e sua expressão mudou de indignação para confusão. - Como você poderia saber seus nomes?

- Eu sei muito sobre você. - disse Rachel. - Você já foi um homem muito decente. Um bom marido e um pai dedicado. Você se juntou à Legião para ganhar o dinheiro que sua família precisava para comprar terras no país. Sua mão caiu do pescoço dela, mas ela continuou. - Você ia construir uma casa lá para Petronia e ensinar Darius como treinar cavalos.

Lucanus recuou vários passos. - Não fale deles, Rachel Ingram.

- Por que não? Eles eram sua família. É por isso que você mandou para casa a maior parte do seu pagamento, e todos os despojos que você dividiu. Petronia estava guardando para quando você retornasse. Você teve um sonho maravilhoso uma vez, Optio. - Rachel se aproximou dele. - Mas você esqueceu o que é ser humano, e ter esperança. - Ela acenou para as mulheres que estavam sendo despidas agora. - Todas elas pertencem a alguém. Como Darius e Petronia eram seus. Você quer que isso seja feito para sua esposa? Para o seu filho?

Ele parecia como se quisesse rasgar o rosto dela com os dentes, e então seus olhos perderam o brilho letal.

- Eu fui um bom homem, há muito tempo atrás.

Ele olhou para o leste, e então se virou e caminhou até onde seus homens estavam se preparando para estuprar as jovens irmãs.

- Esperem. - Lucanus gritou. Todos os mortos-vivos congelaram. - Você se alimentou. É suficiente. Leve-os para abaixo.

Capítulo Vinte

Diana foi até Kinley, que estava visitando Lady Gordon e seu filho, e depois desceu para se juntar aos guardas de Lachlan, Raen e McDonnel, que estavam se encontrando com Laird Gordon em seu grande salão. Ela ainda se irritava com o fato de não ter conseguido uma resposta direta de Eamus ou seu marido, mas o policial nela não pararia até ter algumas respostas.

No corredor, os guardas de Gordon flanqueavam dois homens de aparência desalinhada acorrentados, que cheiravam a algas velhas e ficavam com os ombros curvados diante de Lachlan e Gordon. Ao dirigir-se ao marido, ela viu os olhares escandalizados das calças e da túnica que usava e sorriu um pouco. Ela nunca se cansou de sacudir os sempre escandinavos mortais escoceses.

- Estes dois foram apenas trazidos. - Raen murmurou para ela. - Eles contaram uma história que nem eu consigo entender.

- Deixe-me entender isso. - o Laird estava dizendo para Gordon enquanto olhava para os homens. - Vocês, livre-cambistas, afirmam que viram um navio negreiro atacando um barco mercante, embarcando nele e, em seguida, navegando para longe, sem nada levado e sem gargantas cortadas. No entanto, o capitão comerciante não relatou tal ataque. Nenhum traficante foi visto na costa norte. Temos apenas a palavra de vocês honestos e dignos de confiança de que isso aconteceu.

Raen pigarreou. – Acha que eles trouxeram algo para esconder nas praias antes de zarpar?

- Talvez. - disse Diana, enquanto estudava os rostos suados e assustados dos contrabandistas e sentiu um formigamento em seu sexto sentido de perturbação. - Eles parecem mais com bebedores de uísque para mim. Provavelmente trouxe sua própria bebida para a viagem, meu senhor.

- Ela sorriu para eles. - Pergunto-me porque eles estão transportando vinho não tributado. Isso não é ilegal?

- Não, terrivelmente, senhora. - disse Gordon.

Ele olhou para o contrabandista mais velho, que estava olhando para Diana.

- O que é isso, cara? - Disse Gordon.

- A moça usa roupas masculinas. - o contrabandista murmurou. – Isso não é natural. Será ela uma bruxa?

- Não, desculpe. - disse Diana e pairou sobre ele. - Eu sou uma policial. Isso significa que se você der um passo duro para os Lairds, eu vou lhe dar um soco. - Ela o observou se encolher ao ver seu camarada mais novo, que parecia mais querer compartilhar. Ela mudou para o modo bom-policial. - Tudo bem. Conte-nos mais sobre este navio escravista. O que isso se parece?

- Era preto como salsicha de sangue de ganso, senhora. - disse ele ansiosamente. - Foram pintados com piche e encaixados em velas tingidas. Como o barco de um demônio era a minha ideia, a primeira vez que eu o vi. Não havia uma lanterna acesa sobre ele, tampouco.

Raen balançou a cabeça escura desgrenhada. - Os atacantes navegam sem luzes e o lançamento do casco inferior evita vazamentos.

- Não era apenas isso, Mestre. - disse o mais jovem contrabandista. - O escravagista a lançou de proa a popa, e ela não tinha vigias altas. Dois dias depois ela largou âncora do lado de fora da nossa enseada, barrando o nosso caminho, então nós remontamos parte do caminho para ter uma melhor visão dela. Nós não poderíamos ver a carga, pois cada centímetro dela foi embarcada.

Lachlan congelou. - A camuflagem que você diz. Madeira pregada nas vigias?

- Sim, milord e todas as outras oportunidades que pudéssemos espionar. Eu disse a Brenan que não estavam certos, mantendo aquelas *trajes* miseráveis acorrentadas sob o convés, sem luz nem ar fresco. - O homem mais jovem deu a Gordon um olhar aguçado. - Foi por isso que nos dirigimos diretamente a você, milord, sem noção de recompensa.

- Este país tem criminosos tão íntimos. - disse Diana ao olhar para o marido. - Os mortos-vivos usando navios explicariam porque estamos vendo apenas pequenas patrulhas em terra. O resto deles pode estar andando por aí com esses barcos leves.

- Você quer dizer que eles não são 'traficantes de escravos'? - O homem mais jovem ficou excitado. - Eles são os novos invasores do leste, ou os Sassenachs, empenhados em escravizar-nos?

- Precisamos encontrar esse navio negro. - Diana disse a ele. - Que direção eles navegaram da sua enseada?

- Não sei. - disse o mais velho contrabandista. - É como eu lhe disse senhora. Eles ficaram ancorados lá dois dias agora. - Ele examinou seus rostos. - O barco de merda ainda está em nossa enseada.

- As tripulações de mortos-vivos não podem navegar durante o dia. - Raen murmurou para Lachlan, que assentiu. - Mas por que eles esperariam?

- Eles não estão desistindo. - adivinhou Diana. - Eles estão pegando.

- Isso vai ser tudo, obrigado. - disse Gordon e gesticulou para seus guardas, que rapidamente removeram os dois contrabandistas. Para Lachlan, ele disse: - Ermindale tinha a maior parte do tráfico de escravos do norte antes de o Rei declarar que era ilegal. Ele tinha uma boa frota de escravos para arrancar. O barco poderia ser um dos seus.

Diana observou o Laird caminhar até um mapa na parede de Gordon, que mostrava os portos e enseadas da costa norte.

- Depois da batalha na propriedade do marquês. - disse ela a Raen - O clã encontrou os corpos da família inteira de Ermindale, assassinados no solar. Mas o Laird não estava entre eles.

- Nós assumimos que ele foi levado em cativeiro pela Legião. - Seu marido a lembrou, e então perdeu o sorriso. - O que é isso?

Diana levantou um dedo. - Um homem velho como Ermindale não teria durado muito tempo como um banco de sangue de duas pernas. - Ela levantou outro. - A Legião é de infantaria e cavalaria, não de marinha. - Ela acrescentou um terceiro dedo. - A Legião sabia exatamente que nobres deveriam sequestrar para pressionar os homens do Rei e, no entanto, eles nunca tentaram seqüestrá-los antes de tomarem posse da propriedade do marquês.

Suas sobrancelhas se uniram. - Você acredita que um nobre como Ermindale ajudou a Legião?

- Acho que ele era um idiota vingativo e traiçoeiro, então é bom. - a admitiu. - De acordo com todo mundo, ele também era muito antigo. Imagine se ele oferecesse a Quintus Seneca um bom negócio. Digamos, um monte de escravos para se transformar em tropas novas, além de todos aqueles navios que ninguém suspeitaria que eles usassem, em troca da imortalidade.

Raen tocou a testa dele com a dela. - Você é uma moça verdadeiramente sagaz.

Diana foi e repetiu sua teoria para os Lairds e, embora a princípio Lachlan parecesse cético, Gordon imediatamente agarrou-se a ela.

- Minha esposa e a filha mais nova de Ermindale freqüentaram a mesma escola do convento. - disse o jovem Laird. - Antes de morrer, ela escreveu para Lady Gordon e disse que seu pai havia adoecido com podridão intestinal. Ele não teria vivido por um mês.

Diana olhou para o guarda-costas de Gordon, que estava de pé atrás de seu Laird e observava a sala. Ele estava sorrindo, como se estivesse

orgulhoso de seu mestre, e então ela soube por que Raen queria jurar que ela estava em segredo. Mas ela teve que colocar esse pensamento de lado.

- Se nós empacotarmos o navio negro esta noite, meu senhor. - disse Diana. - Aposto que descobriremos porque estão atacando os mercadores. Com um pouco de sorte, podemos até aprender se a Legião tem uma nova fortaleza.

- Em algum lugar acessível apenas pela água, vou apostar. - disse Gordon. Enquanto todos olhavam para ele, ele sorriu fracamente. - Seria o que eu faria.

- Você tem uma mente ameaçadora por trás desse rosto bonito, rapaz. - disse Lachlan e olhou para o mapa por um longo momento. - O que quer que venha disso, eu não vou deixar ele navegar de novo. Uma vez que aprendemos porque ela está ancorada, pegamos o navio antes que ela possa navegar. Nós vamos descobrir o que podemos da tripulação, e depois tocá-la.

Embora Kinley decidisse ficar com os Gordons, Lachlan acompanhou Diana e Raen quando saíram da fortaleza. O Laird assumiu a liderança e andou um pouco à frente deles.

Diana puxou a manga do marido.

- Ei, vamos tirar todos os mortais que encontramos no navio antes de incendiá-lo, certo?

- Sim, se algum sobreviver. - disse Raen. - Eles serão aprisionados embaixo do convés com os mortos-vivos. Uma vez que a Legião acorda, eles se alimentam deles o mais rápido que podem. O sangue os torna mais fortes.

- Oh, não. - Diana sentiu o estômago doer. - Você quer dizer ...

Ele assentiu. - Se nós acordarmos a Legião antes que possamos chegar ao convés, eles vão secá-los.

Capítulo Vinte e Um

O juiz estava andando pelas as linhas de com grande dignidade antes que ele voltasse para ficar na frente de Evander e os outros dois homens restantes na competição.

- Cinco pontos para Geordie Larson por um olho direito. - disse ele e amarrou uma fita amarela na manga do homem. - Um ponto para Macken Trilby para um sucesso no intestino, o que não é uma grande surpresa para aqueles que bebem com ele. - Ele apresentou Macken com a fita vermelha amarrada em torno de uma garrafa de cerveja, o que fez a platéia rir.

Ele então considerou Evander. - Vi a minha parte de lanceiros, senhor, quando servi na infantaria do rei. Não tenho a menor dúvida de que você é o melhor que já jogou diante desses olhos. - Ele amarrou a fita azul vencedora do concurso em sua manga. - Dez pontos para Mestre Caçador por um terceiro no pau.

Evander sempre foi um guerreiro orgulhoso, ciente de seus talentos de batalha, mas neste momento ele se sentia mais como o jovem garoto mortal que ele tinha sido uma vez. Naquele tempo distante, tudo o que ele sempre quis foi praticar seus lances na floresta. Ele adorava a beleza simples da lança e continuara até que pudesse jogar mais rápido, mais longo e melhor do que os caçadores mais experientes de sua tribo. Isso tinha sido muito antes de seu dia de escolha, então apenas sua determinação juvenil o havia impulsionado. A satisfação de dominar a arma mais antiga de Pritani fez com que ele se sentisse forte e habilidoso.

Rachel o fez sentir o mesmo. Ele uma vez esperava que ele pudesse ser apenas um homem com Rachel. Agora, graças ao amor dela, ele havia se tornado mais. Ele se encontrou novamente.

Enviar a mensagem enquanto ela estava jogando o jogo de pedras tinha sido um risco, especialmente agora que Evander sabia que sua amante poderia ler sua mente, mas ele não podia levar Rachel aos druidas pela manhã. Ele nunca poderia deixá-la ir agora. De alguma forma ele tinha que fazer as pazes com seu clã, e encontrar um caminho para os dois ficarem juntos.

A multidão surgiu ao redor dos três homens, parabenizando-os com tapas nas costas e ombros, e gritando abraços de duas orgulhosas esposas. Evander olhou por cima das cabeças dos aldeões para Rachel, mas não viu nenhum sinal dela. Seu olhar se deslocou para as bétulas onde ele a deixara, mas apenas o paletó jazia no chão.

Talvez ela precisasse da privada. Ele pensou, mas lembrou-se de que ela tinha ido à necessidade logo depois de terem comido.

Evander começou a se afastar da multidão quando o juiz entrou em seu caminho.

- Não fique sem o seu prêmio. - disse o homem corpulento, apresentando-lhe um pacote de lanças de caça finamente feitas e franzindo a testa. - O que o aflige, rapaz?

- Minha esposa desapareceu. - disse ele e rapidamente apertou o antebraço do homem. - Eu agradeço pelas lanças, mas preciso encontrá-la agora.

- Vá com os deuses. - disse o juiz, e saiu do caminho.

Evander acrescentou as lanças de prêmio às suas costas, e correu até as bétulas, onde pegou a jaqueta e olhou ao redor. Atrás das árvores, ele encontrou um pedaço de grama machucada e terra batida, e de lá pegaram trilhas que levavam à floresta.

Ele parou na linha das árvores, onde encontrou fios de longos cabelos negros presos em galhos de carvalho. Rachel sabia que era melhor não andar em bosques estranhos e os rastros dos vidoeiros eram muito maiores que os dela. Quando a luz do sol se desvaneceu, Evander se virou, correndo para o

cercado de cavalos, onde recuperou o seu roan e pagou aos rapazes para ficarem estáveis e cinzentos durante a noite.

- Para iluminar seu caminho, Mestre. - um deles disse e ergueu uma tocha flamejante para ele. –Você não deveria sair depois do anoitecer. Os bebedores de sangue vão te pegar.

Os mortais frequentemente davam tais avisos, mas Evander via medo real nos olhos do rapaz.

- Eles foram vistos perto da aldeia?

- Sim. - disse o rapaz e apontou para a floresta. - Ontem à noite, minha irmã viu um passeando vindo das árvores para pegar um tropeiro. Ele escapou depois, mas isso não significa que você vai.

Evander ouvira falar do condescendente que perseguia uma das pastoras. Ela passava com o rebanho perto do chalé de Evander e Rachel. Ele jogou uma moeda extra para o menino.

- Meus agradecimentos, rapaz.

O Roan voou através do verde e na floresta, onde Evander o controlou enquanto segurava a tocha e procurava sinais de passagem recente. Os distúrbios que ele viu no mato e sobre o chão de floresta acarpetado de musgo levaram-no a um pedaço de terra com as pegadas de vários homens e seus cavalos. Ele desmontou e se agachou no chão, onde parecia haver um pequeno corpo. Ele se inclinou para cheirar o solo e sentiu o cheiro de Rachel. Ele peneirou as folhas mortas até encontrar um pedaço rasgado de fita e uma concha quebrada.

- Então meu nariz não me engana. Ah, Rachel, amor, estou chegando. - Ele fechou a mão sobre os pedaços e moveu sua tocha para examinar as pegadas, que mostravam um padrão de marcas de unhas que ele conhecia muito bem. – Fodidos bastardos...

Os homens que tinham Rachel usavam *caligae,* as botas de marcha da Nona Legião.

Evander montou o roan, e fez um circuito do chão até que encontrou o rastro deixado pelos cavalos dos mortos-vivos. Isso o levou para fora da floresta e para a praia, onde os trilhos desapareceram nas rochas. Se ele fosse para o leste, ele só voltaria para a aldeia, e se essa fosse sua intenção, o não-morto nunca teria tirado Rachel dela.

O oeste, ele viu a linha costeira se afastar e desaparecer atrás de três colunas de rocha escura, em forma de gigantescas pontas de lança empurradas para a praia pelos deuses. Evander soltou um suspiro quando sua tinta queimou seu peito. Seu espírito de guerra veio completamente, flagrantemente acordado nele. Mas isso não o inundou de fúria sem fim ou o estimulou a galopar diretamente em uma batalha contra os mortos-vivos. Parecia estar puxando-o para o chão, então ele saiu do roan e amarrou-o a uma árvore antes de começar a descer em direção às colunas do mar.

Mantendo-se em que sombras havia, Evander tirou duas das lanças de caça de prêmio de suas costas e as manteve prontas enquanto se aproximava da rocha que pairava sobre sua cabeça. Além deles, vislumbrou uma enseada isolada, onde uma dúzia de cavalos havia sido deixada para pastar, mas nenhum sinal do não morto ou de Rachel. Ele se colocou entre as colunas imponentes e parou, usando a rocha como cobertura enquanto inspecionava a enseada inteira, e notou as marcas deixadas pelas barquetas que foram arrastadas para o mar. Saindo da rocha, ele olhou para a água e viu os contornos de um navio negro sem luzes.

- Usando barcos, agora, não é? - Ele murmurou, aproximando-se da beira da água.

Levaria apenas um momento para se relacionar com o oceano e fluir para o navio, onde ele poderia abordá-la com discrição e descobrir onde haviam aprisionado seu amante. Então, quando ele chegasse a ela, ele...

- Bem, agora. - disse uma voz familiar. Uma lâmina fina e afiada apareceu embaixo do nariz e caiu para pressionar o queixo. - Quanto tempo tem sido Evander?

Sangue escorria por sua garganta quando ele estremeceu a voz atordoando-o tanto que ele não conseguiu falar até que a lâmina cavou mais fundo.

- Mas eu matei você.

- Quase. - disse Tharaen Aber categoricamente. - Ande comigo agora, ou você estará falando em volta da minha adaga.

O guarda-costas do Laird o puxou de volta para trás das colunas do mar e marchou para uma caverna de maré. Lá dentro estava Lachlan McDonnel e um grande bando de guerra vigiando o navio.

- Mais barquetas vindo, meu senhor. - disse Fergus Uthar, e apontou para um aglomerado se aproximando do sul. - Talvez mortais.

O Laird mal deu um olhar a Evander enquanto entregava uma tocha a Neacal Uthar.

- Vou mandar os batedores para chama-los de volta. - disse Lachlan. - Fique de olho e espere até Evander e eu voltar.

Evander ficou em silêncio enquanto uma mulher muito alta e bonita vestida como um homem se aproximava dele e pegou a lâmina de Aber para segurá-la enquanto o guarda-costas aceitava alguma corda de um membro do clã.

- Oi. - a mulher disse, seu sotaque parecia estranhamente com o de Rachel. - Eu sou Diana Aber, a esposa de Raen. Você deve ser Evander Talorc, o cara que todo mundo quer morto. Incluindo eu, caso você esteja pensando em fazer uma jogada.

Ele viu uma marca irregular na palma da mão que combinava com a pele de Aber, confirmando que ela havia sido escolhida como companheira pelo espírito do guarda-costas.

- Muito aconteceu desde que deixei Dun Aran. - disse Evander.

- Cale a boca. - ela disse agraDavidlmente. - Mova um músculo, faça um som, ou respire forte em mim, e eu vou fazer o clã inteiro muito feliz. - Ela inclinou a cabeça para o lado para falar com Raen. - Realmente, eu sou da tribo dele? Eu não estou vendo isso. Quero dizer, somos os dois altos, mas ele tem uma cara de idiota. Espere. Eu pareço assim e você nunca me contou?

- Não, amor. - disse seu marido, seu tom um pouco mais suave agora, enquanto ele despojava Evander de suas armas, e amarrava seus pulsos juntos com força. - O cabelo.

Diana puxou o capuz de Evander, olhou para a cabeça dele e franziu o cenho. - Tudo bem, mas o meu caminho, muito mais bonita. - Ela olhou em seus olhos, e apertou ainda mais a adaga enquanto se movia em mais um centímetro. - Oh, isso é um movimento que vejo chegando? Acha que estou distraída, conversando com meu Big Man?

Ele podia ver o Talorc em seus olhos agora. - Não.

- Bom. - ela disse e mostrou seus lindos dentes brancos. Então ela se inclinou como se quisesse morder o nariz dele. - Porque não estou distraída. Nunca.

A ameaça que ela apresentava desapareceu quando Evander considerou o que sua presença significava. Três mulheres haviam passado do futuro, todas de San Diego. Não poderia ser por acaso.

- Onde está Kinley Chandler? - Ele perguntou.

- É Kinley McDonnel, a esposa do Laird para você. - disse Diana. - E não é da sua conta.

Ele queria perguntar a ambos se eles conheciam Rachel, mas as sombras começaram a encher a caverna. O grupo de guerra deu lugar a um grande grupo de druidas liderados por Cailean Lusk e Bhaltair Flen, que vieram cercar Raen, Diana e Evander. Além deles, Evander podia ver membros do clã ajudando as pessoas mágicas a arrastar seus barcos para fora da água.

- Mestre Flen, Ovate Lusk. - disse Raen. Tirou a adaga da esposa, tirou-a do pescoço de Evander e empurrou-o de joelhos. - Quem convocou você aqui?

- Ele fez. - disse Cailean e acenou para Evander. - Ele enviou uma mensagem por ave de uma feira da aldeia não muito longe daqui. Foi preciso pouco esforço para rastreá-lo.

Bhaltair Flen se aproximou de Evander, seus cabelos parecendo um halo pálido ao redor de seu rosto rechonchudo.

- Já faz um bom tempo, Mestre Talorc. Assim que você quebrou seu voto de entregar a Mestra Ingram, nos sentimos obrigados a resgatá-la de você. Onde ela está?

- A Legião a tem. - disse ele e acenou com a cabeça em direção ao navio negro. - No barco.

- Você a entregou para os mortos-vivos? - O velho druida exclamou. Ele levantou o braço, quando seu punho começou a brilhar. - Será a última das suas traições.

- Desligue a luz da noite, vovô. - disse Diana, agarrou o braço de Bhaltair e baixou-o. - Podemos baixar a barreira mais tarde. Não queremos que os bandidos descubram que estamos aqui.

- A Legião roubou-a de mim na feira. - Evander disse ao velho. - Eu tenho tentado proteger...

Uma bota enorme encheu seu rosto e o chutou para o lado dele. Tormod Liefson apareceu sobre ele, as mãos cerradas e a expressão cheia de nojo.

- Seoc se foi. A vergonha que você trouxe para ele era tão grande que ele não podia suportá-lo. Ele se entregou à Legião em batalha. - O nórdico se inclinou. - É pelo sofrimento que você causou a ele que eu vou acabar com você, e eu não vou me apressar, seu minhinho covarde.

Cailean avançou. - Mestre Liefson, não recorra à violência.

- Eu não fui sempre um criador de mapas, Ovate. - disse Tormod. Seus olhos pálidos brilharam quando ele considerou Evander. - Também não esqueci como nós viking lidamos com traidores.

Evander conseguiu levantar-se de joelhos e olhou para os rostos que o encaravam. Ficou doente ao pensar em Seoc morto, mas sendo mantido em tal desprezo pelo clã, roído tão profundamente em suas entranhas. Pela primeira vez, Evander viu o que havia perdido quando fugiu com Fiona. Poucos dos McDonnels tinham se importado muito com ele quando ele servia como Seneschal do Laird, mas eles eram sua família. Morrer poderia ser a única maneira que ele poderia fazer as pazes, mas antes que ele enfrentasse as consequências, ele teria que fazer o que pudesse para salvar sua dama.

- A senhora do bosque chama-se Rachel Ingram. - disse ele a Bhaltair. - Ela é uma espécie de druida, com um dom poderoso. Eu vim aqui para levá-la de volta dos mortos-vivos. - Ele viu Lachlan entrar na caverna e desviou o olhar para Diana. - Liberte-me e eu vou. Por favor, eu te imploro.

- Implorar é bom. Nós gostamos de implorar. - A mulher alta se agachou na frente dele. - Vamos ouvir mais sobre a capacidade de Rachel. O que exatamente ela pode fazer?

- Ela pode ouvir pensamentos, ver memórias e aprender qualquer segredo escondido na mente. Ela pode ler qualquer um. - Ele apoiou os ombros na parede da caverna. - Desde que ela se tornou minha companheira, ela viu tudo na minha cabeça.

Ela recuou. - Seu filho da puta doente. Você está *dormindo* com ela?

- Ela abraçou a escolha de bom grado. - Pela primeira vez ele deixou suas emoções mostrarem quando ele olhou para o punho de Diana. - Eu vi a marca de Aber em sua palma. Você se acasalou então você sabe que é mais do que fingir. É amor.

- Sim, eu entendo. - Algumas das linhas em torno de sua boca se afastaram. - Eles a agarraram por causa de seu poder, ou para chegar até você?

- Eu não posso te dizer. Eles me viram tirá-la do bosque e, de alguma forma, nos localizaram aqui. - Ele baixou a voz. - Se eu puder falar com o Laird, senhora Aber, sei como salvá-la.

- Senhora Aber me faz pensar que estou me tornando com meu marido. Me chame de Diana. - Ela olhou para Raen, que assentiu. - Meu senhor. - ela gritou. - Você deveria ouvir o que ele tem a dizer.

Os McDonnals se moveram para o lado quando Lachlan chegou e empurrou Evander para cima de seus pés. Em seus olhos escuros estava tão ferido quanto a raiva.

- Conte-me.

- Eu sei que minha sentença é a morte. Em minha honra, ofereço-lhe a minha vida, de bom grado, se me der a oportunidade de tirar Rachel do navio negro. - Ele viu a expressão do Laird escurecer. - Ela não sabe nada de você nem do clã, nem nenhum de vocês, mas estamos acasalados. Ela me ama. Quando estou perto, ela vai ouvir meus pensamentos. Vou dizer para ela pular no mar, nos meus braços.

Lachlan o soltou. - A senhora confia tanto em você?

- Sim. Uma vez que eu a tenha, vou me levar apenas mais um momento para vir para a praia e trazê-la para você. - Quando Lachlan não respondeu, ele disse: - Se não - para mim, então pelo o clã. Ela tem a capacidade de ver em qualquer mente. Não tenho dúvidas de que ela tem todo o meu conhecimento de Dun Aran.

As narinas do Laird queimaram. - Neac. Venha aqui.

O chefe apareceu ao lado dele e sacou o machado de duas cabeças.

- Permita-me o prazer de decapitar este vira-casaca, meu senhor. Seria um grande favor.

Um dos homens do clã de guarda correu para a caverna e foi diretamente para Lachlan.

- Meu senhor, avistamos outro navio negro se aproximando.

Lachlan gesticulou para Raen. - Liberte-o. Cailean, uma palavra.

O guarda-costas puxou uma adaga, hesitando enquanto olhava para a garganta manchada de sangue de Evander, e então pisou atrás dele e cortou a corda.

- Nós não estamos acabados. - Raen murmurou.

Evander assentiu com a cabeça e acompanhou o Laird, o chefe e o druida para fora da caverna e para as colunas do mar, onde viu a forma distante do segundo navio negro indo diretamente para o primeiro.

- Ela é uma moça valente, meu senhor. - disse Evander. - Ela não vai dizer a eles sobre Dun Aran.

- Quando eles a escravizarem... - disse Neac. - Ela os levará aos nossos portões da frente. - Ele então lhe disse em termos concisos sobre como os mortos-vivos haviam descoberto como transformar vítimas mortais em escravos devotos que fariam qualquer coisa, até mesmo matar, para eles. - Nós não sabemos como eles fazem isso, mas a única maneira de quebrar o controle é acabar com o mestre morto-vivo. A menos que percebamos que todos os prisioneiros mortais são considerados aliados mortos-vivos. Como você, Talorc.

- Eu nunca ajudei a Legião. - disse Evander enquanto ele se esquivava do enorme punho de Neac e saía de seu alcance. – Eu não ajudar, mas peguei Fiona. Vivemos ao longo das terras altas aqui, onde ninguém poderia nos encontrar, até que ela...

- Chefe Uthar, por favor. - disse Cailean. Quando Neac chegou a Evander, o druida se interpôs entre eles. - Deixe o homem ter sua palavra. É o último que ele vai dizer.

- Fiona morreu de varíola. Eu a enterrei no bosque. - Evander olhou para Lachlan. - Foi por isso que aconteceu. Eu fui lá muitas vezes para visitar seu túmulo. Naquela noite, encontrei Rachel arranhando o caminho dela. De alguma forma eles mudaram de lugar, mas Rachel ainda estava viva quando foi colocada no chão.

Todos os três homens trocaram olhares longos.

- Nós pensamos muito. - disse o Laird. - Raen encontrou seu broquel.

Ele queria poder explicar mais, mas sabia que a cada momento que ele atrasasse Rachel poderia estar sofrendo todos os tipos de horrores.

- Está feito. - disse ele e acenou em direção ao navio ancorado. - Posso ir ter com ela?

- Não, sozinho. - disse Lachlan. - Você levará os barcos dos druidas para o navio. Ninguém usará a ligação de água. Cailean vamos precisar de você e do seu para ir primeiro, e criar uma distração para que Evander e os homens se aproximem sem aviso prévio e tentem o esquema dele. Se não tiver sucesso, o bando de guerra abordará e atacará a tripulação.

Neac olhou o horizonte. - Seria melhor esperar até o amanhecer para uma greve de embarque.

- Eles não estarão esperando o ataque. - disse o Laird. - Qualquer um dos dois navios pode ancorar sempre que quiser e navegar no escuro. Deve ser agora. - Ele fez uma pausa e olhou para cada um deles. - Eu quero um momento a sós com Evander.

Neac não parecia feliz, e Cailean pareceu um pouco alarmado, mas juntos se arrastaram de volta para a caverna.

- Os navios são pretos porque foram pintados com piche. - disse Lachlan. - Provavelmente fizeram isso para evitar serem avistados pelos mercadores que atacam e selaram os conveses superiores contra a luz do sol. Foi um erro tolo, mas eles nunca lutaram no mar. Eles não sabem o motivo pelo qual Pritani nunca armou nossos barcos.

Evander olhou para o navio ancorado. - Eles sempre lutaram em terra.

- Sim. - disse Lachlan e pegou uma bolsa bem costurada de seu cinto, e entregou a ele. - Você se lembra do que os vikings fizeram durante o cerco de Paris?

Evander verificou o conteúdo antes de amarrá-lo ao cinto. - Eu cuidarei disso, meu senhor, assim que eu tiver minha dama segura.

- Você vai entregá-la para Cailean, rapaz. - disse o Laird. - Pois você não vai voltar com ela. Isso é o que você vai fazer.

Capítulo Vinte e Dois

Rachael assistiu Lucanus caminhar ao longo do lado do navio como um felino enjaulado, seus pensamentos se tornando mais selvagemente impacientes a cada minuto. Depois de parar os estupros, ele a manteve com ele, amarrando as mãos e empurrando-a para se sentar em um espaço entre dois barris de água. O fedor da densa tinta preta que usaram em tudo lhe dava uma dor de cabeça baixa, e ela estava com tanta sede que queria enfiar a cabeça em um dos barris.

Alguns tripulantes mortos-vivos permaneceram no convés, mas nenhum deles prestou atenção a ela enquanto permaneciam de guarda em várias posições. Seus pensamentos só aumentaram sua miséria geral.

O Optio é muito suave nos cativos. Aquela guarda imaginou-se espancando as mulheres até que seus ossos se quebrassem. *Eu não seria.*

Outro reviveu os estupros do passado enquanto alternava com repetições sombrias de *Nós sempre fodemos os novos quando nos alimentamos.*

O vento da noite fria gradualmente caiu em uma brisa gelada, mas o ar ficou tão frio que os braços e pernas de Rachel ficaram dormentes. Ela se aconchegou em uma tentativa de preservar o calor do corpo que havia deixado, e quase gemeu quando viu pequenas manchas brancas em espiral nas pranchas enegrecidas do navio. Se nevasse demais, congelaria até a morte, o que, dada sua situação atual, não seria um caminho tão horrível.

Evander pode não encontrá-la. Ela quase esperava que ele não fosse agora. Ele não poderia assumir um navio inteiro de mortos-vivos. Um estalo de calor se espalhou por seu seio esquerdo, e ela apertou a mão dura sobre o local para sentir sua tinta se movendo sobre sua pele.

Ok, ela pensou em sua marca de acasalamento, *então talvez ele possa. Tudo vai ser por nada se eu estiver congelada até a morte.*

Como se ele pudesse ler sua mente, Lucanus se apressou para levantá-la e apontou para outro navio negro à distância.

- O Tribune chegou Rachel Ingram. - disse ele e pegou-a quando seus joelhos se dobraram. - Qual é o problema?

Ela não podia dizer a ele que tinha ouvido Evander dizer que *eu estou indo atrás de você, meu amor* dentro de sua mente, ou que ela deliberadamente caiu para parecer mais fraca do que era.

- É tão... tão frio. - ela gaguejou. - Eu... eu não posso sentir meus pés.

- Desde a maldição nós não ficamos mais quentes ou frios. - O Optio tirou sua capa e envolveu-a ao redor dela antes de sentá-la em uma caixa perto das grades. Ele hesitou por um longo momento antes de desamarrar as mãos dela. - Quando o Tribune vier você deve mostrar respeito. Responda suas perguntas e não o irrite. Acho que ele vai te dar para mim. - Ele tocou o ombro dela. - Eu sei que você não quer isso, mas eu sou melhor que os outros, Rachel Ingram. Eu não vou me alimentar de você. Eu vou te tratar como fiz com Petronia.

Seu desejo por ela se derramou em sua mente novamente, mas isso mudou. Lucanus não sentia amor desde que ele foi transformado em um bebedor de sangue. Quando ela o lembrou de sua esposa, ele se lembrou de sua vida mortal. Ele realmente acreditava que se ele se comportasse da mesma maneira com Rachel, ela viria a amá-lo, como Petronia tinha feito. Agora ela tinha que mentir e fazê-lo acreditar que ela faria.

- Obrigado, Optio. - Rachel disse e forçou seus lábios rachados no que ela esperava que fosse um sorriso convincente. - Eu farei exatamente como você diz.

Lucanus se agachou na frente dela e levou as mãos aos lábios.

- Nós seremos bons juntos. Eu juro.

Rachel leu seu desejo por mais uma demonstração de sentimento dela, então ela respirou fundo, inclinou-se para frente e roçou os lábios contra os nós dos dedos dele.

Ele arrastou-a para frente até que sua boca estava apenas a uma respiração da dela.

- Você me deseja Rachel Ingram?

A maneira como ele a chamava pelo seu nome completo estava começando a irrita-la. Assim como o hálito dele, que cheirava a papel alumínio queimado.

- Eu mal conheço você, Optio, mas eu gostaria da chance de estar com você. - Ela abaixou a cabeça para parecer modesta, e assim ele não ficaria tentado a beijá-la. - Para ser honesta, eu não estive com um homem ainda, então sou um pouco tímida.

Assim como ela adivinhou, a perspectiva de tirar sua inexistente virgindade o excitou ainda mais. Mas seu jorro de fantasias sobre ter sexo com ela fez seu estômago revirar.

- Eu preciso ver os homens agora. - Lucanus disse a ela. - Fique aqui e espere por mim, minha querida.

Assim que ele se afastou e gritou ordens para as sentinelas se prepararem para a chegada do Tribune, Rachel fechou os olhos para que ela pudesse ouvir Evander novamente. Ela sabia que ele não podia ouvi-la, mas isso não a impediu.

Por favor, por favor, depressa. O Tribune está vindo para mim, e se você não chegar aqui primeiro, eu vou pular na água e me deixar afundar no fundo.

Rachel. A voz de Evander pareceu ressoar por todo o corpo dela. *Eu estou esperando na água. Quando o morto-vivo se desviar, você deve pular do lado da porta, em direção ao arco. Eu vou te pegar, e meus amigos vão levá-la de volta à praia.*

Rachel olhou para o outro lado do convés, do outro lado do navio, e então olhou para Lucanus. Sabendo que Evander estava tão perto, queria que ela se atirasse para o lado imediatamente, mas nunca passaria da sentinela em guarda.

- Halo para o navio. - uma voz suave chamou logo abaixo dela.

Rachel inclinou-se para ver dois pequenos barcos, cada um sendo remado por homens em longas vestes escuras. Um com um rosto de menino estava de pé e acenando para os mortos-vivos.

- Estamos afundando. - o jovem chamou Lucanus. - Nós não vamos voltar para a praia e não podemos nadar. Você vai nos ajudar?

Rachel esperou que, uma a uma, as sentinelas se aproximassem de Lucanus a estibordo e atirassem cordas para os homens vestidos. Quando o caminho finalmente ficou claro, ela saltou do caixote e correu.

Nenhum dos mortos-vivos a agarrou. Em vez disso, escorregou no convés coberto de neve e caiu, derramando-se dolorosamente sobre as tábuas cobertas de lama para impedir a passagem do porto por um pé. Desesperada, levantou-se e atirou-se nos trilhos, apenas para ser agarrada por trás por mãos duras e frias.

- Esta é a sua gratidão? - Lucanus disse contra seu ouvido, sua raiva escaldando sua mente quando seu aperto machucou sua carne. - Você é uma bruxa. - Ele a arrastou de volta do lado, e virou-se para gritar para as sentinelas, - *Defendi altus. Repulsus.*

Rachel lutou contra ele quando ele a puxou de volta para o estibordo, onde ela viu dois barcos vazios flutuando ao lado do navio, e a sombra iminente de algo muito maior. Ela olhou e gritou quando o segundo navio negro passou a poucos centímetros de seu rosto, seu rastro arremessando os dois barcos em um enorme rolo de água do mar.

Lucanus jogou-a por cima do ombro e começou a correr, saltando sobre os trilhos e voando pelo ar. Rachel gritou quando aterrissaram, não na

água, mas no convés do outro navio, onde escorregaram em um par de pernas e ela caiu de costas.

Lucanus ficou de pé e puxou Rachel para ele.

- Tribune. - ele latiu. Ele empurrou a cabeça para baixo e para cima, e empurrou-a para frente. - Esta é Rachel Ingram.

O Tribune olhou para ela, seu rosto envelhecido tão inescrutável quanto seus pensamentos. A implacável disciplina de sua mente sentia Rachel como um enorme palácio cheio de portas de ferro e janelas fechadas, com apenas a visão dele aparecendo no centro.

Uma mulher loira pálida vestida com um uniforme de Legião modificada veio de trás do Tribune, e puxou uma adaga enquanto ela estava pronta para atacar. De seus pensamentos Rachel sabia que ela era uma guarda-costas, tão focada em matar qualquer um que pudesse prejudicar o Tribune que tudo o que ela pensava era sobre como ela iria atingir o golpe da morte.

- Relatório. - disse Seneca.

- A captura foi como planejado. - disse Lucanus, e detalhou o rapto de Rachel em breve. - Eu devo avisá-lo que esta fêmea é uma mentirosa descarada. Não confie nela por um momento.

- Mentirosa? - Um homem velho com a pele pálida e os olhos negros dos mortos-vivos vieram para inspecioná-la. - Uma mortal precisando de ser domada.

- Se você deseja que ela seja atormentada... - disse o Optio. - Estou feliz em ser voluntário para o dever. Esta fêmea tentou me seduzir para me tornar seu protetor. Ela até me prometeu sua virgindade.

- Eu duvido que haja uma parte dela que Talorc não tenha sondado. - o velho homem disse, parecendo entediado agora. - Você deveria tê-la usando sua boca em você. É assim que eu conto.

Rachel se encolheu quando desviou o olhar de Dougal, o marquês de Ermindale. Por trás de seu sorriso malicioso, ele tinha uma mente como uma fossa cheia de cobras venenosas.

Gritos vieram do outro navio, junto com gritos aterrorizados e salpicos imensos.

- Parece que os McDonnels, embarcaram no *Raven* e estão afogando os prisioneiros. - disse Ermindale, parecendo divertido. - Talvez eles pensem que são bruxas, como esta.

- Optio, traga-a para o interrogatório. - disse Seneca. - Você deseja realizar o interrogatório, Praefectus?

- Eu vou ter Optio Lucanus fazendo isso enquanto eu assisto. - disse o marquês. - Com aquele salto poderoso que ele fez, eu aposto que ele ganhou o prazer. E ele quer que ela sofra então ele será brutal.

Rachel gritou quando o Optio agarrou-a pelos cabelos, puxando seu couro cabeludo enquanto ele a usava para arrastá-la pelo convés. Enquanto ela se retorcia e chutava, o céu noturno parecia explodir, e os escombros ardentes começaram a chover ao redor deles. Posta de brasas, Lucanus largou Rachel para tirar sua túnica fumegante.

Ela cambaleou a seus pés para ver os mastros do outro navio queimando, e a tripulação morta-viva pulando no mar. Os montanheses invadiram os conveses, matando mortos-vivos e jogando mortais em dezenas de homens em barcos. O fedor de resina queimando cresceu forte e acre quando as chamas atravessaram o convés superior, onde uma enorme abertura irregular nas tábuas revelava o convés arruinado abaixo dela. Os montanheses saltaram ao mar, mas um homem ficou para trás, pegando o volante e virando-o para trazer o navio.

- Parta para a fortaleza. - ordenou Sêneca.

Ele começou a pisar nas pequenas chamas que brotavam do convés. Cada vez que ele fazia as chamas se dividiam e se afastavam de sua bota para queimar em outro lugar.

- Você não pode apagar Romano. - gritou o marquês, soando furioso agora. - É Pritani pegando fogo. Nada pode extinguir, mas areia.

Rachel olhou para o navio flamejante agora acelerando em direção a eles, a mão cobrindo a boca ao ver Evander ao volante. Ele estava dirigindo o naufrágio diretamente para o caminho do navio do Tribune. Ele olhou através da fumaça para ela, e pegou uma mão do volante para tocar o lado esquerdo do peito.

Mortos-Vivos corriam ao redor dela quando mais incêndios irromperam, mas tudo o que Rachel podia sentir era o calor gentil da marca que ele lhe dera, como se ele a estivesse tocando através dela. Seus pensamentos eram dela, e os dias e noites que tinham compartilhado, e quanto ela lhe dera. Ele sabia, assim como ela sabia agora, que nenhum grande projeto ou propósito imenso os havia unido. Eles tinham sido duas almas perdidas, golpeadas e quebradas, abandonadas e esquecidas, e de alguma forma ainda se encontravam e amavam.

O amor foi o motivo.

Sêneca e Ermindale de repente a flanquearam. Eles seguraram-lhe os braços e apressaram-na para a popa, onde o Tribune caiu de lado. Rachel aterrissou em um dos barcos vazios, seu corpo batendo no fundo duro de madeira. O impacto derrubou o barco e fez com que a água caísse pelos lados para encharcá-la. O marquês pulou na água com o Tribune e vários guardas. Eles surgiram e se arrastaram para dentro do barco com Rachel.

- Leve-nos para a margem. - ordenou Sêneca, mas o resto do que ele disse foi abafado por uma batida que sacudiu a terra quando os dois navios em chamas colidiram.

Capítulo Vinte e Três

Evander perdeu Rachel de vistas por alguns momentos antes que os navios negros se chocassem um contra o outro. Ele olhou para trás e viu os mortais que eles haviam jogado ao mar sendo capturados pelos membros do clã nos barcos, que estavam remando de volta à costa. Evander não pôde se juntar a eles. Ele sabia que o Laird esperava que ele queimasse com os navios uma vez que ele tivesse usado a bolsa de fogo. Por seus crimes contra o clã, ele deixaria o fogo também, mas ele não podia permitir que Rachel compartilhasse o mesmo destino.

Chamas movidas a breu rugiram ao redor de Evander enquanto ele se apoiava no volante para a colisão. O mastro principal queimou, e com um gemido barulhento caiu sobre o outro barco. Ele esmagou o morto-vivo preso por baixo dele. Por um momento a fumaça clareou, mas Rachel havia desaparecido, junto com o Tribune e o velho que estiveram com ela.

Eles não vão levá-la.

Evander sentiu seu peito queimar e agarrou uma lança lançada por uma das sentinelas antes de dar um salto e saltar para o outro navio. Aterrissou e caiu de joelhos, endireitando-se, enquanto um romano de rosto sombrio marchava em sua direção, com espadas nas duas mãos.

- Sua puta tentou me enganar, highlander. - gritava o morto-vivo. - Ela vai pagar por isso com seu sangue e seus ossos...

Ele parou e olhou para a lança que Evander havia enterrado em seu peito, que caiu no convés junto com a pilha de cinzas que ele se transformou. Evander agarrou a lança quando dois mortos-vivos rosnando o atacaram, e ele espetou um no coração antes de agarrar o outro e jogá-lo no mar. Girando ao redor, ele viu a escotilha no porão e gritou para Rachel.

Uma espada curta espetou seu rosto, e Evander girou para fora do caminho, quase enfiando a lança no estômago do homem antes de ver sua condição e as marcas de mordida em seu pescoço.

–Você não vai machucar o mestre. - o homem magro assobiou.

Evander bateu a espada de sua mão trêmula e bateu no mortal, que desmoronou. Levando-o para o lado, ele o deixou cair em um dos barcos dos druidas, e viu o outro sendo levado para a praia, com os romanos e Rachel dentro dele.

A poeira explodiu, e Evander se virou para ver Tormod puxando a espada para trás como se fosse golpear outro golpe, com uma pilha de cinzas mortas-vivas no convés entre eles.

- Pensar que você já foi o lutador mais mortal do clã. - reclamou o nórdico, puxando-o para o lado. - Eu poderia ter te matado agora. Eu, o fabricante de mapas de merda. Esta moça tem você totalmente confuso.

- Sim. - Evander concordou e devolveu o favor, espetando outro guarda saltando Tormod do ninho de corvo. - No entanto, seu exemplo me ajuda a melhorar.

O nórdico olhou para o porão. - Mortais escravizados. - ele gritou. - Se você não quiser queimar junto com esses bastardos do mal, largue suas armas e venha até aqui.

Evander ficou de guarda enquanto Tormod ajudava os remanescentes a sair do porão. Alguns vieram com armas, que ele arrancou de suas mãos antes de lançar os escravos para o mar.

- Entende? Se você é gentil com os bajuladores, eles lhe trazem presentes. - O nórdico deu a Evander uma espada curta e outra lança, e então pegou o fogo que os rodeava. - Terminamos com os mestres deles, então eles não serão mais escravizados. É isso aí então. Tudo o que resta é você.

Evander esperou que Tormod atacasse, mas algo o empurrou para trás e ele caiu no mar. Raen o arrastou debaixo d'água enquanto ele nadava pela enseada e arrastava-o para a praia.

- Os mortos-vivos doidos querem falar com você. - disse o homem grande, acenando para os mortos-vivos entre as colunas de pedra. - Ou eles prometeram cortar sua garganta.

Arrancando a jaqueta encharcada, Evander viu a runa Gyfu esculpida que Rachel lhe dera para que a sorte caísse no chão.

- *Será preciso ser direta por você, rapaz.* - a velha dissera. - *Gyfu, o presente, o amor, o sacrifício.*

Evander sabia o que ele tinha que fazer agora. Ele pegou suas armas.

Lachlan e Diana se juntaram a eles e flanquearam Evander enquanto caminhavam em direção ao inimigo.

- Então o Viking não acabou com você.

- Foi uma surpresa para mim também. - disse Evander e olhou para o Laird. - Espero que ele deseje mais tempo para aproveitar meu sofrimento e gritos e tal.

- Todos nós, querido. - assegurou-lhe Diana, parando a uma curta distância das colunas. - Isso é uma merda. Eles têm cobertura perfeita. Talvez se colocarmos alguns homens atrás deles.

- Não há tempo. - Lachlan disse a ela.

Rachel emergiu das sombras, as ondas da maré enchendo-se contra as colunas do mar e encharcando o fundo de suas saias. Quintus Seneca estava ao lado dela, com o rosto severo impassível enquanto olhava para os McDonnels. Então Evander viu a adaga brilhando contra a garganta de Rachel, e atrás dela apareceu um rosto velho, enrugado com um sorriso enorme e com presas.

- Então você sobreviveu ao fogo de captura, Talorc. - disse Ermindale. - Você faz jus à sua reputação como um bastardo escorregadio. Eu admiro muito você, você sabe. Traindo seu clã, fugindo com nossa espiã e permanecendo tão bem escondido. E, claro, levando todos os nossos novos cativos, bem como esta pequena bruxa. Você gostou dela? Ela é muito habilidosa com a boca?

O velho estava tentando provocá-lo em insensatez, que Evander ignorou. Ele olhou nos olhos de Rachel, e sabia que ela estava compartilhando seus pensamentos.

- Solte a dama, Ermindale, e eu sou seu.

- Oh, isso não está acontecendo. - resmungou Diana.

- Você me acha uma boceta para ser recheado com um pau de mentiras, então? - Ermindale apertou seu aperto em Rachel. - No momento em que ela estiver livre, o McDonnel matará você e a levará, e não teremos nada. Não, traidor, quero a localização de Dun Aran.

Lachlan fez um som de nojo. - Ele não vai lhe dizer isso, e mesmo se ele fizer isso, você nunca viverá para fazer uma visita.

Diana abriu as mãos. - Ai está. Peça outra coisa.

- Acho que não. - disse Quintus suavemente.

O marquês olhou além deles. – *Parati.*

Os mortais que haviam sido resgatados do navio haviam se posicionado silenciosamente atrás dos druidas e dos McDonnels. Em um instante eles produziram punhais para pressionar as costas do pescoço de cada membro do clã e a garganta de cada druida.

- Filho da puta. - Diana respirou.

- Por isso... - disse o Laird, sua voz como gelo agora, - Eu vou te estripar.

- Och, você vai nos permitir fazer o que quisermos. - disse Ermindale. - Pois criei cada um desses escravos. Tudo o que devo fazer é proferir outra palavra, e eles matarão o lote. - Ele enviou vários soldados para recolher cavalos antes de olhar para Evander. - Diga-me a localização agora, ou eu mato sua vagabunda e acabo com o resto.

- Não tenha dúvidas, ele fará isso. - prometeu Quintus.

Diana sacudiu a cabeça. - Se você disser a ele, meu senhor, ele fará isso de qualquer maneira. Ele é esse tipo de idiota.

- Nós não temos escolha, moça. - disse Lachlan.

Evander mal ouviu quando segurou o olhar da mulher que amava.

Eu sei que você me ouviu, assim como você fez no navio. Eu não posso trair o clã para te salvar, mas eu não vou permitir que os mortos-vivos machucem você. Nós temos apenas uma escolha. Ele mostrou a ela o que ele queria fazer para acabar com o impasse. *Eu não pediria isso de você, mas você não vai fazer isso sozinha.*

O medo desapareceu do rosto de Rachel.

- Eu quero o que você quer Evander. - disse ela. - Sempre. Eu te amo.

- Você é meu coração. - disse ele e apertou ainda mais a lança enquanto assentia. - Eu vou ser em apenas um momento ou dois.

Ele levantou a arma e jogou-a com todas as suas forças.

Diana gritou quando a lança se enterrou no peito de Rachel, atravessando seu coração. Evander sabia que ele a tinha matado instantaneamente, e sentiu como se seu próprio coração estivesse se partindo em dois. Atrás de Rachel, o marquês parou de sorrir e soltou um som estrangulado antes de seu rosto ficar cinzento e começar a se afastar com o vento. Seus braços se desintegraram do corpo de Rachel, e um momento depois suas cinzas se dissolveram no mar.

Os mortais que seguravam os punhais nos McDonnels cambalearam agora soltos do braço de Ermindale. Quintus Seneca estava de pé ao lado do corpo de Rachel, a cabeça baixa e os ombros rígidos. Sua guarda-costas feminina subiu atrás dele, e o puxou para o cavalo antes de ela incitar a montaria a um rápido galope para longe da costa. Mas Evander não os perseguiu. Ele correu para o lado de Rachel e gentilmente levantou seu corpo da água. Quando ele deslizou a lança para fora dela e jogou fora, ele olhou para cima para encontrar Lachlan, Diana e Raen.

- Eu teria cortado o velho bastarto em pedaços. - disse o Laird, olhando para a cinza à deriva. Então ele virou um olhar pesaroso para Rachel. - O fim dela foi rápido.

- Era a única maneira de salvar o clã e o povo da magia. - disse Evander, passando a mão pelo cabelo escuro. - Ela sempre foi uma moça valente, minha Rachel. - Ele ofereceu a Raen o cabo de sua espada curta. Quando ele não aceitou, ele acrescentou: - Você deve isso, e ela está me esperando, Aber. Por favor.

O grande homem engoliu enquanto pegava a lâmina e depois a largou. Ele balançou a cabeça e puxou Diana em seus braços.

- Deuses me perdoem. - o grande homem disse - Mas eu não posso fazer isso.

- Você esquece Seneschal. - disse Lachlan. - É meu dever recompensar a coragem. - Ele pegou a espada e se moveu para trás de Evander. - Dê sua Rachel nossos agradecimentos, Talorc. Você vai com o meu.

Evander pressionou a bochecha contra o topo da cabeça dela e sorriu quando o Laird empurrou a ponta da lâmina na direção de sua nuca.

Sempre.

Capítulo Vinte e Quatro

Milhas de estrelas estilizou o céu sobre a antiga copa das árvores enquanto Rachel caminhava até o centro das pedras esculpidas. Morrer não tinha doído nem um pouco, graças ao braço forte e ao olho aguçado de Evander. Um momento ela o viu jogar sua lança, no outro ela estava de volta ao bosque onde tudo começou. Isso tinha uma sensação agradável e completa de círculo. Em algum nível, ela sabia que aquele lugar era mais como uma parada para descanso no caminho para o próximo lugar, mas isso não a incomodava. Assim que Evander chegasse, eles continuariam juntos, como ele havia prometido.

Quando ela estava com ele, ela sabia que tudo ficaria bem.

- Och, você é tão doce que você faz meus dentes doer. - disse uma voz leve. Uma jovem saiu da floresta e entrou no círculo. - Não fique boquiaberta comigo assim. Você lembra de mim dos sonhos. Eu sou Fiona Marphee.

- Sim, mas você era um pouco mais velha. - disse Rachel, avaliando-a, e então decidiu que gostava dela melhor quando adolescente. - O que você está fazendo aqui?

- Eu tenho mais uma tarefa antes que eu possa continuar. - disse ela, sentou-se e deu um tapinha na grama ao lado dela. Rachel se juntou a ela. - Foi corajoso, o que você fez. Você salvou os McDonnels e os druidas e protegeu Dun Aran. Você desistiu de sua vida jovem por eles. Não é uma coisa pequena, moça.

- Sim, e tudo que eu tinha que fazer era ficar parada. Foi tão difícil. - Ela franziu o nariz. - É estranho, mas na verdade pareceu maravilhoso morrer desse jeito.

- Eu não posso dizer o mesmo da peste. - disse Fiona e passou as mãos sobre a pele lisa de seus braços. - Você sabe que Evander nunca saiu do meu lado, desde o momento em que eu adoeci na noite em que morri? Ele é maravilhoso, leal, aquele rapaz.

Rachel assentiu. - Então porque estamos aqui?

- É um bom lugar, esse bosque. Os carvalhos lembram-se de você, deste lado e do outro. Eles assistiram você crescer de uma menina pequenina, e eles te amavam. - Sua boca achatou quando ela olhou para o túmulo que elas tinham compartilhado. - Eles não poderiam impedir David, pois você era necessária aqui. É importante para eles que você saiba disso. Eles me mandaram para te contar.

Rachel olhou para as folhas verdes exuberantes tremendo contra os galhos negros e sentiu uma dispersão de pensamentos flutuando acima de suas cabeças.

- Eles não são realmente carvalhos, pois não?

- Não é para nós entendermos. - disse Fiona. Ela levantou os joelhos e apoiou o queixo neles. - O povo mágico acha que eles entendem, mas eles não sabem. Nenhum mortal ou imortal pode. É o caminho dos deuses. - Ela deu a Rachel um olhar de lado. - Ele está vindo agora, então eu vou continuar com o meu trabalho.

- Por que você não pode ficar? - Ela perguntou quando se levantaram. - O que você tem que fazer?

- Tecer os últimos fios deste tecido. - disse Fiona, e acenou com a cabeça em direção a um homem magro e sorridente, esperando na borda da floresta. - Há o meu da agora. Quando terminar, vamos juntos para estar com a minha mãe.

A garganta de Rachel se apertou. - Eu vou ver meus pais de novo?

- Sim, um dia. - a garota disse e sorriu. - Dê meu amor a Evander, moça.

Rachel abraçou Fiona antes de vê-la saltar para o pai, que segurou a mão dela e desapareceu nas árvores. O ar ao redor de Rachel começou a brilhar, e então o contorno de uma forma alta se desenhou diante dela, preenchendo com cor e luz até se tornar o homem que ela amava.

- Evander.

Ele a pegou em seus braços e segurou-a, rindo enquanto ela chovia beijos em todo o seu rosto bonito.

- Faz apenas alguns instantes, moça. Como eu prometi. Nós salvamos o lote deles, você e eu.

- Então saímos heróis. - Ela tocou seu rosto. - Fiona estava aqui, mas por algum motivo ela era muito mais jovem. Ela disse para te dizer… oh. - A sensação estranha em seu peito a fez olhar para baixo para ver sua blusa se transformar em luz dourada. - O que é isso?

- Sua recompensa, moça. - Ele inclinou a cabeça para beijá-la. - Lembre-se que estarei esperando. Sempre.

Uma força invisível tirou Rachel dos braços de Evander e arrastou-a para o céu noturno cintilante. Então ela estava caindo em um mar de mãos brilhantes, que a pegaram e a inundaram de luz.

Rachel abriu os olhos. Os flocos de neve agarrados a seus cílios borraram os rostos que pairavam sobre ela. Seus pulmões cheios de ar frio e salgado, e seus braços tremiam quando ela se levantou da grama. A fumaça embaçou o horizonte, mas os navios negros desapareceram. Ela olhou para baixo e viu a lágrima em seu corpete e o sangue encharcando suas roupas. As pessoas vestidas ao redor dela recuaram quando ela se levantou e balançou em seus pés.

- O que aconteceu? - Uma confusão confusa de pensamentos veio de todos os lados, ansiosa e aliviada, satisfeita e impressionada. Ela viu um homem grande com um rosto tatuado usando o tartan de seu amante, e perguntou a ele. - Onde está Evander? Ele é... Onde ele está?

- Está tudo bem, senhorita Ingram. - Uma ruiva alta se juntou a ela e olhou para um dos homens mais velhos. - Você teve um pouco de choque. Por que você não se senta e recupera o fôlego? Você passou por muita coisa hoje.

- Eu não quero me sentar.

Rachel passou por ela e se virou, procurando por Evander, mas vendo apenas os rostos de estranhos. Os homens por quem ela passou abaixaram as cabeças, e então um que era quase tão grande quanto o guerreiro com cara de tatuagem veio até ela.

- Senhora Ingram, eu sou Lachlan McDonnel, Laird do clã McDonnel. - Ele apontou para os homens e mulheres vestidos. - Estas são suas pessoas, os druidas. Eles podem explicar o que foi feito.

- Eu não estou interessada. - disse Rachel, assim que viu um tartã sobre um corpo na água. - Desculpe-me. - Ela tentou passar Lachlan, e quando ele pegou o braço dela, ela sabia o que ele tinha feito. Ela viu a morte rápida de Evander, e o sorriso que tinha estado em seu rosto, e ainda assim rasgou através dela. - Você o matou? Ele salvou você.

Seus olhos escuros se encheram de arrependimento. - Sim, moça, eu fiz. Foi o seu último desejo, estar com você.

- Mas estou aqui. Como eu posso ser... - Enquanto a compreensão começava, ela se afastou dele. - Oh Deus. Você deixa eles me trazerem de volta e me curar? Como você pôde deixar isso acontecer?

- Era para recompensá-lo. - disse Lachlan tristemente - Por seu sacrifício.

- Mas eu tive isso. Nós estávamos juntos. Isso é tudo que queríamos.

Ela virou-se cegamente e quase esbarrou em Diana.

A ruiva alta fez uma careta. - Eu sei que parece horrível, mas vai ficar tudo bem, Rachel. Você só precisa se acalmar agora.

Rachel a derrubou enquanto corria o mais rápido que podia para o corpo coberto, ao lado da qual ela caiu de joelhos. Ela recuou o tartan e ofegou de dor ao olhar para as feições imóveis de Evander. Seus dedos tremeram quando ela afastou o cabelo da testa dele, e ela mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto do sangue.

O jovem druida veio e se ajoelhou do outro lado do corpo de Evander.

- Você deve sair agora, senhora. Não há mais nada que você possa fazer por ele.

Ela balançou a cabeça e se inclinou para beijar Evander, as lágrimas caindo do rosto para o dele. Quando ela olhou para cima, viu-se refletida nos olhos suaves do druida, e viu através deles seus pensamentos. A execução de Evander o tinha horrorizado, e ele acreditava que depois dos heróicos esforços de seu amante para salvar o clã e os mortais, isso era totalmente injusto. Então Rachel olhou mais fundo, e viu todas as vidas que Cailean Lusk tinha vivido, e a magia terrível e linda que ele e os outros usaram para trazê-la de volta dos mortos.

Magia só druida poderia usar. Druida como ela.

- Podemos trazê-lo de volta. - disse Rachel, enquanto enrolava os dedos na nuca de Evander e agarrou a mão de Cailean. - A magia da ressurreição ainda está dentro dele. Sim, eu sei que levou todos os druidas para me trazer de volta, mas Evander já é imortal. Nós dois podemos refazer o feitiço dentro dele para curar o dano e despertá-lo novamente.

- Como você pôde saber que o feitiço é... - O druida ficou imóvel e a conexão entre suas mentes terminou. - Você não pode me usar assim, senhora. Não é a minha escolha.

- Ele não merecia morrer, e você sabe disso. - ela disse categoricamente. - Então você vai me ajudar a fazer isso ou vou dizer ao clã o que acabei de ver na sua cabeça.

Ele respirou fundo. - Você não entende. - Não é permitido - para um Ovate ou um novato para ...

- *Tudo o* que vi. - Rachel assegurou. Cailean olhou por cima do ombro para onde um druida mais velho estava falando com o Laird, e Rachel seguiu seu olhar. - E eu vou começar com eles. - A cabeça de Cailean virou e seus olhos encontraram os dela. - Estou falando sério. - ela disse, embora sua voz tremesse, - Porque não tenho mais nada a perder.

Ela observou-o olhar mais uma vez para Lachlan e depois para Evander. Finalmente, ele deu um aceno firme.

- Você é um leitor. - ele disse. - Então você deve juntar seus pensamentos aos meus. Onde eu lidero você deve seguir.

Ela estendeu a mão para sua mente com tanta força e rapidez que ele recuou.

- Desculpe. - ela disse baixinho. – Vá.

A mente do druida mudou de suas percepções mundanas para um lugar muito diferente. Rachel andou com ele por um caminho prateado. Levava a uma floresta de imensos carvalhos com troncos esmeralda e folhas de luz âmbar. A beleza parecia tão imensa e incompreensível que ela se sentiu diminuindo em algo pequeno e assustado.

Você é amado aqui, irmã, Cailean pensou para ela, e puxou-a para um bosque onde um círculo perfeito de pedras esculpidas cercava o corpo de Evander. *Então parece que Evander também está.*

Rachel se recusou a ceder aos seus medos. *O que fazemos agora?*

Eu não posso acordá-lo. O druida enfiou as mãos nas mangas. *Essa é a sua tarefa.*

Ela se ajoelhou ao lado de Evander e apertou sua mão fria entre as dela.

Eu sei que você pode me ouvir. Eu sei que você está esperando. Ela enfiou uma mão sob o pescoço dele, cobrindo a ferida. *Eu preciso de você aqui, meu amor. Volte para mim.*

Atrás dela, Cailean murmurou as palavras do feitiço da ressurreição. Rachel sentiu a magia derramando através de seu amante, e acrescentou tudo o que ela sentia por ele. O ferimento no pescoço começou a encolher sob a palma da mão. Um momento depois, desapareceu e Rachel voltou ao seu corpo. Seus pensamentos se separaram de Cailean quando o druida tirou sua mão da dela.

O peito largo de Evander se ergueu e caiu, e seus cílios se separaram enquanto olhava para Rachel.

- Minha senhora, tão cedo. - Ele levantou a cabeça um pouco para olhar para as pessoas andando até eles e deixá-lo cair novamente. – Porra não novamente. Talvez, se nos matarem juntos, ao mesmo tempo, funcione adequadamente.

- Deixe-me falar dessa vez, por favor. - disse ela, e ajudou-o a se levantar enquanto o Laird se aproximava. - Boas notícias, meu senhor. Laird. Os deuses mostraram sua misericórdia.

- Eles mostraram. - disse Lachlan, parecendo não estar convencido.

Rachel baixou a voz. - E não apenas para nós. Imagine como será útil para o clã ter um leitor de mentes. - Ela olhou para Evander. - Sem mencionar o lutador mais mortal da Escócia. E desde que a sentença de morte de Evander foi cumprida, não há necessidade de fazer isso novamente. - Sua declaração saiu mais dura do que ela pretendia, mas Lachlan continuou a ouvir. - Eu estou pedindo para você ser o homem decente que eu acho que você é. - Ela agarrou a mão de Evander em ambas as dela. - Deixe-o voltar para casa. - Ela tentou um sorriso. - Você nunca vai encontrar um melhor capitão da guarda ou...

- Chega disso. - disse o Laird e esfregou o queixo. - Você quer voltar para o clã, Talorc?

- Eu tenho tudo o que desejo com Rachel, meu senhor. - Ele envolveu seu braço ao redor dela. - Mas eu ficaria grato pela chance de servir os

McDonnel novamente, e eu acho que o lugar mais seguro para a minha dama é Dun Aran.

Lachlan avaliou os dois antes de concordar. Então ele se virou para o bando de guerra e os druidas.

- Os deuses mostraram sua misericórdia. - disse ele, apesar de dar a Cailean um olhar estreito. - E devolveram Evander Talorc para nós. Por seu sacrifício e sua coragem, perdoo-lhe sua ofensa.

- Meu senhor, você quer recebê-lo de volta no clã? - Tormod exigiu, e quando o Laird assentiu, ele olhou para Evander. – Bom. - Ele viu como todo mundo olhou para ele e jogou as mãos para cima. - Nada pode matar o homem. Mesmo quando você faz, ele volta. Você prefere a ele um inimigo?

- Não, eu não. - Raen disse e veio para frente, estendendo a mão. Quando Evander a pegou, todos aplaudiram então apenas Rachel e Evander o ouviram dizer: - Se revolte novamente e eu te darei a minha esposa.

Capítulo Vinte e Cinco

SAN DIEGO, CALIFORNIA

Dias de hoje

David Carver passeava pela sala de interrogatório. Exaustão se arrastou para ele, mas ele não conseguiu dormir bem por mais de uma semana. Isso o deixou perplexo, porque ele sempre dormia bem, mesmo depois de ter assassinado sua esposa. Os pesadelos tinham começado logo depois de sua última viagem a Vegas, e eles eram sempre os mesmos: uma cadela de cabelos escuros em um manto perseguiu-o através de uma floresta até que ele caiu em um túmulo e o chão o engoliu.

O estranho era que a cadela não era Rachel, não com aquelas lindas tetas. David sorriu um pouco. Se Rachel tivesse esse tipo de peito, ele poderia tê-la deixado viver e apenas a manteria dopada demais para fazer um agachamento aleatório.

A porta se abriu de repente, e um detetive corpulento com cabelos grisalhos encaracolados entrou.

- Quem é você? - David exigiu. - E por que você me manteve esperando aqui por uma hora?

- Detetive Joseph Stuart com a Unidade de Homicídios. - disse o homem, mas ele não ofereceu a mão. - Eu tive que esperar que alguns documentos fossem enviados de Crimes Financeiros. Sente-se, Sr. Carver.

As palavras Homicido e Crimes financeiros fizeram com que ele visse a grossa pasta de arquivo enfiada sob o braço carnudo de Stuart.

- Eu não entendo. Isso é sobre Rachel? Ela estava em algum tipo de problema?

- Sente-se. - disse o detetive e deu a volta na mesa. Ele baixou o volume para a cadeira dobrável de alumínio, e então olhou para David até que ele se sentou em frente a ele. - Sr. Carver, você relatou sua mulher desaparecida na manhã depois que você se casou. - Ele abriu a pasta e folheou a primeira página. - A polícia de Monterey respondeu à cena e encontrou evidências que indicavam que ela pode ter acidentalmente ou deliberadamente se afogada. - Ele encontrou o olhar de David. - Você quer acrescentar mais alguma coisa à declaração que você fez naquele dia?

Ele deixou sua expressão passar da indignação ao sofrimento.

- Eu disse a eles tudo o que eu sabia. Também contratei uma equipe de recuperação para vasculhar a área por semanas, mas eles nunca encontraram um traço dela.

- Ao contrário de procurá-la você mesmo. - Stuart notou enquanto tirava um documento grampeado do arquivo e o empurrava sobre a mesa. -

Esta é uma cópia de uma procuração que sua mulher assinou logo depois de se casar, dando a você o controle total de sua propriedade. Essa é sua assinatura, senhor?

David fingiu estudá-lo. - Sim.

- Entrevistamos o notário que testemunhou suas assinaturas e o funcionário que preparou sua licença de casamento. Ambas as mulheres disseram que sua esposa estava pálida, tremendo e visivelmente desorientada. - David deu um olhar agradável ao detetive. - Havia algum motivo para sua aflição?

- Os pais de Rachel morreram antes que pudessem nos ver se casar. Ela ficou arrasada com a perda deles, e é por isso que pulamos o grande casamento e fizemos uma cerimônia civil. - Ele piscou rapidamente, como se para conter as lágrimas, e depois esfregou os olhos. Ele geralmente encharcava as pontas dos dedos com perfume para provocar lágrimas de verdade, mas ele não se lembrou disso. - Nós dois estávamos muito chateados naquela manhã.

- É por isso que você comprou todas essas drogas e essa faca de combate? - Stuart colocou uma pilha de prescrições escritas e uma foto da arma na frente dele. - No caso de sua esposa ficar chateada com você, então você poderia derrubá-la e resolver seus problemas?

- Os sedativos são para mim. - Disse David sem expressão, olhando para a foto da faca. A faca que ele não tinha mais. A faca que ele tinha deixado presa nas costas de Rachel. Deus, oh Deus, como ele poderia ter esquecido isso? Ele não usava luvas. Suas impressões digitais e DNA estavam por toda parte. - Uh, eu tenho problemas para dormir, então meu médico os prescreveu. Eu comprei a lâmina para proteção pessoal.

- Mesmo? Eu nunca teria descoberto você como um lutador de facas. - O detetive colocou um extrato bancário ao lado da foto. - Você ainda estava chateado quando limpou as contas pessoais de Rachel uma semana depois? Você precisou de um sedativo na semana seguinte, quando contratou um advogado muito poderoso para liquidar o restante de seus bens? - Quando

David não disse nada, o detetive deu-lhe um sorriso fácil. - Deve ser muito difícil ter uma suíte permanente reservada agora no maior cassino de Sin City. Quanto você jogou fora desde que você pagou suas agenciadoras e aquela dançarina que você engravidou? Cinco milhões? Dez? Você percebe que as contas precisam ser resolvidas aqui, David.

Ele percebeu que as acusações rapidamente lançadas não o hipnotizavam tanto quanto a foto da faca. Ele teria que voltar por isso. *Contas precisam ser liquidadas.* O que isso significa, afinal? Agora ele não precisava fingir uma voz trêmula.

- Eu amava minha esposa e tenho sofrido desde que ela se matou. Olhe para mim. Estou exausto.

- Parece-me que você está festejando como se não houvesse amanhã. - disse o detetive e pegou uma declaração escrita à mão. - Seu pai acredita que você assassinou sua esposa por dinheiro, especialmente em vista do seu comportamento recente. Ele veio até nós ontem e nos forneceu tudo o que precisávamos para estabelecer seu motivo.

David ficou olhando para a escrita elegante de seu pai e relembrou o argumento cruel que teve com Paul logo após sua última viagem a Vegas.

- Eu vejo onde isso está indo. - disse ele. - Meu pai me apresentou a Rachel, você sabia disso? Ele queria que eu casasse com uma mulher rica. Se ele está tentando me enquadrar para que ele possa pegar o dinheiro dela...

A grande barriga de Stuart tremeu quando ele riu. - Seu pai tem um álibi inabalável e hermético. O mesmo acontece com sua mãe, caso você esteja pensando em prendê-la a ela. Os dois estavam no evento beneficente para arrecadação de fundos durante todo o dia e jantaram com o governador naquela noite. - Ele inclinou a cabeça. - Foi um acidente, Dave? Você não queria machucá-la, mas você argumentou, e seu temperamento levou a melhor sobre você? Ela descobriu as dívidas de jogo ou a dançarina?

Ele não tem um corpo, então ele precisa de uma confissão, pensou David, e se sentiu calmo mais uma vez. Ele tinha sido muito cuidadoso para os policiais para provar qualquer coisa.

- Sinto muito, mas minha esposa se suicidou. Por favor, não me chame David. Eu desprezo apelidos.

- Bem, a festa acabou agora, *Dave*. - Stuart recolheu os documentos e os devolveu ao arquivo. - Crimes Financeiros obtiveram uma ordem judicial de emergência para congelar todos os bens da sua esposa. Hoje à noite terei os mandados de que precisamos para colocar tudo o que você possui sob um microscópio forense.

Contas precisam ser liquidadas.

Isso o lembrou: ele deveria ter investido mais dinheiro no exterior. Mas ter todos aqueles adoráveis milhões para brincar era impossível de resistir. Agora as *contas precisam ser liquidadas.*

- Nós vamos encontrá-la eventualmente, você sabe. - disse o detetive. - Quando o fizermos você estará se mudando para uma suíte permanente no corredor da morte.

- Você vai me cobrar com alguma coisa? - Quando Stuart sacudiu a cabeça, David se levantou e endireitou o paletó. - Se você precisar falar comigo novamente, entre em contato com meu advogado. Tenha um bom dia, detetive.

David deixou cair o celular em uma lata de lixo quando saiu da sede da polícia e dirigiu seu novo Porsche pela cidade até ter certeza de que não estava sendo seguido. Ele então foi para seu condomínio, onde trocou de roupa e colocou um chapéu para cobrir o cabelo. Deixando o Porsche na garagem subterrânea, ele levou sua Mercedes em outra rotatória através de uma área industrial antes de finalmente se sentir seguro o suficiente para entrar na rodovia e se dirigir para Los Padres.

Checando seus espelhos constantemente, David passou deliberadamente pela saída do parque e depois voltou. Quando chegou ao

bosque de carvalhos, ele havia elaborado um novo plano. Ele usaria seu conhecimento dos casos extraconjugais de seu pai para forçar Paul a retratar sua declaração inteira. Ele poderia até processar o Departamento de Polícia de San Diego por assédio, negligência e violação de seus direitos à Quarta Emenda. Ele não pretendia permanecer durante o processo, no entanto. Como precaução, ele já havia transferido um milhão de dólares para um banco suíço. Uma vez que ele comprasse uma nova identidade, ele voaria para Mônaco e reiniciaria sua vida.

Tudo o que ele tinha que fazer era pegar a faca que deixara presa na espinha de sua esposa.

David estacionou na beira da clareira, sorrindo enquanto saía. Ele teria que refazer seu francês para poder dizer às mulheres em Monte Carlo como ele gostava de ter seu pau sugado. O milhão que ele guardou não seria suficiente para mantê-lo à tona, mas talvez ele pudesse se ramificar, talvez se tornar um assassino de aluguel.

A grama crescera sobre o túmulo de Rachel, mas ele ainda se lembrava do local exato. Ele nunca sentiu nada tão emocionante quanto o momento em que ele enfiou a lâmina nas costas dela. Foi por isso que ele esqueceu de recuperar a arma. Antes de sair dos EUA, ele poderia usá-la novamente em Paul e cortar sua língua ou cortar suas bolas. Talvez ele fizesse sua mãe assistir.

Afinal, as *contas precisam ser resolvidas*.

David pegou a cabeça da pá e pegou a sacola, e juntou a ferramenta antes de começar a cavar o chão. No alto, as folhas emitiam um sussurro farfalhante quando ele jogou para o lado pá de terra e grama. Quando a borda da pá bateu em algo forte, ele assobiou com triunfo.

- Aí está você, Rache.

Ele raspou a terra do rosto em decomposição, que agora não se parecia em nada com sua esposa morta. Ele esperava que ela sentisse o cheiro podre, mas o cheiro que subia da terra era mais parecido com

rosas. Ele se ajoelhou para empurrar seu corpo para trás e então notou que suas roupas estavam erradas.

- O que ...

Quando ele puxou a saia cheia e pesada que ela usava, ela se desintegrou em seus dedos e caiu sobre o corpo em pilhas de fios apodrecidos.

Uma mão esquelética agarrou seu pulso, apertando-o com tanta força que David sentiu seus ossos se arrepiar. Um enorme raio de dor quente subiu por seu braço, fazendo-o uivar.

- Saia de mim! - Ele gritou.

Mas quando ele lutou contra a mão ossuda, de repente desmoronou em pó, fazendo-o cair para trás em sua bunda. Antes que ele pudesse se levantar, as raízes começaram a se levantar do chão e deslizar por cima e por baixo dele como tentáculos.

- Que porra é essa?

Ele pegou a pá e apunhalou as raízes com a borda. No entanto, para cada um que ele atravessou mais dois perfuraram através do solo para envolvê-lo. A pá caiu de sua mão quando ele se envolveu com as raízes se contorcendo, o que parecia estar empurrando-o para fora do chão.

O gosto da sujeira encheu a boca de David como uma raiz o amordaçou. Os movimentos das raízes pararam por um momento, mas depois seguiram na direção oposta. Seus olhos se arregalaram quando os crescimentos retrocederam para fora, e ele os viu envolvendo os carvalhos. Seus membros estavam esticados em quatro direções diferentes, e ainda as raízes continuavam apertando e puxando seu corpo.

Sons rasgados encheram o ar quando as costuras de suas roupas cederam, e então suas juntas começaram a estalar. A dor rasgou através dele quando ele berrou contra a raiz espremida entre os lábios. Seus braços e pernas se deslocaram e ele sabia que não iria parar. Isso nunca iria

parar. Ele ia ser separado. Isso não poderia acontecer com ele, não assim. Ele era um bilionário agora. Ele deveria estar vivendo a boa vida.

O puxão das raízes diminuiu, prolongando a tortura.

Como agonia ardia através de sua pélvis e torso, David sentiu a raiz sufocando-o deslizar para longe, e ele virou a cabeça quando algo jorrou de sua boca. Ele podia ver o túmulo de Rachel, agora cheio de centenas de rosas brancas. O cheiro doce deles encheu seus pulmões, queimando-o de dentro para fora. Gotas de sangue caíram sobre eles e os deixaram vermelhos.

Seu corpo estalou quando as raízes puxaram seu braço direito de seu corpo, e então seu esquerdo, e a última coisa que ele viu foi o chão correndo em direção ao seu rosto.

Os carvalhos estavam de sentinela enquanto as raízes arrastavam os pedaços do corpo de David Carver para o chão. A pá também desapareceu, enquanto as rosas na sepultura tornaram-se brancas de novo e depois recuaram para o solo quando a grama ocupou seu lugar. Acima do portal oculto, as veias de algumas folhas de carvalho se tornaram escarlates, mas depois de alguns instantes a clareira apareceu sem ser perturbada.

Todas as contas foram liquidadas.

Capítulo Vinte e Seis

ILHA SKYLE, ESCOCIA

Século Quatorze

No alto dos cumes do Black Cuillin, a fortaleza escondida do Clã McDonnel parecia cheia de luz e risos, ou então Cailean pensava enquanto levava Rachel Ingram do vestiário para o grande salão. Ali, todo o Clã McDonnel havia se amontoado dentro de suas paredes para testemunhar a cerimônia de casamento da dama com Evander Talorc, seu antigo Seneschal, que o Laird havia recebido de volta e promovido a Capitão da Guarda do Castelo.

- Uau, realmente existem muitos. - Rachel disse, parecendo um pouco nervosa. - Eu estive sozinha com Evander nas montanhas por todo esse tempo, então até mesmo a feira da aldeia parecia enorme para mim.

- Todos são homens bons e gentis, mas espero que você saiba disso. Meu mestre, Bhaltair Flen, envia seus melhores desejos. Ele está nas terras baixas atendendo àquele patife desgraçado que te traiu. - Cailean parou para aceitar um buquê de rosas brancas de uma empregada, que ele colocou nas mãos de Rachel. - Um presente do seu povo.

Ela ergueu as flores até o nariz e respirou seu doce aroma.

- Mas é inverno. - disse ela. - Onde no mundo você... oh. - Ela sorriu para ele. - Você encantou algumas ervas daninhas. Isso é incrível.

Assim foi a sua capacidade de ver em sua mente. - O feitiço deve durar mais um dia antes de retornar ao seu estado natural. Eu posso ensinar a você, se você quiser.

- Você acabou de fazer. - disse ela e sua expressão ficou triste. - Cailean vejo que você está preocupado, mas deveria saber que descobri algo sobre meu presente. Só posso lembrar o que eu e Evander compartilhamos. - Ela olhou para as flores. - Com os pensamentos e memórias de outras pessoas, depois de um dia ou mais, eles desaparecem. Eu sou uma lousa limpa novamente.

O nó no peito afrouxou. - Então, o que você viu em minha mente na enseada desapareceu agora.

Rachel assentiu. - Quaisquer segredos que você compartilhou estão seguros. Até mesmo a magia da ressurreição que usamos desapareceu da minha memória.

Cailean sabia que o conclave estava considerando medidas mais drásticas para impedir que Rachel interferisse em seus planos, e ficou feliz por eles não serem mais necessários.

- Você me deu um grande presente, minha senhora.

- Lembre-se. - ela avisou, - Eu sempre posso ler você de novo.

Sentindo-se muito aliviado e um tanto desconcertado, Cailean escoltou Rachel pela última escada até o grande salão. Lá ele a guiou até a grande lareira onde Evander e Lachlan estavam esperando com os Lairds mortais visitantes.

Cailean recuou para o salão superior para observar, e notou como a expressão severa de Evander desapareceu abruptamente no momento em que viu sua noiva. O belo sorriso iluminou seu rosto e fez o druida sentir uma rara onda de inveja.

Como seria viver para sempre com um amor que sempre estaria com você?

Quanto a Rachel Ingram, agora para ser a Senhora Talorc, Cailean provavelmente nunca se sentiria especialmente confortável em torno dela. A facilidade com que ela arrancara de sua mente tudo o que ele conhecia, incluindo todos os detalhes do Grande Projeto, o desconcertara. Embora não fosse de propósito para ela revelá-lo - e agora ele sabia que ela havia esquecido - esse conhecimento era realmente muito perigoso.

- Ela é uma beleza. - uma voz baixa e doce disse atrás dele, e Lady Gordon veio se juntar a ele.

Ela usava um vestido de seda verde-claro que mostrava sua figura delicada, agora restaurada após seu confinamento, e um véu de renda dourada sobre as tranças suaves e pesadas que coroavam sua cabeça.

Ele se lembrava das noites que tinham compartilhado quando o cabelo dela descia até os quadris dela, e o toque de suas mãos em seu corpo magro o levara a tomá-la de novo e de novo. O que tinha sido um dever sagrado havia se tornado muito mais que Cailean sempre queimaria com culpa - e ainda assim ele ficou rígido ao vê-la.

- Eu não posso ajudar, mas concordo. - disse ele e olhou para baixo para ver Laird Gordon ao lado de Lachlan. Ele gostava do belo e jovem Laird,

que sempre fora gentil com ele. Ele também o odiava com cada fibra do seu ser. - Devo escoltá-la ao seu marido, minha senhora?

- Isso seria estúpido, como ele me enviou para encontrá-lo. - Ela recuou e gesticulou em direção aos aposentos de hóspedes. - Venha, e eu vou te mostrar o porquê.

Cailean considerou inventar uma desculpa para escapar dela, mas nenhum lhe veio à mente. A presença de Bethany Gordon sempre o reduziu a um garoto inexperiente.

- Se você quiser. - disse ele.

Lady Gordon levou-o diretamente para o quarto da cama que ela compartilhava com o marido. Uma vez lá dentro, ela dispensou a empregada que vigiava a criança no berço ao lado da cama. Assim que ficaram sozinhos, ela ergueu o garoto rechonchudo em seus braços e levou-o para Cailean.

- Nós o nomeamos Danyel. - disse ela e balançou o corpo de um lado para o outro enquanto as pálpebras do menino se levantavam. Ele fez um som baixo e arrogante. - Você vai segurá-lo agora?

Cailean mal a ouviu quando ele olhou nos olhos sonhadores do bebê. Ele fora escolhido pelo conclave para engravidar Lady Gordon por causa de sua semelhança com o futuro marido, mas o bebê era uma pequena miniatura dele.

- Não me atrevo, minha senhora. Eu não gostaria de... - Ele ficou boquiaberto quando ela colocou o pequeno pacote em suas mãos. - Minha senhora, o que você está fazendo?

- Estou te apresentando ao seu filho, Ovate Lusk. Danyel, este é seu pai. - Lady Gordon cruzou os braços. - Não faça essa cara para mim. Olhe para ele. Ele está todo sobre você. Você não vê seus olhos?

- Eu não posso ver a semelhança, minha senhora. - disse Cailean e levou o menino até o berço e cuidadosamente colocou-o nele. - Disseram-me que o trabalho difícil do parto às vezes dá às mães noções estranhas. -

Queridos deuses, essa bobagem estava saindo de seus lábios? - Aos meus olhos, o jovem mestre Gordon lembra muito seu pai, o Laird.

- Certamente ele faria se Gordon já tivesse me levado. - disse ela, batendo o pé agora. - Que ele não tem, e não vai. Para o mundo, podemos ser marido e mulher, mas sozinhos somos como irmão e irmã.

A mandíbula de Cailean caiu. - Certamente não.

- Sim. Quando Gordon deseja prazer, ele a compartilha com Eamus, seu guarda-costas. Eles cresceram juntos como meninos, e eles são amantes desde que se tornaram homens. - Lady Gordon marchou até ele. - Agora me diga que Danyel não é seu ou que algum milagre foi feito pelos deuses para me abençoar com um bebê. Não é isso que lhe disseram para dizer?

- Crianças muitas vezes... é totalmente provável que... oh, ceguem-me. - Ele caiu na beira da cama e enterrou o rosto corado nas mãos. - Perdoe-me, Bethany. Eu nunca quis fazer isso com você.

Ela sentou-se ao lado dele. - Cailean, não é tão terrível quanto você pensa. Quando meus cursos pararam, soube ser honesta com Gordon. Como não havíamos estado juntos, não me atrevi a fazer o contrário. Eu disse a ele que ficamos juntos antes de nosso casamento, e o bebê que eu carregava era seu. Perguntei-lhe se poderia ficar com Danyel e ele concordou em criá-lo como seu.

Ele ousou olhar para ela e viu lágrimas brilhando em seus olhos suaves.

- Mas por que ele deveria... - Cailean perguntou, - Agora que ele tem a verdade sobre isso?

- A notícia emocionou-o. Ele nunca esperou ter um filho, e ele não poderia dar um para mim. Nós tentamos você sabe, porque dois clãs dependem de nós, mas com todas as mulheres ele é incapaz. - Ela pegou um lenço e enxugou os olhos. - Foi em troca em parte por manter em segredo seu amor por Eamus. Você sabe o que aconteceria a eles se fossem descobertos.

- Eu sei. - Cailean disse e pegou a mão dela. - Se eu soubesse de seus pendores, Beth, nunca teria pressionado pelo casamento.

- Ainda assim você teria mentido para mim. - ela repreendeu. - E encontrei outro marido para culpar por ter criado Danyel, então o plano pode continuar.

Agora ela estava assustando ele. - Eu não sei o seu significado.

- Sim, você faz. Falei com Lady McDonald e a prometida de Laird Darrow. Ambos carregam os filhos de druidas que vieram para consolá-los, como você fez comigo. Espero que haja muitos mais. - Antes que ele pudesse negar, ela balançou a cabeça. - Eu não quero ser informada de qualquer esquema que você planejou. Não é por que eu te convidei aqui.

Agora ela queria algo dele. Ele podia ver isto no conjunto teimoso do queixo dela.

- Então por que você, minha senhora?

- Eu fiz o que os druidas queriam. Agora é minha vez de planejar. - Lady Gordon levantou-se da cama e foi trancar a porta. - Danyel vai dormir por mais uma hora e o Laird deve comparecer à festa de casamento. Ele vai dizer a eles que estou descansando. - Ela veio para ficar diante dele. - Tire o seu manto. Eu te desejo nu por isso.

Ele quase caiu da cama. - Nós não podemos. *Bethania.*

- Och, Cailean, não seja tão idiota. Você se importa comigo e eu você. Gordon entende e aprova. Estou determinada que Danyel não seja meu único filho. - Ela arrastou o corpete para baixo até revelar seus seios inchados de leite. - Os druidas não precisam saber. Será o nosso segredo.

Cailean olhou para ela e viu a ternura em seus olhos quando ele começou a soltar o roupão.

- Sim. - ele sussurrou.

Capítulo Vinte e Sete

Depois da cerimônia de casamento, o banquete e a bebida começaram. Rachel foi abraçada e recebida pelo clã como se ela fosse uma princesa em vez da esposa de seu Capitão da Guarda. Ela dançou para os gaiteiros com Evander em primeiro lugar, que a guiou através do deslizamento, circulando os passos de um carretel. Depois disso, o Laird reivindicou a honra da segunda dança que era uma dança de linha consistindo de giros e arcos.

- Nada de brincadeiras. - disse Evander quando Neac se aproximou dela. - Ela é uma moça pequenina, e você vai quebrá-la.

O chefe encostou a mão nele e conduziu Rachel até o chão, onde ele e os Uthars lhe ensinaram a dança do círculo de arremesso de braço da tribo. No momento em que terminou, ela pensou que estaria corada e sem fôlego, mas parecia que sua nova imortalidade vinha com vitalidade infinita e excelente capacidade pulmonar.

- Tudo bem, garotos. - Kinley anunciou quando ela e Diana pegaram os braços de Rachel. - Nós, senhoras, vamos ter um pouco de ar e conversar. Continue a festejar até voltarmos.

Rachel olhou para Evander enquanto as mulheres a puxavam através de um arco para o pátio dos fundos.

- Então, o que é isso, minhas senhoras? - Ela perguntou.

- Ela é a senhora, eu sou a policial. - disse Diana. - Decidimos formar um pequeno bando de guerra só de garotas.

- Oh, sim. - Kinley disse a ela. - Porque estamos completamente em desvantagem.

Enquanto ambas estavam um pouco bêbadas, Rachel sentiu que era para o benefício de qualquer homem que estivesse assistindo.

- Então, como isso funcionaria? - Rachel disse, sorrindo.

Diana riu. - Eu vou rastrear os mortos-vivos, você vai pegar seus cérebros e, em seguida, Kinley vai tocha-los.

- Ótimo, eu faço churrasco novamente. - disse Kinley. Enquanto caminhavam pelos jardins, Lady McDonnel parou e virou seus olhos azuis vívidos e brancos para Rachel. - Antes de toda a matança e ressurreição, você não descobriu se a Legião construiu uma nova fortaleza em algum lugar, não é?

- Minhas leituras desaparecem depois de alguns dias, então não. - Rachel disse, e explicou a desvantagem inexistente de sua habilidade que ela inventou enquanto conversava com Cailean. Embora ela estivesse mentindo por entre os dentes, as duas mulheres pareciam acreditar nela. - Eu tenho uma vaga lembrança de algo grande em algum lugar perto da água. - Pelo menos isso era verdade. Nenhum dos mortos-vivos havia pensado em sua fortaleza em torno dela. Ela arrancou esse pensamento de um dos cativos.

- Bem, isso exclui as terras baixas. - disse Diana e caiu em um banco. Ela tomou um gole da garrafa de vinho na mão e passou para Kinley antes de sacudir a saia. - Desde que estamos tendo nossos primeiros filhotes não oficiais da futura reunião do clube, eu voto que abordamos algumas coisas.

- Isso deve ser bom. - disse Kinley para Rachel.

- A falta de roupas confortáveis e a questão da TP são minhas principais vadias. - declarou a ruiva. - E depois há as tortas de peixe e castigo de passas. Que tem que parar, Capitã, Meg e eu vamos roncar.

- A questão da TP? - Rachel murmurou para Kinley, e então percebeu o que era. - Oh, você sabe, casca de bétula funciona muito bem. - Quando as duas mulheres olharam para ela, ela disse: - Não do lado de fora. O interior. É muito macio e absorvente.

Diana assentiu. - Então, observou, além de pontos para uso criativo da natureza.

- Para a roupa, também temos toneladas de roupa de cama não utilizada na cabana. Fiona não podia ir a lugar nenhum, pobre menina, então tudo o que ela fazia era tecer. - Rachel sorriu tristemente. - Seria ótimo para vestidos de verão.

- Agora *eu* quero casar com você. - disse a ruiva e suspirou. Mas então ela se levantou. - Oops tem o meu cara, e parece que ele quer tirar o meu vestido de cima de mim. Vejo todas vocês quando eu recuperar a consciência e mancar para o andar de baixo, em algum momento amanhã à tarde.

Kinley acenou para Raen, e então pediu a Rachel para caminhar até o lago com ela.

- Foi realmente um dia adorável, e estou tão feliz por você ter se juntado ao clã. Nós, mulheres, somos a minoria, e é bom ter alguém que não precise de mim para explicar coisas como carros esportivos, basquete e cheeseburgers.

Rachel riu. - Nós devemos fazer alguns. Temos quase todas as matérias-primas aqui, exceto o ketchup.

- Deus, eu sinto falta de tomates. Molho de tomate. Queijo grelhado e sopa de tomate. - A outra mulher suspirou. - Ok, hora das coisas sérias. Meu marido acha que você forçou Cailean Lusk a trazer Evander de volta dos mortos. Verdadeiro ou falso?

Rachel manteve sua expressão em branco. - O que você acha?

- Acho que você leu a mente dele e fez isso sozinha ou o fez ajudá-la. Isso é o que eu teria feito. - A esposa do Laird olhou para a fortaleza. - De certo modo, é bom que suas leituras desapareçam. Mas se houver algo que você ponha em perigo, diga ao meu marido.

O frio distanciamento de suas emoções surpreendeu Rachel. - Você não confia nos druidas.

- Eu tenho minhas suspeitas. - disse Kinley e sorriu para ela. - Vá em frente, dê uma olhada.

- O filho de Lady Gordon é a imagem de Ovate Lusk. Ele pode ser um de seus ancestrais, já que Gordon é um velho sobrenome. - Rachel concentrou-se. - Você também tem certeza de que Diana é a descendente direta de Bhaltair Flen. Uau. Isso é interessante.

Kinley deu de ombros. - Poderia ser apenas uma coincidência selvagem que dois de nós viemos aqui, mas acho que você pode ter algo para contribuir para a minha teoria da conspiração.

- Minha mãe e meu pai passaram a lua de mel na Escócia. - admitiu Rachel. - No primeiro aniversário, meu pai deu à minha mãe uma mesa de pedra que ela viu ali. Essa mesma mesa está na cabana de Evander agora.

- Whoa. - Kinley murmurou e ofereceu-lhe a garrafa de vinho. - Não quero ser mais intrometida, mas você parece italiana para mim. Onde está a conexão escocesa na sua árvore genealógica?

- Minha mãe era italiana, mas meu pai era meio escocês. O nome de solteira de sua mãe era Darrow. - Rachel assentiu em direção ao grande porão. - Na verdade, acabei de conhecer um Laird Darrow e sua noiva, e juro que aquela senhora tem as orelhas do meu pai.

A boca de Kinley se achatou. - Droga.

- Eu posso ler Cailean novamente, se você acha que é necessário, mas ele estará em guarda agora. - disse Rachel. - As pessoas podem esconder seus pensamentos de mim, como você fez, quando você me trouxe para falar sobre isso.

- Vamos adiar isso por enquanto. - disse Kinley. Ela olhou para ela e sorriu. - Aqui está seu marido e o meu.

Evander e o Laird desceram para se juntar a elas. Depois de dar um beijo paternal na bochecha de Rachel e abraçar antebraços com o marido, Lachlan conduziu sua esposa de volta à fortaleza. Rachel notou Evander olhando para um ponto, e viu um flash em sua mente do dia em que ele levou Fiona da masmorra para fugir com ela.

- Eu não tive a chance de te contar. - Rachel disse enquanto pegava a mão dele. - Quando eu estava no bosque com Fiona, ela me pediu para lhe dar seu amor.

- É como vou me lembrar dela, com o mesmo. - Ele levou a mão aos lábios. - Agora, minha senhora, o Laird nos forneceu sua estadia nos cumes para a nossa noite de núpcias. Lady Kinley a estocou com um banquete privado e tudo o que podemos querer. - Ele olhou para o céu. - Podemos ser cobertos de neve por um dia ou dois.

- Será como se estivéssemos de volta ao chalé novamente. Só você e eu, cuidando um do outro, conversando junto ao fogo e fazendo amor todas as noites - mas não apenas por um dia ou dois. - Rachel ficou na ponta dos pés e puxou seu rosto sorridente para o dela. - Isso vai ser o resto de nossas vidas, meu amor.